

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Preservação do Legado Industrial Através da Memória

Proposta de Salvaguarda da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Viana do Castelo

Jorge Silva Ribeiro

M
2020



Preservação do Legado Industrial Através da Memória

Proposta de Salvaguarda da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Viana do Castelo

Jorge Silva Ribeiro



PRESERVAÇÃO DO LEGADO INDUSTRIAL ATRAVÉS DA MEMÓRIA

Proposta de salvaguarda da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Viana do Castelo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientação do Professor Doutor Joaquim José Lopes Teixeira

Jorge Silva Ribeiro
2020

As citações de língua estrangeira foram alvo de tradução livre pelo autor. Algumas das imagens apresentadas foram recortadas e/ou sofreram alterações de cor relativamente às originais.

AGRADECIMENTOS,

*À minha mãe,
Ao meu pai,
Ao meu irmão,
Ao meu avô Manuel Ribeiro,
Ao Professor Joaquim Teixeira,
e
A todos os familiares e amigos*

RESUMO

A presente dissertação pretende através da memória, refletir sobre a importância da conservação e salvaguarda do património industrial. Investigando as especificidades de projetar sobre uma estrutura de índole industrial, procurando novos usos para estes espaços.

Para investigar o processo de reconversão destes edificados, a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos em Viana do Castelo serviu-nos de caso de estudo. Ao longo da dissertação realizou-se uma análise histórica, descritiva e crítica do contexto nacional. Pondo em evidência o potencial destes edifícios e explorando novos métodos de intervenção na pre-existência e na sua dinamização da envolvente urbana e social.

A lógica da intervenção passa pela reabilitação do edificado existente, mantendo no conjunto todos os fragmentos estruturais de maior relevo do local. Esta proposta, tem como objetivo a adaptação, percepção e proposição de um novo moderno que procura a incorporação de “gente”.

Palavras-chave:

Memória; Património Industrial; Indústria Cerâmica; Salvaguarda;
Alvarães; Viana do Castelo

ABSTRACT

This dissertation intends, through memory, to reflect on the importance of the conservation and safeguarding of the industrial heritage. Investigating the specifics of designing on an industrial structure, looking for new uses for these spaces.

To investigate the conversion process of these buildings, the Jerónimo Pereira Campos, Filhos Factory in Viana do Castelo served as a case study. Throughout the dissertation, a historical, descriptive and critical analysis of the national context was carried out. Highlighting the potential of these buildings and exploring new methods of intervention in the pre-existence and in its dynamization of the urban and social environment.

The logic of the intervention goes through the rehabilitation of the existing building, keeping together all the structural fragments of greater relevance of the place. This proposal aims to adapt, perceive and propose a new modern that seeks to incorporate people.

Key words:

Memory; Industrial Heritage; Ceramics Industry; Safeguard; Alvarães; Viana do Castelo;

“O passado vivido deve ser considerado não como uma questão de estilo mas como um elemento integrante e sempre renovado no processo de criação.”¹

¹ KAHN, Louis - I. Conversas com Estudantes, 2002. p 11

AGRADECIMENTOS	
RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO	15
I. MOTIVAÇÃO	16
II. OBJETO E OBJETIVO	17
III. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	18
IV. ESTRUTURA	19
I PROBLEMÁTICAS DA INTERVENÇÃO EM PATRIMÓNIO INDUSTRIAL	
1.1 DEFINIÇÃO DE CONCEITOS-BASE	
1.1.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE	21
1.1.2 PATRIMÓNIO CULTURAL E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL	25
1.2 PROBLEMÁTICAS INERENTES À DESINDUSTRIALIZAÇÃO	29
II. A FÁBRICA JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS	
2.1 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SOCIAL	37
2.2 A INDÚSTRIA CERÂMICA DA ÉPOCA - CONTEXTO HISTÓRICO	41
2.3 FUNDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA FÁBRICA	45
III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CASOS DE ESTUDO	
3.1 DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	55
3.2 ANÁLISE DE CASOS DE ESTUDO	
3.2.1 COMPLEXO INDUSTRIAL OLIVA	57
3.2.2 FÁBRICA SANTO THYRSO	69
3.2.3 LA FABRICA	81
IV. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO EXISTENTE	91
4.1.1 IDENTIFICAÇÃO DE ANOMALIAS E DEFINIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO	97
4.1.2 IDENTIFICAÇÃO DOS VALORES PATRIMONIAS	101
4.3 CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO	105
4.3 PROPOSTA DE PROGRAMA DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA	111
4.4 CONTRIBUTO PARA UM PROJETO DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA	115
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
FONTES BIBLIOGRÁFICAS	129
ICONOGRAFIA	132

INTRODUÇÃO

“Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos.”²

O período de industrialização em Portugal teve repercussões que marcaram a paisagem urbana, a arquitetura e a organização social, ainda hoje bem visíveis. Com este efeito, a construção de complexos industriais, além de ter causado um forte impacto no território, muitas vezes negativo, foi responsável pelo desenvolvimento urbano dos locais onde se instalaram, seja das povoações existentes, seja até de novos bairros de promoção privada, ligados aos empreendimentos. Estes complexos industriais também estão associados a uma nova arquitectura, iminentemente funcional, que procura responder de forma imediata às necessidades das unidades fabris, em muitos casos, utilizando novos materiais e formas que expressam a época da sua construção.

Portugal passou por um processo em que se verificou a diminuição do peso do setor industrial na economia. Este período de desindustrialização levanta uma série de questões: Como reprogramar estes edifícios industriais desativados? O que fazer com estes espaços que, em muitos casos, são abandonados e deixados à ruína? Como reabilitar estes edifícios respeitando a pré-existência?

O melhor método de preservar este património arquitectónico é através da reconversão, atribuindo novas características programáticas a estes espaços, criando novos dinamismos e interesses, uma vez que o propósito original se tornou obsoleto devido ao rápido avanço tecnológico inerente à produção industrial ou por exemplo, em casos de má gestão ou das opções de deslocalização das indústrias para outros países de mão de obra mais barata.

É neste sentido que se procura dar uma nova perspectiva e contributo a estes exemplares de arquitectura do período modernista, reconhecendo o seu valor complementando-os com novos programas, através da reestruturação dos seus estes espaços adaptando-os à actualidade e concedendo-lhes uma nova vida, reconhecendo o seu valor.

² Carta de Nizhny Tagil, Património industrial – TICCIH, Julho 2003

I MOTIVAÇÃO

A escolha do tema partiu, em primeiro lugar, pela proximidade física e emocional à Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos. Física, visto que resido na freguesia onde está instalado o edifício. Emocional, uma vez que os meus avós, Beatriz Silva, Manuel Silva e Manuel Ribeiro trabalharam arduamente neste edifício e transportam muitas das memórias daquele espaço até à atualidade. Foram eles os motores fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

Desde logo, preservar a fábrica é salvaguardar fragmentos da história cultural, económica e social da Vila de Alvarães, Concelho de Viana do Castelo.

Com este trabalho de investigação, cujo objetivo é apresentar uma proposta de reabilitação da fábrica, pretende-se, por um lado, deixar o alerta para a necessidade de preservação deste legado patrimonial; e, por outro, dar um contributo para a concepção de uma proposta de intervenção, conducentes à sua salvaguarda.

Em segundo lugar, esta unidade fabril tem uma importância não só por ser um marco simbólico no panorama industrial na zona minhota, mas também porque constitui um espaço físico de memórias.

Através desta dissertação pretende-se, com a proposta de intervenção, fixar as memórias, as histórias e os testemunhos, materiais e imateriais, que estão inexoravelmente ligados à existência passada da fábrica.

As preocupações ambientais são para o autor um motivo de preocupação e, como futuro arquitecto, o património edificado constitui um exemplo de como a sua reutilização, reabilitação, poderá contribuir para reduzir a pegada ecológica que constitui na actualidade a indústria da construção. Por outro lado, também constitui uma motivação para a selecção do tema desta dissertação poder dar um contributo para a dificuldade que constitui a intervenção no património industrial, enriquecendo os exemplos de estudos existentes, que vão sendo cada vez maiores, dado o crescente interesse de investigadores.

II OBJETO E OBJETIVO

O objeto de estudo da presente dissertação é a Fábrica Jerónimo Pereira Campos e Filhos, localizada em Alvarães, Viana do Castelo; que descende da segunda mais antiga fábrica de cerâmica portuguesa, localizada em Aveiro.

A fábrica foi construída em Alvarães (início do século XX), na altura uma aldeia bastante rural, cuja população vivia predominantemente da agricultura. Este edifício teve um papel determinante para o desenvolvimento da localidade, tornando-se num marco importante no setor industrial de cerâmica em Portugal. Ao analisar-se o período da industrialização em Portugal e em concreto o caso da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos em Alvarães, compreende-se os processos de evolução que a sociedade sofreu e, por conseguinte, a importância que tem na actualidade preservar os seus testemunhos. Esta dissertação tem como objectivo refletir numa proposta de estratégia de intervenção, que possibilite a salvaguarda deste exemplo de património industrial, mantendo vivo este legado, mas também a área urbana onde se insere, bem como a cultura local, dadas as relações intrínsecas estabelecidas.

A intervenção para a reabilitação desta unidade industrial deverá equacionar a atualidade, procurando responder às seguintes questões subjacentes à reflexão e que o projecto de intervenção deverá equacionar. Como se pode manter vivo um complexo industrial cujo desígnio inicial deixou de ser viável?

Como se compatibilizam novas funcionalidades numa estrutura pré-existente? O que faz sentido preservar enquanto garantia de memória?

Pretende-se desenvolver um estudo para uma proposta de intervenção, correspondente a um Estudo Prévio, para este complexo fabril, mantendo a componente industrial existente em ativo.

Esta proposta, tem como objetivo a adaptação do edifício para outro conteúdo programático, com vista à incorporação de “gente”. Posto isto, pretende-se que os espaços, prezem a identidade do local, mas que valorizem o convívio entre as pessoas. Como o edifício é industrial, a ideia é prezar a simplicidade das formas, dando clareza e leveza à obra. Conservar a fábrica é preservar um pedaço da história de Alvarães, mas um pedaço da história como ela é, sem artifícios.

III METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Partindo do particular (caso de estudo em questão) para o geral (tema base da dissertação), inicia-se a investigação com o estudo e análise da Fábrica de Jerónimo Pereira Campos no passado e no presente.

Sobre o edifício em específico em Alvarães a informação é quase inexistente, sendo que este edifício não representa um edifício de relevância histórica. Consultaram-se alguns dados teóricos na Câmara Municipal de Viana do Castelo e ainda a escassa informação gráfica cedida pelo proprietário da Fábrica Jerónimo Pereira Campos.

Cumprir-me informar da dificuldade ao longo desta investigação originada pela falta de bibliografia referente à Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, o que dificultou o conhecimento do existente. Regista-se a falta das plantas mais recentes referentes à última remodelação, e plantas alçados e cortes referentes a todos os edifícios que englobam o conjunto industrial.

Estas referências gráficas são elementos fundamentais para a reabilitação do edificado, uma vez que são evidências de extrema importância que servem de base para a preservação deste legado.

Numa segunda fase, tendo em conta as características históricas e atuais da Fábrica, selecionaram-se três casos de estudo que se aproximassem do caso da Fábrica Jerónimo Pereira Campos e que apresentassem casos interessantes e diferentes de atuação e de reativação de edifícios pós-industriais. Esta análise dos casos industriais, centrada nos programas e nas estratégias de intervenção, foi elaborada com base nas informações disponibilizadas na internet, complementando com a bibliografia existente.

Por último, enquanto resultado de todo este percurso metodológico desenvolvido ao longo da tese, apresenta-se o contributo para a intervenção da Fábrica de Fábrica Jerónimo Pereira Campos. Esta reflexão resulta da contribuição de cada uma das partes abordadas na dissertação, nomeadamente da análise do objeto de estudo – história, contexto e situação atual, estudo de casos e consciencialização das problemáticas do património industrial.

IV. ESTRUTURA

A estrutura da tese segue a ordem descrita na metodologia de investigação, constituindo o reflexo da mesma. A presente dissertação divide-se em quatro partes, o primeiro capítulo define os conceitos de interesse ao tema abordado, e reflete sobre as problemáticas inerentes à desindustrialização. Aborda e reflete sobre temas, de índole teórica, relacionados com a intervenção em património em geral, e com a intervenção em património industrial em particular, discutindo as principais problemáticas que se colocam em face da intervenção num edifício existente, particularmente, quando esse se traduz por um exemplar industrial.

No segundo capítulo faz-se uma caracterização geográfica e social, intrinsecamente relacionada com o contexto sociocultural de Alvarães, atendendo à influência que esta unidade industrial exerceu desde o seu surgimento. Aborda-se o contexto histórico da época em que surge a fábrica e a história do seu desenvolvimento, desde a sua fundação até ao seu estado atual.

Seguidamente, no terceiro capítulo analisaram-se alguns edifícios industriais que apresentam características semelhantes ao caso de estudo, servindo de base para fundamentar a proposta de intervenção.

O quarto capítulo centra-se na proposta de salvaguarda e valorização da fábrica, resultado de todo o percurso metodológico desenvolvido ao longo da tese.

Por último, apresentam-se as conclusões da investigação efectuada, não deixando de concluir com sugestões para futuros desenvolvimentos sobre o tema tratado.

I. PROBLEMÁTICAS DA INTERVENÇÃO EM PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

1.1. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS-BASE

1.1.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE

*“Memória - é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”.*³

A memória é a capacidade humana de inscrever, conservar, e relembrar mentalmente vivências, conhecimentos, conceitos, sensações e pensamentos experimentados num período passado.

Segundo o Dicionário de Conceitos Históricos a memória é um dos alicerces da História, interligada com o documento, com o monumento e com a oralidade. O estudo da memória como componente base para o entendimento histórico é recente, só por volta da década de 70 é que os historiadores começaram a trabalhar com a memória como fator relevante de reconstituição de factos. Sendo o património um legado do passado histórico, torna-se essencial o entendimento sobre a constituição da memória, dando especial importância à memória coletiva. Na compreensão de Freud, a memória não é um mero depósito de recordações, para ele, a nossa mente não é uma matéria estática. Freud, na sua interpretação, diferencia a memória de um simples depósito de lembranças, defendendo que a nossa mente não é um elemento estático. Freud acrescenta metaforicamente o exemplo em que a memória é como um bloco de cera, um “bloco mágico” que é fissurado pelas lembranças, umas mais profundas que outras, mas que continuam presentes, moldando-o e moldando-nos.

Depreende-se assim que as memórias são recordações singulares que retemos. As lembranças umas mais significativas que outras, influenciam inevitavelmente a nossa maneira de ser. Contudo, quando falamos de memória coletiva, não estamos só a falar de recordações vividas por um indivíduo, mas sim por uma coletividade de pessoas que partilham entre si a mesma lembrança. Existem várias interpretações sobre a importância da posição da memória na sociedade e na constituição da História. Maurice Halbwachs e António Montenegro dão-nos duas perspectivas diferentes, Halbwachs⁴ defende nitidamente a diferença entre História e

³ SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique, Dicionário de Conceitos Históricos, Editoria Contexto, 2005 p.275

⁴ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2003.

memória coletiva. Para o autor, não existe memória puramente individual, tomando como ponto de partida que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através das suas diversas agências e instituições sociais. Montenegro dá-nos uma perspectiva mais dúbia, visto que defende que a História é definida por um agregado de memórias. Não esquecendo os vários pontos de vista já assinalados, é necessário perceber que a História é composta por relatos do quotidiano das sociedades, da mesma maneira que a memória coletiva é uma componente fulcral para a identidade de um conjunto de pessoas ou comunidade. A memória é uma propriedade intrínseca das sociedades, criando elos entre as relações sociais dos indivíduos. É a história não escrita, que tem como função manter a coesão de um grupo.

“A memória coletiva guarda tudo o que já foi dito, tornando possível que possamos dizer tudo de novo, ou entender quando algo for dito por outros.”

“(...) As palavras, mesmo as mais simples, já chegam até nós carregadas de significados que nós não construímos, que não sabemos como foram construídos, mas que entendemos, que fazem sentido para nós.”

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.”

5

Quando abordamos a memória coletiva como meio de união de um grupo temos inevitavelmente de associar a questão da identidade. Memória e identidade são conceitos que estão indissociavelmente ligados. A identidade é uma construção histórica, com base em acontecimentos e comparações. A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade, que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa, evocando um conjunto de lembranças do quotidiano. Assim sendo, é fundamental ter em consideração estes dois conceitos quando

⁵ LE GOFF, Jacques. História e memória. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

analisamos a evolução de uma sociedade e as medidas tomadas pelos seus intervenientes.

Ao considerarmos este estudo no caso específico das sociedades industriais, - evolução e decadência - podemos verificar que a atividade económica talhou toda uma geração e as que a procederam. A identidade, enquanto propriedade inerente a um ser, é composta pelos valores transferidos no passado e no presente, crenças e metas com que cada indivíduo está comprometido. Partindo da simplicidade de elementos específicos como acontecimentos, consequências, imagens, fragmentos e paisagens quotidianas, a memória e identidade de uma determinada sociedade vai ganhando corpo.

Como exemplo temos a arquitetura que torna estes princípios em matéria física. A oralidade foi inicialmente o fator preponderante na transmissão de conhecimento de geração em geração, dando assim continuidade à memória coletiva de um grupo. Porém quantos mais elementos estiverem ao alcance dos novos integrantes deste grupo ou comunidade, mais fortes e fidedignas são as memórias. Citando a afirmação do Dicionário de Conceitos Históricos *“O próprio esquecimento é também um aspeto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades.”*⁶ Denota-se que a renovação dos membros de uma comunidade ou de um grupo e as alterações temporais no quotidiano, tem consequências diretas na memória coletiva e na identidade de uma geração.

*“É muito raro que um edifício se identifique somente com o tempo da sua criação; eloquentemente evidencia o curso da História, com as alternâncias e decadências, de catástrofes e novos recomeços, que ficam bem patentes na sua caracterização arquitectónica”.*⁷

A era industrial em Portugal como exemplo em concreto, marcou várias gerações ao longo do tempo, desde o seu início por volta de meados do século XIX, até à sua decadência. Considerando que já no século XX, a indústria teve um papel fundamental que norteou uma sociedade.

Os edifícios que deram consistência à produção industrial na sua maioria caíram no esquecimento, tornaram-se ultrapassados e posteriormente degradados e obsoletos; conservando-se apenas as lembranças diárias do que em tempos foi o ponto gravitacional de inúmeros cidadãos. Para que seja possível este processo constante de evolução e o desenvolvimento de um povo, é inevitável que se perca um pouco do

⁶⁶ SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique, Dicionário de Conceitos Históricos, Editoria Contexto, 2005 p.278

⁷ Infante, Sérgio, “Autenticidade continuidade e mudança”, Arquitectura e vida nº15, Lisboa, abril 2001, p. 62

passado. Registrar o que se sucedeu é o manifesto do Homem na direção do futuro.

Levantam-se questões como:

Como estipular o que deve ou não ser eliminado?

Se parte da nossa identidade é moldada com base no passado, como se garante que este princípio condutor é preservado?

Como resposta a estas questões, somos remetidos para um dos principais conceitos a desenvolver ao longo desta dissertação – O Património.

Tornou-se necessário aprofundar o ponto de equilíbrio entre o passado e a evolução da sociedade. Para as gerações mais novas, estes registos são necessários na preservação da memória coletiva sejam eles imateriais ou físicos.

A Fábrica Jerónimo Pereira Campos e Filhos empregou um numeroso grupo de operários residentes em Alvarães, o que motivou a que este edifício tivesse um papel determinante na memória coletiva da região.

1.1.2 PATRIMÓNIO CULTURAL E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

O conceito de património surge associado à ideia de legado, uma herança, que passa de pai para filho, mas remete também *“às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e tempo.”*⁸ Durante o séc XX, o conceito foi sendo sucessivamente ampliado englobando não apenas os monumentos artísticos e históricos, mas também todos os bens, materiais e imateriais que constituem os vestígios de atividade humana num determinado território, provenientes de uma determinada cultura, os quais constituem importantes fontes de informação sobre a vida e as atividades das pessoas ao longo do tempo. Neste sentido, passou a fazer sentido considerar-se também o património industrial que como refere Custódio *“é uma das modernas criações do património cultural, constituído por bens culturais tangíveis e intangíveis dos séculos XVIII, XIX e XX”*.⁹ Neste segundo conceito Deolinda Folgado *“reflete valores de memória, antiguidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade [...] integra todos os bens resultantes de uma atividade produtiva ao longo de gerações”*.¹⁰

De acordo com os termos da Lei de Bases do Património Cultural¹¹, o património cultural é estruturado com base na identificação e classificação de determinados bens que representam relevância para uma cultura e um povo, de uma região ou mesmo de toda a humanidade. Bens que são portadores de cultura e interesse, que devem ser objeto de especial reconhecimento e salvaguarda.

Tornou-se um dever do Estado, divulgar, proteger e valorizar o estudo deste património, transmitindo esta herança nacional às gerações vindouras, cuja continuidade e enriquecimento as conectará entre si, neste que é um percurso institucional e civilizacional único.

Este domínio que é o património cultural, é dividido pela legislação em dois grandes grupos o Património Material e o Imaterial, sendo o Material dividido em duas parcelas distintas o Património Imóvel e o Património Móvel. O património resulta da atribuição aos objetos de um significado valorativo, que lhes confere o estatuto de suporte de memória e de identidade. Estes objetos após esta atribuição começam a ser

⁸ CHOAY, Françoise. “A Alegoria do Património”. Lisboa: Edições 70. 2006. p.11

⁹ CUSTÓDIO, Jorge org. (2011). “100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal”, 1910-2010, Lisboa: IGESPAR, p.84.

¹⁰ FOLGADO, Deolinda. “Inventário do Património Industrial da Covilhã. Um caso de estudo no âmbito da salvaguarda patrimonial.” In: Estudos, Património, nº3 - 2002, Lisboa, p. 8

¹¹ SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique, Dicionário de Conceitos Históricos, Editoria Contexto, 2005

reconhecidos pelo seu valor, constituindo uma herança que a sociedade salvaguarda e transmite às gerações futuras como ponto de enriquecimento e conexão.

A proteção, preservação e divulgação do património é uma tarefa exigente e multidisciplinar que deve acontecer de uma forma harmoniosa e sustentável em comunhão com as comunidades locais e as entidades governamentais e não governamentais. Esta missão tem como objetivo constituir um desígnio nacional permanente, impedindo a sua deterioração, a sua perda ao longo dos tempos e servir como contributo para o seu enaltecimento, como representação da sua história.

“O património industrial integra sítios, estruturas, complexos, áreas e paisagens, bem como o equipamento relacionado, objetos ou documentos que testemunham processos de produção industriais passados ou presentes, a extracção de matérias-primas, a sua transformação em bens, assim como as infra-estruturas energéticas e de transporte associadas. O património industrial reflete a profunda ligação entre o ambiente cultural e natural, dado que os processos industriais - antigos ou modernos dependem de fontes naturais de matérias-primas e de redes de energia e de transporte para produzir e distribuir produtos para mercados alargados. Tal inclui quer os bens materiais - imóveis e móveis - quer dimensões intangíveis, como o conhecimento técnico, a organização do trabalho e dos trabalhadores ou o complexo legado social e cultural que moldou a vida das comunidades e desencadeou grandes mudanças organizacionais para sociedades inteiras e para o mundo, em geral.”¹²

Quando falamos em património industrial, indicamos frequentemente as evidências deixadas pela indústria: têxtil, vidreira, cerâmica, metalúrgica ou de fundição, química, papelreira, alimentar, extrativa - as minas, para além da obra pública, dos transportes, das infraestruturas comerciais e portuárias, das habitações operárias, etc. Cada universo industrial tem a sua especificidade. Os processos de produção são diversos, a maquinaria utilizada (máquinas-ferramentas e máquinas-operadoras) alteram-se de acordo com a respetiva área de laboração, existindo semelhanças nas diferentes forças essenciais empregues ao longo do tempo.

Os edifícios industriais são os testemunhos mais próximos das comunidades, impondo-se pela utilização de algumas linguagens próprias, difundidas através de diversas soluções construtivas, caso do telhado em shed ou da utilização de diversos materiais de construção, tal como o ferro, o tijolo vermelho e mais tarde o betão. O património industrial é uma área inter e multidisciplinar. O desejável na interpretação

¹² ICOMOS - TICCIH (2011) The Dublin Principles - Principles for the Conservation of Industrial Heritage Sites, Structures, Areas and Landscapes, 1. Definition [trad.].

de um objeto industrial é a participação de diversos especialistas (historiadores, arquitectos, engenheiros, patrimonialistas, arqueólogos). De uma forma muito sintética, pode então dizer-se que o património industrial trata dos vestígios técnico-industriais, dos equipamentos técnicos, dos edifícios, dos produtos, dos documentos de arquivo e da própria organização industrial. Os edifícios classificados agora divulgados inserem-se neste vasto universo patrimonial. Abarcam construções fomentadas por políticas régias ou áreas produtivas que se encontravam nos alvares da mecanização - manufaturas - ou sectores industriais que de algum modo se destacaram na salvaguarda do património industrial pelo seu carácter arquitetónico. As estruturas sociais associadas são tipologias construtivas e organizativas que refletem uma filosofia industrial que não pode ser dissociada de uma análise de conjunto do processo de industrialização. As obras públicas ou infraestruturas a seguir apresentadas relacionam-se, de algum modo, com a industrialização dos diversos sectores produtivos ou com a utilização de materiais decorrentes da Revolução Industrial.

Segundo a carta de Nizhny Tagil:

*“O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.”*¹³

A necessidade de preservar estas infraestruturas para que elas retratem a evolução tecnológica e da sociedade tem sido cada vez mais defendida como forma de preservar a memória e a identidade local, pois como refere Merola “Preservar o património industrial é preservar a memória, a identidade de um edifício, a maquinaria, a atividade de uma população, região do país”¹⁴. Kenneth Hudson refere ainda a importância de preservar os monumentos industriais “para [...] Dar às pessoas de hoje a oportunidade de experimentar os espaços de ontem”¹⁵, e para isso é

¹³ TICCIH Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, 2003, Ponto 1.

¹⁴ MEROLA, Victoria Rabal - “Reflexiones sobre la rehabilitación y musealización de los espacios industriales.” 2003, p.21

¹⁵ HUDSON, Keeneth, 1986. “Preserving Industrial Monuments: What is possible and what is not”, AA.VV., 1989-1990. I Encontro Nacional sobre o Património Industrial. Coimbra – Guimarães – Lisboa / 1986. Actas e Comunicações, 2 volumes, Coimbra Editora, Coimbra, pp.35-50.

preciso não demolir estes espaços mas sim reaproveitá-los, pois a documentação histórica e registos através de livros, imagens, desenhos etc, não é suficiente para transmitir às gerações futuras o que foi a era industrial. A necessidade de salvaguarda e reutilização do património industrial levou à criação da TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) com o objetivo de divulgar, investigar e zelar pela conservação dos vestígios industriais. Estes bens foram também integrados nas ações de outras associações como a UNESCO.

É de evidenciar o contributo da carta de Nizhny Tagil, que sintetiza um conjunto de critérios e regras para atuar sobre este tipo de património, das quais destacamos a necessidade de:

“Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos”¹⁶

“Estas fábricas e vestígios industriais oferecem intensas sensações espaciais, materiais e experienciais aos visitantes, bem informados ou leigos (...). Os espaços pós-industriais merecem ser olhados de modo mais profundo que o olhar romântico do fotógrafo amador, deixando-se margem para o fascínio (que nem sempre se encontra nas memórias das empresas industriais), e devem ser compreendidos de um modo que vá além da arquitectura da fábrica original. As novas espacialidades e materialidades existentes nos edifícios e nos seus vestígios requerem uma compreensão profunda das suas condições e do seu potencial. Abandono, deterioração, desmantelamento ou estado avançado de ruína correspondem a estados de incompletude, quando considerados na perspectiva de um todo pré-existente, mas podem ser entendidos como novos estados de espacialidade e materialidade, se conjugarmos os passados, presentes e futuros numa única leitura”¹⁷

¹⁶ TICCIH Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, 2003, Ponto 1. p.11

¹⁷ MOREIRA, Inês, “Brown rooms/Grey halls: a curadoria de espaços pós-industriais” in MOREIRA, Inês, Edifícios & Vestígios: projecto-ensaio sobre espaços pós-industriais, Guimarães, Fundação Cidade de Guimarães, 2013, p. 29

1.2 PROBLEMÁTICAS INERENTES À DESINDUSTRIALIZAÇÃO

Toda a alteração estrutural e tecnológica tem conduzido, ao longo da história económica de um território, ao declínio de indústrias e empresas tornadas obsoletas, enquanto outras emergem e progridem. Deste processo resulta uma das principais problemáticas que é o fenómeno da desindustrialização.

A desindustrialização foi sofrendo mutações ao longo do tempo, hoje em dia decorre também da necessidade de reconversão económica por parte de largos setores industriais, acompanhada por um fenómeno bastante atual, o da deslocalização generalizada das multinacionais, principalmente para o Leste da Europa, estes grupos económicos poderosos aproveitam as facilidades concedidas pelos governos dos chamados países emergentes (ex.: China, Índia, Brasil, Paquistão, etc.) instalam-se nesses países, tirando proveito das suas vantagens competitivas (mão-de-obra barata e pouco reivindicativa), controlando uma parte importante da indústria desses países (de acordo com estudos divulgados, cerca de metade da indústria chinesa é já controlada por empresas estrangeiras) assim como uma parte importante do mercado desses países e, aproveitando a liberalização do comércio internacional, "atacam" os mercados dos países mais desenvolvidos levando à falência milhares de empresas nesses países e fazendo disparar o desemprego. Tem-se verificado também que o património industrial em algumas regiões e países, não entra em processo de abandono nem degradação, visto que é imediatamente demolido, permitindo a sua rápida rentabilização em empreendimentos imobiliários, muitas vezes associados à especulação do mercado. No entanto, há uma grande parte de casos em que esta realidade é bem diferente, pois as instalações fabris entram em degradação, constituindo um problema urbanístico e social.

A melhor resposta perante esta problemática é a salvaguarda e proteção do seu património, ou seja, a procura de uma solução que visa preservar valores patrimoniais, indo ao encontro de práticas ambientalmente sustentáveis.

Nos últimos anos, tem-se fomentado ainda mais esta nova realidade do combate ao abandono e degradação de antigas zonas industriais urbanas, mediante a necessidade de reabilitação deste legado, criando planos integrados que possam relembrar as suas funções primárias e vitais, tanto de habitação como de comércio, cultura e lazer, serviços etc.. em oposição à expansão de aglomerações urbanas nos subúrbios.



Fig.1 | Estado de degradação de uma fração da
Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo



Fig. 2 | Estado de degradação de uma fração da
Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo

É incontestável que não é viável, nem desejável, reabilitar todo o espólio do passado histórico, apenas quando se justifica, tendo efetivamente um valor histórico e patrimonial, à luz de critérios universalmente reconhecidos.

Nestes casos utiliza-se como ponto de partida a mais fundamental norma de arqueologia preventiva e de salvamento, ou seja, a conservação pelo registo.

No caso do património industrial, sucedem-se dois cenários: um prende-se com o facto de os vestígios desaparecerem sem terem sido analisados, inventariados ou salvaguardados, especificamente em documentação de importância histórica ou maquinaria de valor patrimonial e museológico. O outro cenário é a destruição completa das edificações industriais, assumindo um carácter de total arrasamento.

No caso do património industrial, tanto no período da industrialização como noutras épocas, todo o processo de demolição devia ser acompanhado por especialistas dos respetivos períodos históricos, de forma a produzirem registos imprescindíveis para o entendimento desta herança, servindo para ser observada e estudada do ponto de vista científico. Se se mantiver este entendimento de demolição não seletiva e não organizada, vão restar poucos exemplos do período de industrialização, perdendo-se os testemunhos que fizeram parte de uma das maiores transformações experimentadas pela humanidade durante o século XIX e XX.

A multifuncionalidade dada pelo património industrial no que respeita à sua reutilização e requalificação, concebe também um fator suplementar que favorece e torna necessário este tipo de solução. Tem sido cada vez mais comum atualmente a reutilização do património industrial como uma das soluções encontradas para o problema da sua salvaguarda.

A coordenação entre a engenharia e a arquitetura melhorou progressivamente nas últimas décadas, a par de algumas técnicas já utilizadas nas edificações industriais (como a construção de amplos espaços interiores) que oferecem um conjunto de possibilidades enorme para a preservação deste legado.

Os benefícios para a salvaguarda deste património sendo sustentados pela reutilização são vários, adaptando e preservando a fisionomia e características urbanísticas destes edifícios, evitam-se gastos desnecessários na demolição e posterior construção, e assim mantém-se presente a memória do existente contribuindo para um desenvolvimento económico sustentado.



Fig. 3 | Único forno de grês presente atualmente na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo



Fig. 4 | Único forno de grês presente atualmente na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo

Contudo, como salientou a “Carta para o Património Industrial” elaborada pelo The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH):

“A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização, como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável, excepto no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações deverão respeitar os materiais específicos, assim como os esquemas originais de circulação e de produção, e deverão ser compatíveis, tanto quanto possível, com a sua utilização original. É recomendável uma adaptação que evoque a sua atividade original.”¹⁸

Existem em Portugal vários exemplos da reutilização deste legado, um dos que importa falar é o da Covilhã, o município português que mais tem investido na reabilitação do património industrial. Na Covilhã a indústria de lanifícios sofreu uma profunda crise, com o encerramento de inúmeras fábricas, na sequência do qual a Universidade da Beira Interior adquiriu vários complexos industriais. Após cuidadas obras de reabilitação, foi preservada e valorizada uma área arqueológica, reunindo uma valiosa colecção de máquinas, equipamentos e documentos, que constituem os verdadeiros alicerces da história dos lanifícios da Covilhã, da Beira Interior e do próprio país. A Universidade apresenta um património de 180.000m² de área construída e tem 80% da área reutilizada, ou seja, as antigas fábricas de lanifícios foram reabilitadas e reutilizadas pela instituição em edifícios para a Universidade e numa zona Museológica. Apesar de a Covilhã representar um bom exemplo do contributo para a reutilização de edifícios industriais, a maioria dos casos são tratados de forma diferente, devido à voraz conjuntura de especulação imobiliária, dá-se automaticamente preferência à destruição dos edifícios sem sequer se considerar outras hipóteses. Nalguns casos, priorizam-se estratégias que em nada correspondem à salvaguarda do património industrial, como por exemplo, a manutenção de apenas uma chaminé ou outro elemento singular, destruindo toda a edificação. Quando se mantém por exemplo apenas a chaminé, completamente descontextualizada e isolada, manifesta-se apenas o reflexo de uma abordagem de má consciência, que busca neutralizar num elemento todo o ato de demolição do património.

¹⁸ The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, 2003



Fig. 5 | Museu de Lanifícios, Covilhã

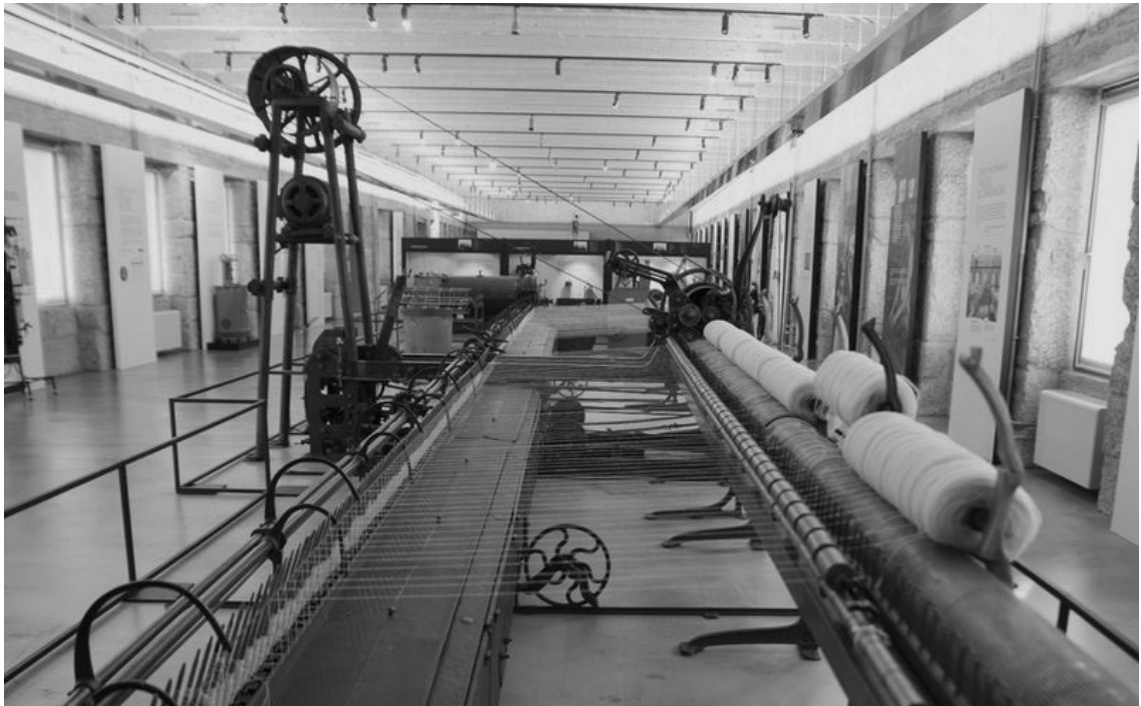


Fig. 6 | Museu de Lanifícios, Covilhã

Outra situação frequente e igualmente perversa, é o fachadismo, ou seja, quando se conserva apenas a fachada do edifício, parecendo aparentemente que se está a conservar este património, mas na realidade o edifício perde todas as características, ficando o seu interior totalmente alterado em relação à sua essência. Este cenário pouco interessante, desrespeita o legado e a memória do edifício, transformando-o numa espécie de cenário cinematográfico. Além da importância de preservar este legado como testemunho de uma época de extrema relevância da história humana de forma a que as gerações vindouras possam entender como se procedeu toda esta transformação, a sua proteção e conservação também pode ter outro contributo importante como desempenhar um papel importante na reorganização económica de regiões esmorecidas ou em decadência.

Como refere na “Carta para o Património Industrial”, *“a continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades que se viram confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos”*.¹⁹

É de extrema importância para a cultura local manter presente este sentimento de pertença e memória. A importância do conhecimento do passado serve às comunidades para compreenderem a sua existência no presente, mas também para projetarem o futuro. Só conhecendo as raízes se poderá compreender a sua identidade, (ag)indo ao seu encontro, ao evitando fachadismos e falsos históricos.

Quando um edifício de natureza industrial cheio de história se encontra em processo de degradação, é como se parte da comunidade que lhe esteve associada lhe acontecesse o mesmo.

*“Somos impelidos a conservar matéria. A civilização industrial criou, no entanto, um dos paradoxos para com a sua própria cultura material – a necessidade constante de consumir, desertificando a sua própria alma cultural, conservando-se o que é exterior a si. Parece estar criado um vazio de memória.”*²⁰

Apesar de complexo, é possível criar estratégias adequadas que preservem do declínio as antigas áreas industriais e até as regiões onde estas se inserem, esta investigação conheceu vários exemplos de boas práticas.

¹⁹ The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, 2003

²⁰ FOLGADO, D. Património industrial. Que memória? In Conservar para quê? – 8ª Mesa Redonda de Primavera. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. pág. 359

II FÁBRICA JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS, ALVARÃES

2.1 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SOCIAL

Descrever as memórias desta unidade industrial é viver muita da História da localidade onde se implantou, ou mesmo, da região. Com efeito, Viana do Castelo, em conjunto com algumas localidades que compõem o seu concelho, de onde se destaca Alvarães, tem uma forte ligação à cerâmica. Alvarães é uma vila relativamente grande situada a sul do distrito de Viana do Castelo, conta com uma área de 10,24 km² e com 2 623 habitantes²¹, a que corresponde a uma densidade populacional é 256,2 hab/km². Confronta-se a Norte com a freguesia de Vila de Punhe, a Noroeste com Vila Fria, a Oeste com São Romão do Neiva, a Sudoeste com Forjães, a Sul com o Rio Neiva, a Sudeste com Fragoso, a Este com Tregosa. Alvarães é uma das 40 freguesias de um concelho de matriz rural, distando 10 Km da sede do concelho, na margem direita do rio Neiva, sendo os seus solos, de constituição argilosa, consideravelmente planos e com suaves ondulações.

A cerâmica sempre foi um ponto de grande importância, a sua aplicação é transversal a muitos sectores da sua economia, nomeadamente, na edificação, nas mais variadas aplicações, bem como na Arte, através da produção de louça, da famosa "louça de Viana". Os registos dessa produção remontam a 1774, tendo desde então, sobrevivido a quase 300 anos de História, fundamentando-se esta durabilidade, essencialmente, na qualidade da produção melhorada longo dos tempos. Mas só mais tarde é que esta arte se intensificou, segundo os registos, tudo teve início em 1934, quando Domingos Pereira Campos adquiriu, a Cerâmica de Viana Lda, situada no lugar da Costeira em Alvarães, concelho de Viana do Castelo. Teve ainda especial relevância a compra de várias parcelas de terrenos ricos em caulinos e argila, que viriam a constituir o importante Couto Mineiro de Alvarães, com uma área superior a 300 ha, que representa um dos melhores coutos argilosos de toda a Península Ibérica. Embora na Câmara Municipal de Viana do Castelo, não existam referências do registo de licenciamento da Fábrica Jerónimo Pereira e Filhos, é possível afirmar, dada a existência de relatos de locais que por lá trabalharam, que este industrial, já laborava, pelo menos desde 1915, inicialmente sobre a administração de Bernardino Araújo. Domingos Pereira Campos inicia o fabrico de produtos em grês e refractários, o que gerou uma fase de grande desenvolvimento e modernização. Tendo em conta o meio rural em que estava inserida, a empresa utilizava um processo produtivo muito rudimentar, em fornos de lenha, recorrendo a

²¹ Instituto Nacional de Estatística (Recenseamentos Gerais da População), 2013 - https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes



Fig. 7 | Vista aérea da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, no Concelho de Viana do Castelo

um número elevado de trabalhadores, chegando a atingir os 300, por volta da década de 60, de onde se destacam grupos de mulheres que, tal como os homens, trabalhavam em funções de grande esforço físico, uma vez que a fábrica funcionava por turnos. Este grupo de mulheres chegou a ser constituído por 30 elementos, que eram responsáveis pelo empilhamento dos tijolos antes de entrarem no forno. O material cerâmico era levado previamente moldado para o piso superior, de forma a tornar mais rápida a sua capacidade de secagem visto que o calor gerado pelos fornos subia para a parte superior do edifício e facilitava o processo de secagem. Esta acção era toda manual, tendo estas mulheres que subir e descer escadas com o material cerâmico empilhado na cabeça, que chegava a pesar 30 kg. Só mais tarde, por volta da década de 60, começaram a surgir pequenos elevadores eléctricos que vieram melhorar as condições de trabalho. Os homens tinham como trabalho a carga e descarga dos fornos, tarefa altamente penosa, não só devido às toneladas de produto que envolvia, mas também devido às altas temperaturas. A temperatura ambiente rondava quase os 40°C, registando-se por vezes temperaturas superiores, nomeadamente quando se tinha que trabalhar mais perto da zona do fogo.²²

Os fornos eram alimentados com combustível sólido (serrim). Este, era armazenado, na zona junto ao apodrecimento, de onde é transportado em carros à mão para junto do sistema de alimentação e queima. Sem sofrer qualquer tratamento prévio em termos de granulometria e humidade, parâmetros considerados fundamentais na preparação deste tipo de combustível, não é possível uma utilização racional e consequente optimização da temperatura de cozedura.

Inicialmente todo este processo era altamente penoso e geralmente dedicado a pessoas de classe baixa. Em 1930, 70 em cada 100 portugueses não sabiam ler nem escrever, sendo um dos principais obstáculos do desenvolvimento do país. Este fator repercutiu ao longo de várias gerações sendo mais evidente num meio rural como era a Vila de Alvarães, na altura aldeia. Este flagelo era um fator crucial para estas pessoas, que não tinham acesso a outras oportunidades, ou emigravam em busca de uma vida melhor, ou sujeitavam-se a estes trabalhos de grande exigência física.

Apesar disso, as condições de trabalho foram melhorando com o passar dos anos, a fábrica foi adicionando estratégias e elementos que facilitavam a vida dos seus operários.

²² Tratando-se de um forno em que o fogo é móvel, a sua rentabilização a isso obriga, nomeadamente a seguir a um fim de semana ou feriado.

2.2 A INDÚSTRIA CERÂMICA DA ÉPOCA - CONTEXTO HISTÓRICO

O desenvolvimento da indústria portuguesa nunca foi comparável ao dos grandes países capitalistas europeus, principalmente com a França, Alemanha e Inglaterra. Foi no século XVII que se assiste ao aparecimento de uma primeira onda de estabelecimentos manufatureiros de alguma dimensão, apesar de muito dispersos no território nacional e sem se constituir como uma tendência perfeitamente estabelecida, relacionados diretamente com fatores de subsistência da comunidade.

Já no século XIX, outros centros industriais de pequena dimensão apareceram, de forma dispersa e mantiveram ao longo dos tempos uma atividade expressiva, como são os casos de Guimarães, Covilhã, Tomar e Torres Novas. Foi por volta de 1870, com mais de um século de atraso em relação aos principais países industrializados da Europa, que começaram em Portugal os efeitos da Revolução Industrial que, cinco anos depois, se resumia quase à produção de produtos de primeira necessidade, como os alimentares, dos quais se destacava o vinho.

A relação entre a arquitetura e o poder religioso, económico e governamental, sempre foi uma constante ao longo da história da arquitetura. No decorrer do século XX, foram estas últimas autoridades, que tiveram maior preponderância sobre o exercício da arquitectura, confrontando-se com a crescente auto-consciência por parte dos arquitectos e consequente independência a mera conformidade aos objectivos da entidade patrocinadora.

Tal como aconteceu no resto do país, também esta unidade industrial, Fábrica Jerónimo Pereira Campos, emergiu no período compreendido entre 1925 e 1974, o qual representa o período de desenvolvimento em Portugal a nível industrial. O Estado Novo instaurado em Portugal em 1926 corresponde a um movimento pós - 1ª Guerra Mundial que coincidiu com a grande pobreza e crise a nível Mundial. Esta deficiência do setor industrial resulta, essencialmente, de factos endógenos mais do que de factos exógenos, uma vez que nunca descolamos das verdadeiras causas deste problema, que assentavam, em empresas descapitalizadas, subdimensionadas, tecnologicamente rudimentares, de baixos índices de produtividade e largamente dependentes do capital estrangeiro. Associa-se, ainda, a essa realidade a elevada taxa de analfabetismo, ausência de escolaridade e de cultura de todos os recursos humanos que faziam parte dessas empresas. Estes operários trabalhavam de sol a sol, para receberem um ordenado muito baixo. Resta referir que, durante o período do Estado Novo - da ditadura fascista a que o país esteve votado quase durante meio século, se promoveu o analfabetismo, pondo, por exemplo, as crianças a trabalhar.

“O Portugal do início dos anos trinta, atrasado, rural, dependente, periférico, é, até certo ponto, um caso típico dos processos de articulação então verificados entre as crises económicas (e a necessidade de lhes dar resposta) e o advento dos novos regimes autoritários.”²³

Também, muitas vezes a responsabilidade pela gestão das fábricas, era atribuída a pessoas que não tinham experiência e formação na área, contudo, e já na década de 40, face à arquitetura imposta pelo Estado, assistimos a um novo impulso no setor industrial, fruto de um conjunto de novos empresários, muitos formados em universidades estrangeiras. Assim, estes técnicos formados em engenharia protagonizaram uma mudança significativa da origem social do empresariado português, os quais deram origem a uma mutação de mentalidades.

Em consequência dessa realidade, a engenharia e a arquitetura industrial deixaram marcas no território que traçaram as diferentes dimensões das empresas em termos de plantas, de organização espacial, de volumetria, de implantação e de urbanização. As leituras que esta arquitetura nos proporciona permitem identificar as tecnologias e são estas que nos remetem para modelos criados importados do estrangeiro.

Já em pleno período do "Estado Novo" é colocado em prática um corpo de doutrinas estruturantes da dinâmica industrial dos anos seguintes. Fruto desta realidade e associando-se a sectores vanguardistas da engenharia e da cultura arquitectónica portuguesa, abertos ao futurismo e ao modernismo, materializam um período sem precedentes da vida industrial, deixando marcas patrimoniais nas paisagens urbanas e rurais do país, tal como acontece com a unidade industrial objeto deste trabalho. Os anos 50 e 60 corresponderam ao verdadeiro arranque da Arquitetura Moderna, que até esse momento era uma arquitetura de resistência nacionalista. Após avanços e recuos resultantes, quer da 1.^a Revolução Industrial, quer da 2.^a, as décadas de 50 e 60 constituíram uma fase fundamental para as indústrias.

No panorama industrial cerâmico em Portugal, coincidente com o Estado Novo, a produção contínua acelera-se a partir da introdução dos fornos "Hoffmann" para produção de materiais cerâmicos de construção, situação que se verificou na Cerâmica Pereira Campos.

Mais uma vez um acontecimento que marcou o mundo transversalmente, também, deixou a sua marca nesta atividade: - a II Guerra Mundial. Assim, os pilares da industrialização programada e definida durante a II Grande Guerra em Portugal foram:

²³ ROSAS, Fernando; "Nova história de Portugal" direcção de Joel Serrão e A.H. Oliveira Marques, "Portugal e o Estado Novo (1930-1960)"; Ed. Presença, Lisboa; 1990; p.9

- 1) a electrificação;
- 2) a escolha, criação e programação das indústrias base;
- 3) a reorganização industrial assente na concentração, modernização de equipamentos, especialização e normalização;
- 4) a integração da indústria na sua "base científica", uma das grandes apostas da modernidade;
- 5) o planeamento a médio e longo prazo;
- 6) o desenvolvimento integrado e global, auto-sustentável, unindo a metrópole às colónias, modelo original e saudado como inovação, importante aposta de Portugal no contexto das nações.

Após a II Guerra Mundial e com base na organização e reorganização descrita anteriormente, emergem definitivamente os aspetos da dimensão industrial das unidades fabris, da arquitectura dos edifícios industriais, da urbanização das unidades modernas nos novos espaços territoriais daí resultantes. A transformação da paisagem verifica-se pela assunção técnica, enquanto nova beleza de funcionalidade dos espaços fabris e das novas arquiteturas-símbolo da tecnocracia, espalhadas pelo território.

Nesta época nada fazia prever o papel que os arquitetos portugueses passariam a desempenhar na construção e caracterização estética dos exemplares fabris. Não podemos ignorar que neste momento da História a arquitetura industrial projetada e protagonizada por arquitetos não existia, sendo os engenheiros os mentores em toda a linha. O sentido de apropriação da arquitetura industrial pelos arquitetos - ocorrida durante o período moderno - radicava-se sobretudo na negação da pseudo-monumentalidade da arquitectura dos engenheiros e na síntese edificatória da renovação da monumentalidade, enquanto cultura técnica.

Por volta dos anos 50 um conjunto de arquitetos, formados entre a instauração da ditadura militar e a exposição do mundo português, vai ser chamado para responder à construção dos edifícios da indústria portuguesa, durante a época de acentuada industrialização portuguesa. Estes arquitetos pertenciam ao grupo do "Movimento Moderno" e partilhavam das concepções futuristas e construtivas dessa época, indispensáveis à compreensão da renovação da arquitectura industrial e ao domínio das ferramentas capazes de justificar os fundamentos da nova "monumentalidade", baseada em princípios muito simples, elementares, espaciais, racionais e sóbrios.

Este período do "Movimento Moderno" corresponde ao momento em que os industriais propuseram modelos simples de construção, onde a higiene e a funcionalidade estiveram presentes e torna-se evidente que os custos de instalação crescem, mas os seus efeitos refletem-se sobre a produção, em quantidade (escala) e em qualidade (normalização). Esta influência das tecnologias - e da ciência - na organização da produção, determinam, também, a organização dos espaços industriais.

2.3 FUNDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA FÁBRICA

Para falarmos da história da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães temos inevitavelmente de falar sobre a família Pereira Campos e sobre a fundação da empresa em Aveiro. A fundação desta empresa de tijolo e telha em Aveiro, sede principal das empresas ligadas à família Pereira Campos, ocorreu em outubro de 1896, porém só em 1907 se verificou a legalização desta sociedade. Após a inauguração da empresa, Jerónimo Pereira Campos já contava com 68 anos de idade. Presume-se que na origem desta empresa, e em concordância com a família, a vontade de Pereira Campos seria dar estabilidade financeira e profissional aos seus filhos mais novos, Henrique (1874-1944) e João (1877-1927), assim como já havia feito com os dois filhos mais velhos, estes já lideravam empresas que haviam sido beneficiadas da ajuda do pai. Ricardo (1870-1953) o filho mais velho, esteve ligado ao ramo comercial de mercearia e confeitaria, sendo já em 1897 um dos maiores contribuintes do concelho de Aveiro em contribuição industrial. Já Domingos (1872-1946) era proprietário de uma oficina de encadernação. Oriundo de uma família de carpinteiros e mestres de obras vindos de Ovar, foi com o pai que Jerónimo Pereira Campos aprendeu o ofício de carpintaria. João e Henrique, os seus filhos mais novos quiseram manter-se ligados à área, inicialmente como marceneiros, trabalhando na construção de barcos de pequeno porte. Em 1868, Pereira Campos é nomeado mestre de obras da Câmara Municipal de Aveiro.²⁴ O jornal Vitalidade engrandecia a personalidade de Jerónimo Pereira Campos e a passagem de testemunho aos filhos escrevendo *“muito ativo, inteligente e sabedor, educando os seus filhos ao mesmo tempo na escola e no trabalho em que tanto se têm distinguido (...) Quando já enfadado com aquele mister, empreendeu com os seus filhos mais novos a montagem da fábrica de telha, sistema Marselha, nas Agras, e aí o encontramos muitas vezes lidando afanosamente.”*²⁵ Em 1882, com a mudança política na Câmara, Jerónimo Pereira Campos vê-se afastado da direcção de obras municipais. A documentação existente não esclarece o seu trajeto durante o período dos catorze anos seguintes, no entanto sabe-se que Jerónimo Pereira Campos continuaria exercendo a profissão de mestre de

²⁴ Jornal “Vitalidade”, n.º 661, 14 de Dezembro de 1907, p. 3

Testemunhando esse facto, o Vitalidade escreve na notícia da sua morte: “Encarregado das obras da Câmara durante muitos anos, o Sr. Jerónimo Pereira Campos foi o executor fiel e activo da administração do nosso saudoso amigo Sebastião de Carvalho Lima. As primeiras estradas camarárias, e pode dizer-se as mais importantes foram dirigidas pelo saudoso extinto, e outras obras concelhias tiveram a sua inspecção ou direcção.”

²⁵ “Fallecimento”, in Vitalidade, n.º 661, 14 de Dezembro de 1907, p. 3 Informação corroborada por documentação de arquivo (cf. AHMA, livs. 374-380).



Fig. 8 | Fábrica das Devesas, Vila Nova de Gaia

obras. No decorrer das décadas de 1860 e 1870, Jerónimo Pereira Campos deslocou-se ao Porto com regularidade. Estes contactos tornaram-se muito úteis nas décadas seguintes, tornando-se decisivos para a fundação e conhecimento do equipamento tecnológico da sua fábrica. Foi nestas visitas que conheceu, a Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devesas, familiarizando-se com novas técnicas.

Mais tarde sabe-se, que forneceu barro a esta empresa, atividade que constituía uma grande margem de lucro. A Câmara Municipal de Aveiro, despachou favoravelmente diversos pedidos de licença para extracção de barro, por volta do final do século XIX.²⁶ É importante salientar que entre Gaia e a Pampilhosa não existia nenhuma unidade fabril de cerâmica de construção, muito embora as edificações urbanas da região persistissem no emprego da dura “pedra de Eirol”, adobes, calhau rolado, areia e madeiras. Na periferia da cidade e do concelho, continuavam a ser produzidas por oleiros de Angeia, Salgueiro, Eixo, Aradas, São Bernardo e Quinta do Gato, as telhas tradicionais. Por volta de 1894-1895 Jerónimo Pereira Campos, apercebeu-se rapidamente das potencialidades desta área industrial e decidiu colocar os seus dois filhos mais novos na Escola de Desenho Industrial, que tinha sido inaugurada naquela altura. Henrique e João, com 21 e 18 anos de idade, iniciaram o estudo de Desenho Elementar, Modelação e Desenho aplicado à Cerâmica. Não deixa de ser significativo que a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos tivesse nascido dois anos depois da entrada dos filhos nesta escola. O alvará *“para fundação de uma fábrica de tijolo e telha, no qual se emprega uma caldeira a vapor, no sítio das Agradas de Baixo”* foi outorgado em 4 de outubro de 1897.²⁷ A fábrica foi estrategicamente construída junto de excelentes barreiros e próxima da estação de caminho de ferro. Este edifício além de estar bem posicionado servindo-se destes barreiros durante décadas, era também servido pelo canal do Côjo que ficava à entrada da cidade de Aveiro.

Só após a morte de Jerónimo Pereira Campos, em dezembro de 1907 os dois irmãos mais velhos ingressaram na empresa, mesmo que na escritura de legalização da sociedade realizada em janeiro do mesmo ano já constava o nome dos quatro irmãos como proprietários, com tarefas diferenciadas e quotas iguais. Dirigido por Acácio Vieira da Rosa o jornal Vitalidade deixa-nos o testemunho do esforço inicial de Jerónimo Pereira Campos: na empresa, mesmo que na escritura de legalização da sociedade realizada em janeiro do mesmo ano já constava o nome dos quatro irmãos como proprietários, com tarefas diferenciadas e quotas iguais.

²⁶ Arquivo Histórico e Municipal de Aveiro, Actas, liv. 27, p. 16

²⁷ Arquivo Histórico e Municipal de Aveiro, Registo de alvarás, diplomas, cartas e licenças, liv. 159, p. 10



Fig. 9 | Fotografia da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Aveiro

Este periódico avança ainda, um conjunto de informações sobre a particular qualidade existente nos produtos ali fabricados, bem como os equipamentos instalados - *“uma máquina a vapor para triturar barro, bater a telha, etc.”*, declarando que a empresa ia *“fazer a aquisição duma outra (máquina) suplementar para outros serviços, e projectava a montagem de um elevador e a construção de uma linha férrea para o transporte dos seus produtos até à Estação dos Caminhos de Ferro”*.²⁸

Nos primeiros anos do século XX, a Jerónimo Pereira Campos, Filhos sofre um período conturbado, perdendo a exclusividade da produção de cerâmica de construção na região. Com efeito, em 1903 nasce a Empresa Cerâmica da Fonte Nova, que trabalhava e explorava barreiros contíguos, fabricava exactamente os mesmos produtos, utilizava os mesmos caminhos, disputava os melhores clientes e aliciava os trabalhadores mais qualificados. A reforçar esta competição empresarial, surge no ano seguinte uma nova indústria, a Fábrica Cerâmica de Oliveira do Bairro, de Abílio Rocha Irmãos.

Não obstante a competição, no mesmo período a empresa Jerónimo Pereira Campos, Filhos sofre algumas alterações, de que são exemplo a construção de novas instalações e a introdução de maquinarias diversificadas, permitindo aumentar e aprimorar a produção.²⁹

O legado de Jerónimo Pereira Campos era assim descrito pelo jornal local: *“O Sr. Jerónimo Pereira Campos é um antigo mestre de obras, muito hábil e considerado, e seus filhos, belos moços, trabalhadores, inteligentes e ilustrados, muito peritos nos trabalhos a que se dedicaram e que conhecem já hoje muito bem em todos os seus detalhes, trabalhando ao lado dos operários, prontos a substituir qualquer deles, tanto nas ocupações de maior responsabilidade, como nas de menos.”*³⁰

Em 1904, Jerónimo Pereira Campos, Filhos adquire um terreno em frente da sua concorrente da Fonte Nova, e funda uma fábrica de vidros, no mesmo sítio onde existiu a Fábrica Nacional de Vidros Aveirense (1888-1891). Celebrado entre as duas empresas em março de 1907, o acordo de não concorrência, os Pereira Campos poderiam certificar-se do seu cumprimento, pondo fim aos conflitos.

Em 1908, após a falência da Empresa de Cerâmica da Fonte Nova, a Empresa Jerónimo Pereira Campos, Filhos adquire estes terrenos onde iria construir armazéns, usufruindo também dos barreiros que aquela fábrica explorava. Com esta compra estratégica a Jerónimo Pereira Campos impossibilitava a instalação de outra fábrica naquele local. Após

²⁸ Ibidem

²⁹ Instalou-se uma outra máquina a vapor, uma Sulzer de 80 cv, uma caldeira arquitubular Babcock e um amassador alemão.

³⁰ “Falecimento”, in Vitalidade, n.º 661, 14 de Dezembro de 1907 p.3



Fig. 10 | Fotografia da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Aveiro

este conjunto de circunstâncias, a fábrica de vidros acabou por ser abandonada, até porque estava em curso um processo de formação de um monopólio naquele sector.

Em 1911, os irmãos Pereira Campos, celebram uma nova sociedade e aumento do seu capital. Os irmãos redistribuindo as tarefas entre si, tal como já tinha ocorrido na escritura de 1907. Henrique ficou com a direção técnica e os restantes encargos foram distribuídos da seguinte forma: *“a escrituração, ao sócio João; a agência de colocação de produtos e financeira, ao sócio Domingos, e ao sócio Ricardo fica pertencendo a Caixa”*.³¹ Acrescentava o documento que *“ao sócio Domingos ficam-lhe pertencendo todos os negócios que digam respeito a operações bancárias e à colocação de produtos da fábrica, quando por ventura a produção exceder a procura”*.³² Esta escritura testemunha a importância ascendente que Domingos Campos adquiriu, tornando-se o maior estratega da Jerónimo Pereira Campos.

Esta conjuntura e outras, relacionadas com opiniões de índole política, criaram um mal-estar entre os sócios. Dada esta circunstância, em 1912 João Pereira Campos decide rescindir do seu papel na empresa. Após esta saída, decide fundar uma empresa de cerâmica de construção, criando mais obstáculos à empresa que ajudou a fundar, sendo que nesse ano de 1913 nasceram mais quatro unidades deste carácter. É durante a Primeira Grande Guerra, que a empresa pretende construir um edifício de grande monumentalidade, e como tal, houve necessidade de requerer ao crédito como já o haviam feito. Jerónimo Pereira Campos obteve o capital, com hipoteca, junto de particulares, os seus filhos por sua vez procuraram o capital de que precisavam em instituições de crédito.

Em 1916, a empresa entra em negociações para a construção do edifício principal com *“a casa comercial Pinto & Sotto Mayor a hipoteca voluntária de dois prédios para segurança do contrato de abertura de crédito, em conta corrente, até à quantia de 30 000\$00”*³³.

A empresa mantinha-se muito atenta a tudo que de melhor se fazia na Europa, alargando a sua gama de produtos, como o refractários e ao grés. Para que esta constante renovação fosse possível os proprietários viajavam, mantendo o contato com outros países mais progressistas e seguindo revistas técnicas, com a francesa *Larevue des matériaux de construction et de travaux publics*.

Após a mudança do pacto social em 1922, em 1923 é rescindida a sociedade por quotas e criada uma sociedade anónima de

³¹ Arquivo Distrital Aveiro, António Pinheiro e Silva, liv. 1118-45, 11 de Fevereiro de 1911, p. 17

³² Ibidem

³³ Arquivo do Registo Predial de Aveiro, Registo de hipotecas, liv. C-17, p. 147, registo n.º 9378.



Fig. 11 | Fotografia da entrada da Fábrica Jerónimo Pereira
Campos, Alvarães

responsabilidade limitada, com um capital de 2700 000\$00, “*dividido em 27 mil acções de cem escudos cada uma, emitido em uma única série e já sobrescrito*”.³⁴ Parte do capital, 1700 contos, pertenciam ao ativo da firma anterior. O resto foi realizado pela família Pereira Campos, que detinha a maioria do capital social e por um conjunto de personalidades ligadas ao mundo empresarial e ao poder municipal, bem como alguns proprietários e técnicos de Lisboa, Braga e Porto. Na nova denominação estão bem explícitas as pretensões da sociedade anónima, designando-se no plural Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos S. A. R. L.

O nicho de mercado desta empresa dividia-se por toda a região minhota e estendia-se até à Galiza, para onde vendia a sua telha, tipo Marselhês, tipo Sucesso e tipo Português (estes últimos dois registados), tijolos e outros produtos.

Surgiram vários problemas associados à complicada gestão dos caminhos de ferro, aliados às características da sua produção. Dadas estas problemáticas a empresa procurou novos locais que fossem ricos em matérias primas e boas condições de acessibilidade, adquirindo, anos mais tarde, terrenos na região de Viana do Castelo e em Sintra.

Em 1934, Domingos Pereira Campos adquiriu, em nome individual, a Bernardino Araújo, a Cerâmica de Viana L.da, situada em Alvarães, concelho de Viana do Castelo, que se encontrava quase desativada, produzindo apenas tijolo maciço. Após obtido o respetivo alvará, Domingos Pereira Campos inicia o fabrico de produtos em grês e refractários, ocorrendo então uma fase de grande desenvolvimento e modernização desta fábrica. Após este período, Domingos Pereira Campos cedeu à sociedade. A empresa passou então a produzir uma grande diversidade de produtos, tais como artigos de grês refractários, louças sanitárias e, obviamente, produtos em barro vermelho (telhas, tijolos e abobadilhas), que lhe permitia cobrir as exigências do mercado no domínio da construção civil. Em 1946, as Fábricas Jerónimo Pereira Campos, SARL adquiriram, na freguesia da Meadela, concelho de Viana do Castelo, uma nova unidade industrial, a Fábrica de Louças de Viana L.da, reputada indústria de faiança de Darque, fundada em 1774. Esta aquisição, além de continuar a diversificação de produtos, veio trazer à empresa uma elevada componente artística.

³⁴ Arquivo Distrital Aveiro, Silvério A. Barbosa de Magalhães, liv. 548-124, 26 e 27 de Março de 1923, p. 8-14 e 14 v.º-27

III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CASOS DE ESTUDO

3.1 DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

O estudo de casos surge nesta investigação como contributo para a compreensão do que poderá constituir a reabilitação de edifícios industriais, conferindo-lhes novas funções e usos compatíveis, garantindo a sua valorização e preservação da autenticidade, tal é a pretensão para a Fábrica Jerónimo Pereira Campos.

Desenvolveram-se critérios de seleção para os casos de estudo visando aplicar conhecimentos adquiridos na proposta ou hipóteses de intervenção para o complexo industrial em estudo. Neste sentido, foram selecionados exemplos com algumas das seguintes características:

- Que se encontrassem em estado de deterioração antes da intervenção;
- Que tenham exercido uma transformação urbana na zona onde se inserem;
- Que tenham uma forte componente social associada, que tenha sido criada com a intervenção;
- Que estimulem a formação artística para a população;
- Que tenha preservado a memória e identidade do local.

Foram várias as indústrias que sofreram profundas mutações, encerrando as suas firmas e perdendo a competitividade e poder económico. Como exemplo temos o caso dos concelhos de Santo Tirso e S. João da Madeira ao qual este infortúnio comprometeu o progresso das suas cidades. Com a consciência desta situação, as Câmaras Municipais destes concelhos, procuraram reabilitar o tecido urbano e empresarial, criando projetos que potencializam a criatividade, associada ao “saber fazer” do local.

A Oliva Creative Factory localizada em S. João da Madeira está associada à memória coletiva de um país, com a sua conhecida máquina de costura. Na Oliva Creative Factory destacam-se diversas valências, assumindo um carácter plural, criando projectos que estimulem as suas gentes, procurando dar importância à indústria local como chapelaria, calçado e metalurgia. Já o Município de Santo Tirso, com a Fábrica Santo Thyrsos promove projetos associados à origem da fábrica, ao setor têxtil e ao design de moda. Tratam-se de complexos industriais que apresentam, pela sua história, uma forte componente social.

É importante destacar que em ambos os casos, foram as respetivas Câmaras Municipais que adquiriram as propriedades em questão e os projetos de reabilitação foram financiados no quadro de programas da União Europeia. Como terceiro exemplo, considerou-se pertinente

escolher um caso estrangeiro. O arquiteto catalão Ricardo Bofill descobriu uma antiga fábrica de cimento em ruínas, em Saint Just Desvern, Barcelona, que estava totalmente dominada pela vegetação selvagem que a foi engolindo, após o seu fecho. Ricardo Bofill precisou de dois anos para descobrir o que fazer com aquelas paredes cinzentas e frágeis, até que as transformou na sua casa onde vive e trabalha há quarenta anos. Este edifício reúne as características de um espaço híbrido que alberga várias valências e se adapta a novas atividades. Apesar da abordagem ser distinta das outras duas fábricas já referidas, a ideia base é a mesma, manter viva a memória da fábrica dando-lhe um novo contexto programático.

Todos os casos estudados estão relacionados com a valorização de edificado industrial, porém apresentam diferenças tanto a nível prático como conceptual.

Uma outra questão essencial foi a definição de critérios de análise e discussão dos casos de estudo. Pretende-se estruturar parâmetros que funcionem como base de análise, possibilitando desta forma um estudo conciso, concreto e objetivo.

Neste sentido, identificamos os seguintes parâmetros:

- Enquadramento histórico do caso e localização;
- Escala;
- Inserção urbana;
- Opção programática;
- Tipo de atuação;
- Estratégia de intervenção.

Estes pontos-chave de análise, comuns a todos os casos, são considerados os mais pertinentes no âmbito do estudo a realizar. Permitem ou procuram uma uniformização da informação, para que seja possível estabelecer comparações entre os casos, identificar especificidades de cada projeto, estratégias utilizadas, e consequências da intervenção.

3.2 ANÁLISE DE CASOS DE ESTUDO

3.2.1 COMPLEXO INDUSTRIAL OLIVA

PRÉ-EXISTÊNCIA:

Designação do edifício: Fábrica Oliva

Programa: Área Fabril

Arquitecto: ARS Arquitectos

Construção: 1950

Local: Avenida António Oliveira Júnior, São João da Madeira.

Classificação: Sem protecção.

INTERVENÇÃO:

Nova designação: Edifício Torre da Oliva.

Programa: Welcome Center do Turismo Industrial e Museu do Calçado.

Arquiteta: Suzana Barata.

Intervenção: 2010 - 2013



Fig. 12 | Fábricas da "Oliva", datadas 1950



Fig. 13 | Fábricas da "Oliva", datadas 1950

A Fábrica Oliva, o “império do ferro”, iniciou atividade em 1925, na cidade de São João da Madeira, pertencente ao distrito de Aveiro. A forte ligação à indústria teve um grande impacto no crescimento e desenvolvimento da cidade, primeiramente com as fábricas de chapéus e de laticínios e mais tarde, com a indústria do calçado.

O complexo da Oliva foi fundado por António Pinto de Oliveira com o intuito de produzir equipamentos industriais para a chapelaria, tendo esta atividade bastante expressão na região. Em 1926, as instalações resumiam-se a um único edifício que ocupava uma área superior a 2000m² e empregava cerca de 20 trabalhadores.

Ao longo dos anos o complexo industrial sofreu várias ampliações, em grande medida pela boa gestão de António Oliveira que procurou sempre o crescimento da empresa. A proximidade à linha de caminho de ferro do Vale do Vouga facilitou a exportação dos produtos, sendo criada uma ligação com as linhas férreas privadas nas traseiras da superfície industrial. Em 1934 inicia-se a produção de banheiras de ferro fundido e esmaltadas o que conduziu a uma ampliação do espaço. Em 1938, deu-se início à expansão do edifício com uma nova área de produção, totalizando o edifício cerca de 13 000 m².

Em 1948 a empresa aumenta as instalações ficando com 25 000 m² de área. Criou-se uma fábrica dedicada à produção de máquinas de costura de alta precisão, máquinas estas que viriam a ser o produto mais conhecido da empresa, trazendo-lhe reconhecimento e prestígio. A empresa encontrava-se em constante expansão e, com a produção das máquinas de costura, foi criado um novo edifício, passando o complexo a ser constituído por dois edifícios, totalizando uma área de 27 000 m², onde laboravam meio milhar de trabalhadores. Em 1954, foi dada a permissão para que se construísse um novo edifício destinado ao fabrico de tubos de canalização e de outros usos. Posto isto, o complexo atingiu uma área de 43 000 m² dos quais 35 000 m² cobertos. A sua produção abrangia uma variedade extensa de objetos: alfaias agrícolas, forjas portáteis, equipamento para a indústria de chapelaria, máquinas de costura, tubos para canalizações, fogões de ferro fundido, ferros de engomar, autoclismos, prensas para bagaço, máquinas para padarias, radiadores, salamandras, equipamentos para lavandarias industriais, tornos de bancada, banheiras e lavatórios coletivos, motores de explosão de pequena cilindrada, entre outros.

António Oliveira foi o maior fomentador para o sucesso da empresa. Muitos trabalhadores procuravam a Oliva para trabalhar, dado que oferecia privilégios absolutamente incomuns na época, e ainda hoje o são.



Fig. 14 | Fábrica da "Oliva" | Fábricas de Máquinas de Costura Oliva



Fig. 15 | Fábrica da "Oliva" | Fábricas de Máquinas de Costura Oliva

No Boletim Oliva em novembro de 1957, profere:

“O talento que por vezes se me atribui é pura lenda. Não o é, todavia, a dedicação com que me dediquei à nossa empresa, pois que lhe dei realmente o melhor do meu esforço e o exclusivo de trinta anos da minha vida. Agora, ao entrar em decrepitude, quando a memória falha, as pernas fraquejam, as palavras tardam, a energia amolece, a disposição para o trabalho se reduz, sinto que pouco ou nada mais poderei dar-lhe e reconheço que este seria o momento para uma poética “retirada em beleza”. Mas, meus amigos, falta-me por enquanto, coragem para uma tal renúncia! Irei continuando mais ou menos perto de vós, para convosco viver triunfos que já não serão meus, mas que ambiciono de toda a alma, para que a Oliva, a nossa Oliva, cada vez mais e melhor, seja sempre um exemplo feliz na vida industrial da nossa terra.”³⁵

Percebe-se que António Oliveira era um homem humilde e sabia reconhecer as suas fragilidades e o empenho dos seus funcionários, dirigindo-se à empresa como “a nossa Oliva”. Após 44 anos de prosperidade, é em 1969 que a fábrica muda de denominação, passando a chamar-se Oliva, Indústrias Metalúrgicas, Lda e a totalidade do capital social é adquirido pela empresa americana ITT. Pouco tempo depois, em 1969, o fundador António José Pinto de Oliveira, decidiu retirar-se do cargo de gerente da empresa, deixando o império do ferro, composto por duas zonas de produção e vários pavilhões com 43 áreas de produção distintas. Sabe-se que abandonaram a produção das máquinas de costura que tanto prestigiaram a Oliva. Entretanto, por problemas criados pela visão empresarial que se distanciou da do fundador e falta de adaptação às diferentes e sucessivas exigências a empresa entra em declínio. A empresa americana comprou a portuguesa para a asfixiar, levando-a à falência, para poder vender os seus produtos exportando-os. Terá começado a encerrar secções e a ser sujeita à perda de património por situações de dívidas, até que a fábrica entra em processo de insolvência, acabando por encerrar definitivamente e dando origem a um monte de ruínas. A dimensão enorme das suas ruínas, bem como o seu imenso legado e as marcas de memória, identidade e cultura, estão fortemente vincadas no município. Por estes motivos, a Câmara de S. João da Madeira adquiriu parte desta fábrica, com o objectivo de perpetuar a sua memória tanto marcou a sua gente e o país.

³⁵ Almeida, M. Tem a palavra. Uma cidade que tem apetência para andar à frente do seu tempo, 2013 Consultado em Março, 12, 2020 em <http://www.olivacreativefactory.com/apresentacao.html>



Fig. 16 | Fábrica de Máquinas de Costura Oliva

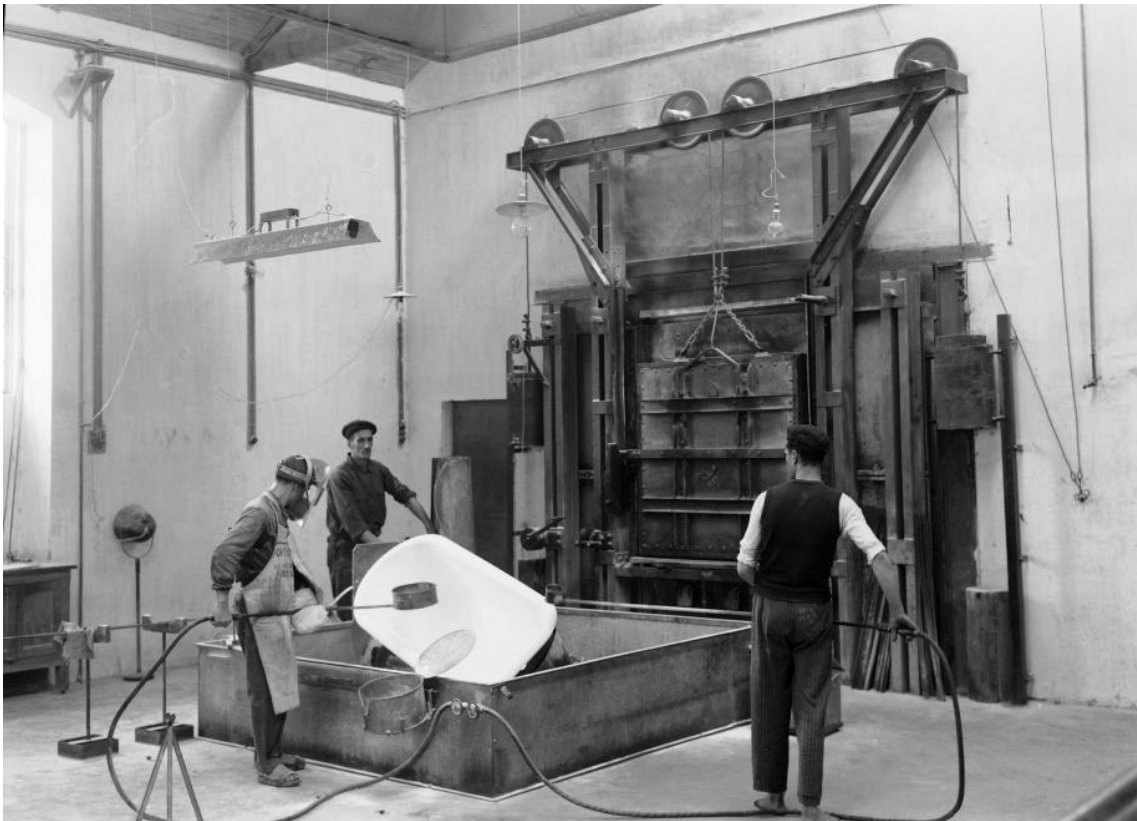


Fig. 17 | Fundição de banheiras e polibans

INTERVENÇÃO

A Torre da Oliva é um dos edifícios mais emblemáticos da cidade de S. João da Madeira. Após a sua desativação, a Câmara adquiriu-o, com vista à preservação e, conseqüentemente, do património edificado que invoca a memória coletiva. Adquiriu ainda um lote situado noutra parte do complexo próximo, onde se localizavam os fornos para a esmaltagem das banheiras. A importância de reabilitar este legado teve como objetivo reavivar a pertença cultural da comunidade, assim como estimular o crescimento do município em torno das indústrias culturais, bem como, não deixar perder a memória daquele complexo industrial.

A intervenção de reabilitação do complexo Oliva pretendeu dar resposta a dois programas distintos: uma parte do complexo foi destinada à instalação de uma incubadora de empresas e outros serviços ligados às indústrias criativas, localizada na antiga secção dos fabricos gerais e armazéns de fundidos; a outra parte destinou-se à criação de um núcleo museológico e de turismo industrial, instalada na secção administrativa, na Torre. O lote onde se encontram os fornos de esmaltagem das banheiras, é onde se situam as instalações da Oliva Creative Factory.

Na parte exterior do portão de entrada constata-se de imediato a diferença entre o reabilitado e os velhos edifícios abandonados da fábrica, pois a parte remodelada assume com rigor a forma arquitectónica da fachada original, mais estimada e de cara lavada. Trata-se de um exemplar de arquitetura modernista portuguesa, como seria expectável na época da sua construção, com traços racionalistas bem expressos na linguagem ritmada de vãos da fachada, apoiada numa espécie de embasamento em cantaria. A reabilitação preservou o carácter arquitectónico deste conjunto, renovando todos os elementos dos alçados que estavam em mau estado, como os caixilhos, de portas e janelas, e a pintura dos próprios volumes.

No edifício poente, do lado esquerdo da entrada, tem como programa: a recepção, sanitários, bar, a incubadora de empresas, salas de reuniões, lojas, salas polivalentes para eventos e oficinas de apoio às empresas. No 1º Piso, localizam-se os escritórios independentes de empresas maduras, restaurante, residências criativas e um espaço de refeições comuns a todos os criativos que lá desenvolvem os seus projetos. Encontram-se algumas diferenças na estratégia de intervenção no seu interior, principalmente motivadas pela adaptabilidade do novo programa que as integra atualmente, no entanto, continua claro a identidade industrial do conjunto que originalmente caracterizou o edifício, destacando-se os open space, a boa iluminação natural e a expressão dos materiais, como temas orientadores destas intervenções.



Fig. 18 | Fachadas da Oliva antes da intervenção



Fig. 19 | Fachadas da Oliva depois da intervenção

Outro vestígio de abandono e de um passado muito presente são alguns dos grafittis nas paredes que foram mantidos propositadamente, por representarem uma fase menos positiva da Oliva. Embora correspondam a uma fase obsoleta da fábrica, atualmente fazem parte de todo um processo de transição e história do edifício, que a Câmara fez questão de não esquecer. A cobertura do edifício foi completamente modificada, por se encontrar totalmente destruída, sendo executada em vigas e chapas metálicas à vista, reafirmando a identidade industrial.

O espaço onde se encontra a incubadora beneficia do pé-direito total do edifício, e é aqui que cada projeto criativo tem o seu posto de trabalho composto pelo material necessário (mesa, cadeira, móvel de arquivo); procurou-se criar um espaço que promove o desenvolvimento de novas ideias e projetos, que beneficia dos preços competitivos de aluguer do mercado.

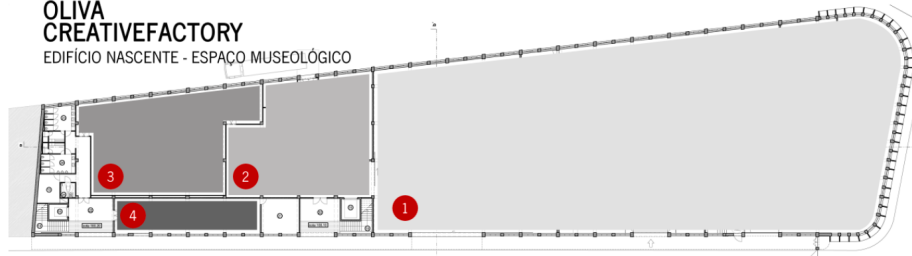
A localização estratégica da incubadora no centro do edifício adivinha, para quem lá trabalha, um espírito de entre-ajuda e comunidade.

A incubadora assemelha-se (metaforicamente) ao mesmo dispositivo usado para os recém nascidos, sendo que o centro do edifício é envolto em panos de vidro permitindo a vista total dos criativos do edifício, criando uma transparência entre todos os setores, abrindo assim portas ao nascimento de novas ideias entre o grupo.

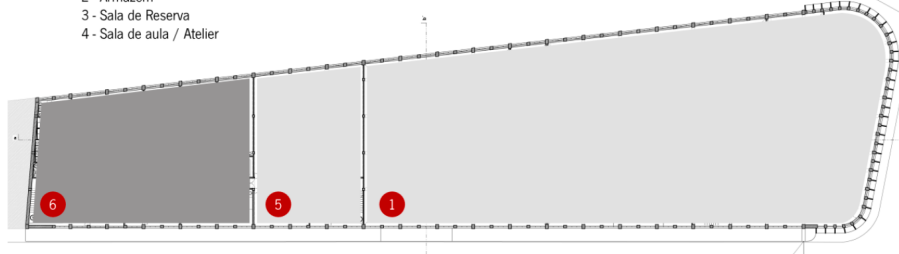
Na ampla sala polivalente de eventos, conservaram-se os fornos de esmaltar banheiras, conferindo ao local uma peculiaridade diferente, sendo que se sente presente a memória da laboração da Fábrica e concede à sala uma beleza escultórica, os fornos são aqui tratados como peças de museu, como objeto arqueológico, preservados e protegidos por uma caixa de vidro. Estes fornos tem um papel importante na organização espacial da sala, dividindo o espaço em dois, permitindo a adaptação de eventos maiores ou menores. O acesso a esta sala é independente do resto do edifício, permitindo a segurança e o desempenho de qualquer tipo de evento.

Encontra-se junto à entrada da Oliva Creative Factory, o pólo Centro de Arte Oliva, o edifício nascente, espaço dedicado à programação de exposições de arte contemporânea e arte bruta, tendo no seu acervo duas coleções: coleção Norlinda e José Lima. A coleção Norlinda e José Lima iniciou-se, na década de 1980, pela mão do empresário José Lima, de S. João da Madeira comissariada por Christian Berst, que tem por base a coleção Treger/Saint Silvestre.

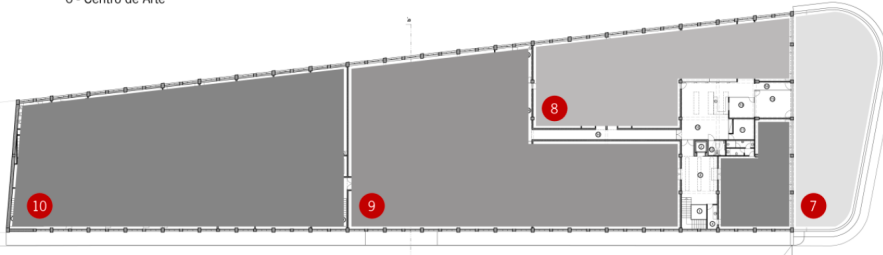
**OLIVA
CREATIVEFACTORY**
EDIFÍCIO NASCENTE - ESPAÇO MUSEOLÓGICO



- PISO 0**
- 1 - Espaço Expositivo
 - 2 - Armazém
 - 3 - Sala de Reserva
 - 4 - Sala de aula / Atelier



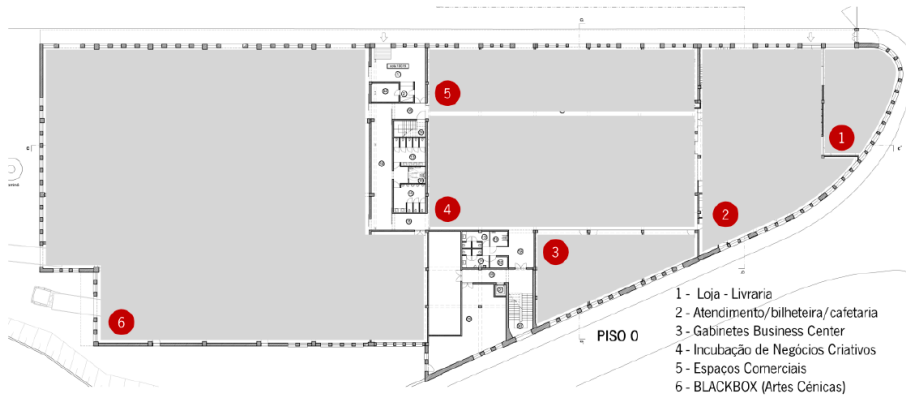
- PISO 1**
- 5 - Salas de Reserva
 - 6 - Centro de Arte



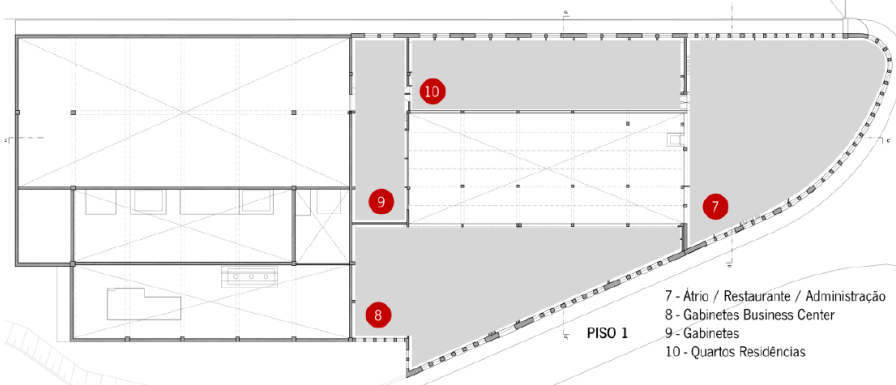
- PISO 2**
- 7 - Terraço
 - 8 - Sala de Dança
 - 9 - Exposições
 - 10 - Futuras instalações Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

Figura 20 | Plantas Edifício Nascente

EDIFÍCIO POENTE - NÚCLEO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS



- PISO 0**
- 1 - Loja - Livraria
 - 2 - Atendimento/bilheteira/cafetaria
 - 3 - Gabinetes Business Center
 - 4 - Incubação de Negócios Criativos
 - 5 - Espaços Comerciais
 - 6 - BLACKBOX (Artes Cênicas)



- PISO 1**
- 7 - Átrio / Restaurante / Administração
 - 8 - Gabinetes Business Center
 - 9 - Gabinetes
 - 10 - Quartos Residências

Figura 21 | Edifício Poente

Este acervo, exemplifica as tendências da arte internacional e nacional entre o pós-II Guerra Mundial e os nossos dias. Também nesta ala do edifício encontramos o Conservatório de Dança do Norte, com um programa de ensino vocacional artístico nas áreas da dança e performance. Esta ala transmite um dinamismo de utilização diferente ao edifício, com as crianças de diferentes idades a entrar e sair frequentemente.

A linguagem arquitectónica mantém o carácter industrial do edifício acrescentando elementos novos, habituais para esta área.

No 1º Piso edifício encontramos o Centro de Arte de S. João da Madeira, este departamento cultural iniciou a sua atividade em 1986. Este é um espaço dedicado às artes visuais, com um programa formativo nas áreas da Pintura, Desenho, Fotografia, Multimédia, Banda Desenhada, Gravura e Residências Artísticas. O arranjo arquitectónico foi imprescindível, tendo em conta que foi necessário introduzir paredes que permitissem a divisão das salas de aula.

O 2º Piso espera albergar futuramente a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (FRESS), com actividades destinadas à formação em artes decorativas e artes de madeira, que deverá dispor de oficinas de conservação e restauro (marcenaria, talha, embutidos, entre outros.)

Caracterizadas todas as valências que a reabilitação conferiu aos edifícios, compreendemos que o espírito da intervenção foi a versatilidade e a polivalência das actividades que pudessem albergar, deixando os seus espaços abertos a solicitações ocasionais, garantindo a preservação e valorização do património edificado, bem como da simbologia cultural de pertença identitária local.

Com esta metamorfose programática, a Oliva que durante anos foi um motor de desenvolvimento da cidade e um originador de postos de trabalho vê aqui novamente esse espírito empreendedor, salvaguardando a memória da antiga indústria.



Fig. 22 | Espaço expositivo Oliva Creative Factory



Fig. 23 | Espaço expositivo Oliva Creative Factory

3.2.2 FÁBRICA SANTO THYRSO

PRÉ-EXISTÊNCIA:

Designação do edifício: Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso

Programa: Administração e Área Fabril.

Arquitecto: José Luis de Andrade

Construção: 1896-97

Local: Santo Tirso, Portugal

INTERVENÇÃO:

Nova designação: Fábrica Santo Thyrso

Programa: Quarteirão Cultural

Arquitecto: Nuno Pinto

Construção: 2005 - actualidade



Honoré Vavasseur
(1845-1906)



Thomas Hargreaves
(1852-1920)



João Gualberto Costa
(1858-1929)

Fig. 24 | Fundadores da Fábrica do Teles (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrso)

A cidade de Santo Tirso foi considerada o berço da industrialização têxtil em Portugal. Em 1845, foi criada a primeira unidade industrial têxtil com o nome Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsos.

Esta fábrica faz parte da memória coletiva e cultural dos munícipes e concelhos vizinhos, situando-se no coração da cidade de Santo Tirso, junto ao Rio Ave. Devido à formação cedida pela indústria, esta região é também inquestionavelmente impulsionada pela mão de obra de qualidade de centenas de trabalhadores, projetando a região a nível económico. Por este motivo, existe ainda hoje uma forte ligação sentimental da população para com este espaço.

HISTÓRIA DA FÁBRICA TELES E IMPORTÂNCIA NA REGIÃO

A Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsos nasceu de uma disposição testamentária do conde de S. Bento que queria construir uma fiação de algodão, a exemplo da Fábrica do Rio Vizela, tendo deixado testamentado à Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, que esta instituição ficava obrigada a executar essa vontade. Após o concurso, lançado em 1895, foi criada, a 26 de maio do ano seguinte, uma sociedade formada por Honoré Vavasseur, o diretor técnico, Tomás Hargreaves, o engenheiro, e João Gualberto Costa o industrial do Porto, funda, a empresa, em 1896, 50 anos depois da instalação da Fábrica de Negrelos, adquirindo uma máquina a vapor e vários equipamentos têxteis. Em 1897, já se encontrava a laborar, produzindo panos crus, riscados e fazendas e, em 1899, inicia a produção de zefires. Foi oficialmente inaugurada em 1898, e em 1903 alarga o seu sector de produção para incluir a fiação e, mais tarde, para englobar as operações de acabamentos e tinturaria.

Em 1906 este estabelecimento adopta a denominação "Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso, Lda", e, em 1915, a fábrica torna-se sócia da Associação Industrial Portuense, instituição de forte influência no âmbito da política setorial do têxtil junto do Governo Central. Ao longo da história da consolidação da empresa destaca-se a memorável visita de D. Manuel II, em 25 de Novembro de 1908. No decorrer do século XX a empresa cresceu e em 1919 já empregava perto de 2.000 trabalhadores. Após três décadas de laboração, pontualmente abalada pela conjuntura económica e política do país – designadamente o período de implantação da 1.^a República, a 1.^a Guerra Mundial e a crise de 1929 –, a partir de 1939, a Fábrica iniciou um novo ciclo, embora interrompido pela morte do seu administrador, António José da Silva Teles Júnior.

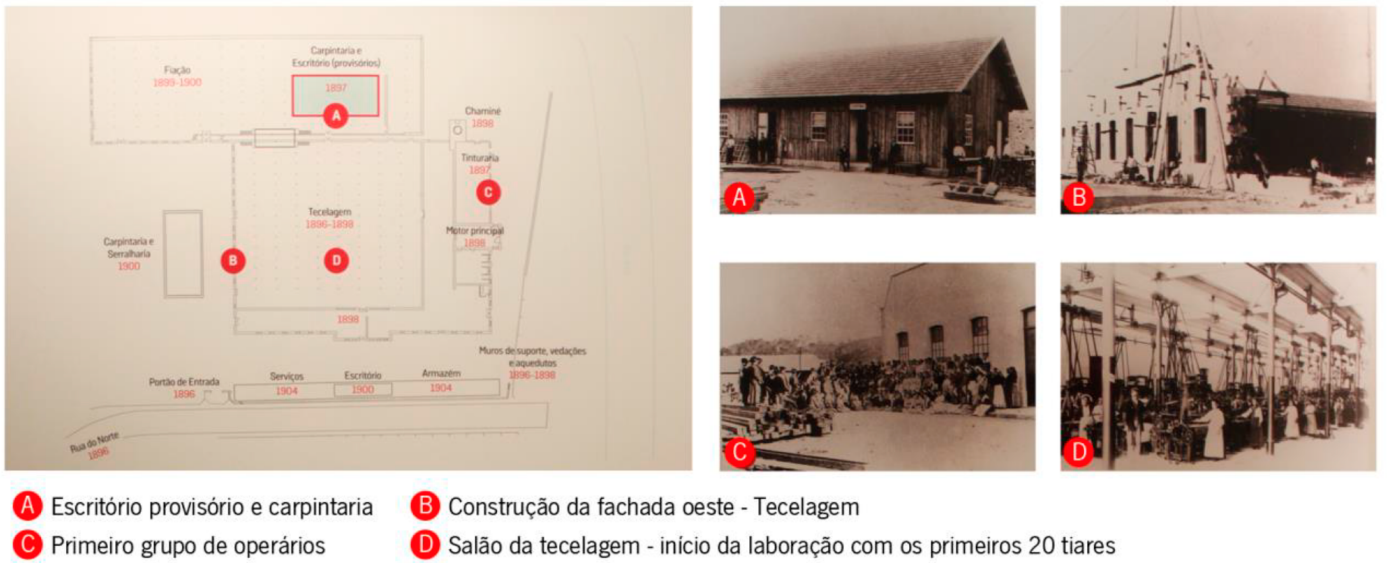


Fig. 25 | Primeiras obras da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso – Fase I

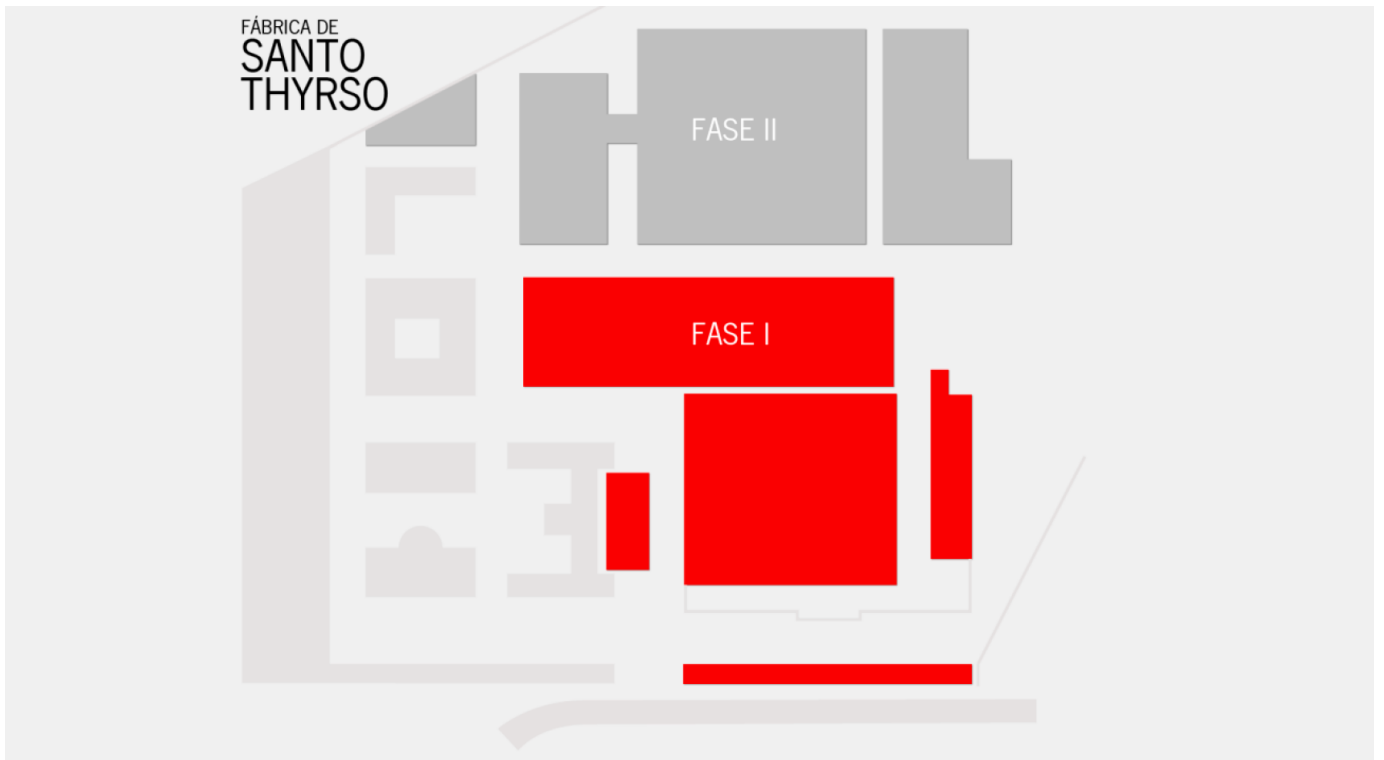


Fig. 26 | Fase I (1906-1908) e ampliação da Fase II (década de 1950) – Arq. Sequeira Braga

Sucedeu-lhe na gerência o seu filho, António Borges da Silva Teles, este introduziu grandes alterações na fábrica na década de 40 e 50 do séc. XX, construindo um conjunto de edifícios de apoio à área de laboração. Construiu escritórios, armazéns, vestiários, oficinas (serralharia, mecânica e carpintaria) e bairro operário com 49 habitações, em terrenos anexos ao da fábrica para posteriormente duplicar a área de laboração com a construção da nova fiação e ampliação da tinturaria.

Em 1970, António Borges da Silva Teles é substituído pelo Eng.º Ireneu Moreira Pais e por Eduardo Leal na administração. Após a revolução de 1974 a empresa orientou a sua produção para o mercado estrangeiro. Em 1984, numa fase em que a Fábrica já dava sinais de alguma fragilidade financeira, os novos administradores tentam inverter a situação introduzindo alterações significativas nos espaços laborais e nas linhas de produção de forma a ajustarem os serviços às necessidades de melhoria de produtividade. Todavia, o processo de desindustrialização que atingiu o Vale do Ave nas décadas de oitenta e noventa do século passado provocou a falência desta unidade industrial, que acabou por encerrar portas em 1993.

PROJETO DE INTERVENÇÃO

Consciente da importância da Fábrica Santo Thyrsó na região, a Câmara Municipal de Santo Tirso manifesta o desejo de adquirir a fábrica. A sua reabilitação enquadra-se numa intervenção mais alargada de regeneração urbana, que visa tornar as frentes ribeirinhas do rio Ave um espaço de sociabilidade e de fruição para todos os habitantes, turistas e visitantes de Santo Tirso, ao qual se associa a promoção de atividades culturais e económicas, criativas, urbanas, inovadoras e diferenciadoras. Quando em 1992 a autarquia, liderada por Joaquim Couto, decidiu avançar com um Plano de Urbanização das Margens do Ave (PUMA), integrou a Fábrica de Santo Thyrsó nesse estudo para a regeneração da área ribeirinha. Seguiu-se um longo processo de negociação entre a autarquia e o Banco Pinto e Sotto Mayor, gestor da massa falida, que resultou na assinatura, em 1999, de um contrato promessa de doação de terrenos e edifícios ao Município, o que veio a concretizar-se em 2003.

A 28 de setembro de 2006, por iniciativa do Município de Santo Tirso, foi constituída a Fundação de Santo Thyrsó, assumindo funções de promotora e gestora da Incubadora de Santo Tirso. Dois anos mais tarde, em 2008, entra em funcionamento o Centro de Empresas e Inovação de Santo Tirso, que possibilitou o acesso a financiamento comunitário e viabilizou a recuperação de parte significativa deste património. Entre 2008 e 2009 são então redefinidos os programas para a Fábrica de Santo Thyrsó Quarteirão Cultural.

FÁBRICA DE SANTO THYRSO

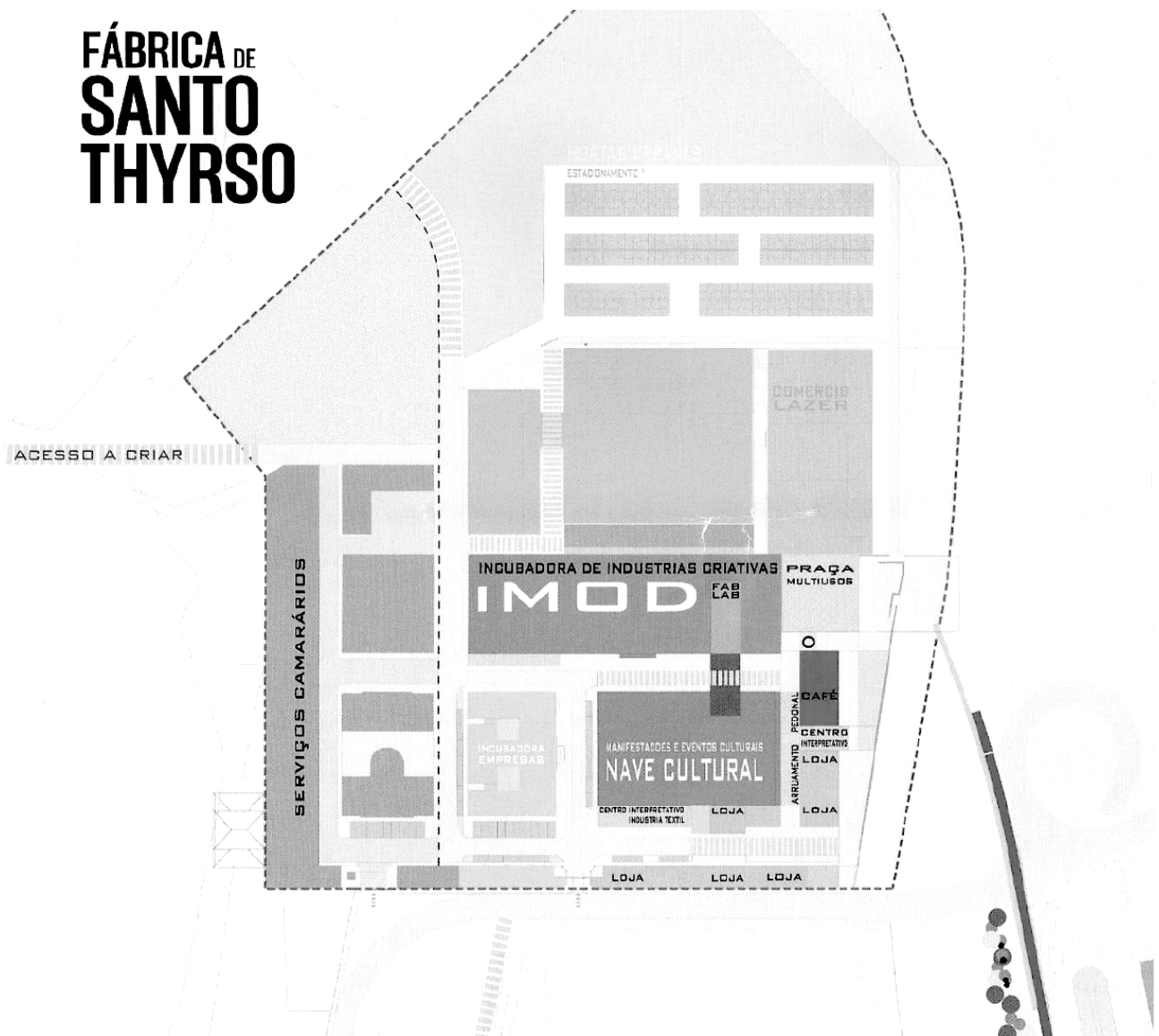


Fig. 27 | Esquema das novas valências da Fábrica de Santo Thyrso em planta

Em 2012 é feita a abertura da Nave Cultural e do Centro Interpretativo da Indústria Têxtil e no ano seguinte são concluídas as obras da Incubadora de Moda e Design. O conceito da regeneração que norteia a reabilitação da Fábrica Santo Thyrsó é alicerçado em razões de ordem patrimonial e identitária e de ordem económica e social, com foco no setor têxtil e no design de moda e de inovação tecnológica. Mais do que a requalificação física do espaço pretendeu-se criar um projeto de regeneração urbana que pressupõe uma perspetiva evolutiva e vivencial do património. Para o município não interessou apenas conservar estaticamente a memória do lugar, mas sim recompô-la com novas vivências, abertas à comunidade local. Este foi o principal desafio do projeto: abri-lo ao exterior, divulgando-o externamente, estabelecendo parcerias e trazendo experiências e projetos para serem desenvolvidos no espaço da Fábrica de Santo Thyrsó e, ao mesmo tempo, incorporar o “saber fazer” dos antigos operários têxteis, os métodos produtivos tradicionais da cultura local, recuperando-os para a actualidade. Neste contexto, são criadas várias valências, tais como: o centro interpretativo, que se constitui como um espaço de carácter reflexivo e museológico, onde é estudada e divulgada a história e os vestígios da indústria têxtil do vale do Ave, assim como futuro e o presente do projeto atual.

No espaço expositivo conta-se a história da fábrica, contextualizando-a no resto da região. O espaço multifuncional conhecido por Nave Cultural, destina-se à produção de diferentes tipos de eventos, nomeadamente: concertos; espetáculos de teatro e dança; exposições; feiras; e outros eventos de carácter técnico-científico (conferências, seminários e “workshops”). Do lado direito da Nave Cultural é criado um eixo, formado por um corredor, que no lado oposto é composto por lojas e restaurante, - esta será a ala mais aberta à comunidade em geral (Nave Cultural, lojas e restaurante).

Além de se criarem estas funções programáticas nos edifícios mais antigos que formam o conjunto industrial inicial, foi também pensada uma forma de reavivar a importância da indústria têxtil, através da IMOD³⁶, que contempla a incubação de novos negócios ou projetos criativos (laboratórios de prototipagem, espaços para formação avançada na área da moda ou áreas complementares, animação cultural e comercial e promoção da fábrica e dos projetos residentes).

Este espaço é também um lugar de formação, ocupado pela Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos (ESAD) e por outras instituições de formação.

³⁶ IMOD - Incubadora de Moda e Design



Fig. 28 | Incubadora iMOD



Fig. 29 | Nave cultural

A criação deste espaço multifacetado, resultou da necessidade e do interesse de preservar a memória cultural incontestável da “Fábrica”, assim como a sua importância socioeconómica e tecnológica, profundamente relacionada com a identidade coletiva da comunidade tirsense, que, em grande medida, reflete a história da indústria têxtil algodoeira da região. Podemos concluir que se trata de um edifício multifuncional, pela margem que deixa em aberto para a flexibilidade programática.

Na proposta arquitetónica é perceptível que a memória do lugar se encontra sempre presente, não apenas através dos elementos formais, mas também em toda a definição programática, respeitando a integridade do complexo de edifícios. Às fachadas não foram adicionadas alterações consideráveis, tendo-se efectuado apenas reparações pontuais de reboco e limpeza de pedra.

Os interiores foram tratados de forma a modificar o menos possível, com pilares em ferro que suportam a cobertura. Ainda no interior das naves e de forma a responder a exigências regulamentares, foram introduzidos volumes de construção leve, fazendo lembrar contentores de carga, que contêm os programas necessários à habitabilidade e segurança dos espaços, tais como sanitários e gabinetes de trabalho. Estes volumes funcionam também como objetos orientadores e organizadores de todo o espaço desde a Nave Cultural à Incubadora de Moda e Design, permitindo garantir a escala do espaço industrial existente e, conseqüentemente, a sua autenticidade de naves industriais. O antigo e o novo comunicam entre si sem se atropelarem visualmente e funcionalmente, criando uma linguagem de harmonia entre o passado e o presente. A forma como são colocados os módulos, cria a ideia de estarem soltos da estrutura arquitetónica original, não comprometendo assim a leitura plástica do espaço outrora industrial.

A cobertura em forma de *sheds*, revestida com painéis de fibra de vidro e telha, permite a entrada de luz natural durante o dia. Outro ponto que foi importante para o desenvolvimento deste projecto, foi a valorização do contacto visual com o rio, abrindo parte do alçado em alvenaria, rematado-o com panos de vidro que aumentam o contacto com o exterior, bem como a iluminação natural. Em frente a este alçado, desenhou-se uma praça onde se localiza a chaminé da antiga fábrica, que surge como um elemento escultórico e enaltecendor do espaço. Através desta praça ficamos automaticamente conectados a diferentes espaços destinados ao público geral: a Nave cultural, o restaurante e as lojas, bem como os futuros percursos pedonais e ciclovias ao longo do rio.



Fig. 30 | Fachada da Fábrica de Santo Thyrso



Fig. 31 | Fachada da Fábrica de Santo Thyrso

Em frente a este alçado, desenhou-se uma praça onde se localiza a chaminé da antiga fábrica, que surge como um elemento escultórico e enaltecendor do espaço. Através desta praça ficamos automaticamente conectados a diferentes espaços destinados ao público geral: a Nave cultural, o restaurante e as lojas, bem como os futuros percursos pedonais e ciclovias ao longo do rio. No seguimento da praça, foi construído um espelho de água que acompanha toda a fachada, refletindo-a e relembrando o valor do elemento água, inspirada no rio Ave, como fator determinante da evolução da região Tirsense. É neste espaço convidativo, onde se respira tranquilidade, que se localiza a esplanada de convívio e lazer ao ar livre.

A Fábrica de Santo Thyrsó constitui um símbolo da ligação da cidade à indústria têxtil numa época em que esta era assumida como um símbolo do progresso, motor do crescimento económico e promotor de importantes transformações sociais, e esse papel continua na memória deste edifício, apesar das mutações evidentes e necessárias que foram realizadas. A concepção deste espaço híbrido desdobra-se na sua pluralidade programática de acordo com as valências e projetos que pretende receber, criando um dinamismo próprio.

Esta renovada fábrica tal como maior parte das indústrias criativas, assumem hoje um papel decisivo na construção de uma cidade atual, que procura criar campos de investigação aplicada, capazes de integrar projetualmente tecnologia e valores, inovação conceptual e estratégia comercial, soluções locais e perspetivas globais, sendo este projecto uma aposta na criatividade como factor diferenciador e potenciador de recursos.



Fig. 32 | Corredor de acesso à nave cultural, restaurante, lojas e praça



Fig. 33 | Praça

3.2.3 LA FABRICA

PRÉ-EXISTÊNCIA:

Designação do edifício: Fábrica de cimento
Programa: Área fabril de confeção de cimento
Local: Sant Just Devern, Barcelona (Espanha)

INTERVENÇÃO:

Nova designação: La fabrica
Programa: Habitação e atelier de arquitetura
Arquiteto: Ricardo Bofill
Construção: 1973 - 1975



Fig. 34 | Fábrica de cimento existente depois do processo de desmatamento, onde Bofill começou o projeto de renovação.



Fig. 35 | Fábrica de cimento em processo de intervenção.

Por volta de 1973, após uma viagem aos arredores ocidentais de Barcelona, Ricardo Bofill descobriu um complexo industrial, que continha algo inquietante e um potencial que o arquitecto identificou de imediato. Na visão de Bofill, na arquitectura não existem causas perdidas e foi com base nessa crença que decidiu reabilitar esta fábrica de cimento prestes a ser encerrada (Fig. 34). Esta antiga fábrica de cimento, construída durante a fase inicial da industrialização de Barcelona, na localidade de Sant Just Devern, era a cimenteira mais antiga de Espanha e que possuía a chaminé mais alta. Quando o arquiteto soube que estaria para encerrar, decidiu explorar este espaço que outrora teve um papel de enorme importância na indústria da Catalunha. *"Eu gostava de passear pelos locais de lixo industrial e pelas terras de ninguém, onde a cidade é destruída, onde antigas chaminés de tijolos pontuam a luta anárquica entre os campos e os blocos de betão"*³⁷.

Bofill procurava uma propriedade que lhe permitisse construir um escritório espaçoso e um lar amplo para a sua família. *"Como nas oficinas tradicionais catalãs, onde os artesãos moram e trabalham, eu procurava um lugar que pudesse albergar tanto a minha vida privada quanto a minha vida profissional, pois, no meu caso, há pouca diferença entre as duas esferas."* A transformação da fábrica em ruína em atelier e habitação, permitiu a Bofill provar que *"a forma não necessariamente segue a função"*.

Esta era uma proposta relativamente radical na época, visto que existia uma série de barreiras regulamentares que impossibilitavam a criação de um espaço de trabalho e moradia. Decidiu comprar a propriedade e toda a terra ao seu redor, numa tentativa de dar vida à sua visão. Este projeto colossal, abrangendo uma área de 31.000 m², tem constituído a sua missão de vida, ressuscitando-o e redefinindo-o, reavaliando a sua construção que foi deixada para morrer *"Eu queria morar lá pelo prazer do desafio"*.

Quando ainda cheia de trabalhadores, poeira e fumaça, a fábrica não era um fantasma, mas certamente era uma relíquia e, portanto, era atraente para um arquiteto com um fascínio contínuo por ruínas. *"Gosto da ideia de uma ruína filosoficamente. A vida é uma ruína"*, diz. O trabalho semi-acabado é um assunto que sempre fascinou Bofill. *"A obra de arte não existe; é como uma corrida de galgos na qual se corre em direção a algo, mas nunca se consegue alcançá-lo. Todo trabalho tem algo de errado nisso."*

Todas as transcrições desta página são referentes ao livro:
BOFILL, Ricardo, Ricardo Bofill: Visions of Architecture, Gestalten, Maio, 2019

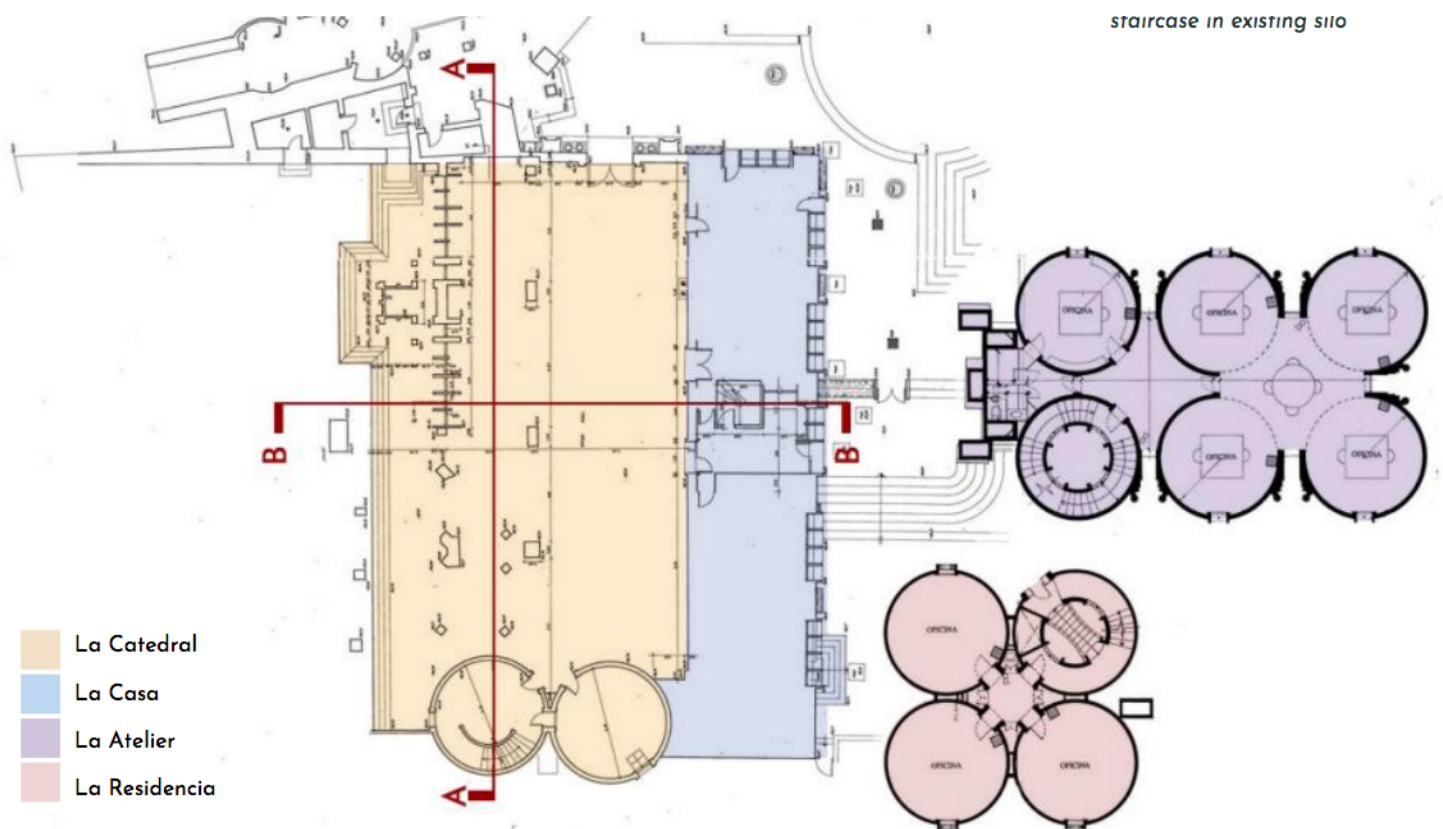


Figure 8.0: Ground Floor Plan of La Fabrica showing zoning of spaces

Fig. 36 | Planta programática do primeiro piso de La Fabrica, Ricardo Bofill

Este edifício foi construído no início dos anos 20 e depois foram construídas gradualmente novas estruturas e extensões, adicionadas quando a produção as exigia. Foram adicionadas ao complexo novas linhas de produção: muitas peças foram presas e cobertas e por isso a fábrica tornou-se um local por camadas.

Esta transição e improvisação ao longo dos tempos refletia a industrialização em ascensão da Catalunha - cada nova extensão sinalizava a prosperidade da empresa, na forma tridimensional.

De alguma maneira, este edifício refletia várias características da arquitetura vernacular - em que as casas são formadas organicamente, de acordo com a necessidade ou com o aumento do número familiar ao longo do tempo - mas neste caso, está associado ao setor industrial e ao seu crescimento orgânico e não planejado.

Boffil acreditou que para lá daquelas superfícies escuras, sujas e feias, haveria a possibilidade de esculpir algo extremamente belo. Um dos seus desejos foi conservar e aumentar o ambiente construído, assim como nas cidades, que foram formadas ao longo da história. Como Boffil era fascinado por ruínas, este desafio, era uma visão de certa forma romântica. *“Nos períodos renascentista e barroco, alguém aparecia e acrescentava um pouco a um edifício existente que permanecia no local. Eu queria repetir essa experiência, não apenas com um edifício normal, mas mais complicado, com uma fábrica de cimento”*³⁸, diz Boffil.

A fábrica que encontrou era a soma de peças arquitectónicas díspares e, portanto, de uma infinidade de sabores estilísticos. O edifício tinha um poder imponente e distinto, pela sua materialidade, dimensão, carácter primitivo e brutalista. Paradoxalmente, a fábrica também era abstrata - composta por volumes puros e formas básicas, cada uma com sua própria existência virtual independente.

Deu-se início ao projeto de reabilitação, eliminando todas as adições feitas depois da construção original, que remonta ao início do século XX. Em dois anos - tempo que durou o processo de transformação da Fábrica - maior parte da antiga estrutura foi demolida e mantiveram-se apenas 8 dos 30 silos que originalmente a compunham. As suas galerias subterrâneas com mais de 4 quilómetros de extensão e as enormes salas de máquinas, deram lugar a formas que tinham permanecido ocultas e que se recuperaram para o projecto. Por fim e definidos os espaços a serem utilizados, o desafio seguinte foi encontrar as funções adequadas para cada um deles. No entanto e ao contrário do funcionalismo (que cria oportunidades a partir da função), neste projeto existiu um processo inverso: os espaços pré-existentes adaptar-se-iam à função pensada pelo arquiteto.

³⁸ BOFILL, Ricardo, Ricardo Bofill: Visions of Architecture, Gestalten, Maio, 2019



Fig. 37 | Escritório da Fábrica de Bofill



Fig. 38 | Escritório da Fábrica de Bofill

Após a intervenção, a enorme obra de betão, velha e abandonada, convertia-se assim num lugar totalmente diferente, albergando a residência do autor, mas também sendo a sede do seu atelier de arquitetura, cuja equipa é formada por sociólogos, filósofos, matemáticos, engenheiros e arquitetos. O atelier, que está localizado nos silos da fábrica, nos quatro andares conectados por uma escada em espiral, reflete a cultura arquitectónica de Boffil, sendo que a distribuição do espaço incentiva ao trabalho em equipa. O escritório de Ricardo Bofill, (Fig. 37 e 38) no primeiro andar, é um espaço minimalista, com 4 metros de pé direito, o espaço de trabalho é aberto, luminoso e espaçoso, submergido de luz natural, com janelas com vista para os jardins.

A nível mais pessoal, o arquiteto desenhou a “catedral”, um espaço criativo e de exposição situado numa das naves da fábrica. Poderá talvez ser um termo pretensioso, mas na realidade, este espaço caracteriza-se pela dimensão e estética, criando uma encantadora atmosfera interior (encontrando-se entre o pós-modernismo e o gótico catalão).

Na "catedral", estão presentes os funis antigos da cimenteira, pendurados no tecto sobre as mesas de reuniões (Fig. 39 e 40), este aspeto brutalista contrasta com os panos envidraçados, voltados para o jardim.

A área de processamento da antiga fábrica foi transformada numa sala de conferências e exposições, de dimensões generosas, com um pé direito de cerca de 10 metros. As paredes de cimento bruto levemente oxidadas mantêm a estética industrial primitiva, representando a memória do uso e do tempo. A intervenção arquitectónica em “La Catedral” é mínima, a estética é visualmente clara, com muito poucos elementos de mobiliário contemporâneo.

Na parte dedicada à sua residência (Fig. 41 e 42), o interior foi decorado com mobiliário contemporâneo e longas cortinas brancas, transformando uma “caixa de betão” num espaço totalmente habitável e confortável. Bofill manteve as aberturas laterais já existentes na antiga fábrica, tratou-as como um elemento-chave para trazer iluminação natural à casa, além de “romantizar” o espaço bruto.

O fascínio pela planta levou-o a mudar completamente o seu uso e as suas funções. Bofill sublinha *“Verifiquei que tudo pode ser extraído de um determinado espaço. Ao longo dos anos, a minha equipa entregou com sucesso vários projetos internacionalmente que envolvem o reposicionamento de edifícios industriais. Abordamos o trabalho com profundo respeito e sensibilidade pelo seu passado industrial, enquanto realizamos a transformação com critérios de eficiência e sustentabilidade em mente.”*³⁹

³⁹ BOFILL, Ricardo, Ricardo Bofill: Visions of Architecture, Gestalten, Maio, 2019



Fig. 39 | Sala com 10 metros de pé-direito onde alguns dos cilindros de cimento foram mantidos da antiga fábrica



Fig. 40 | Sala com 10 metros de pé-direito onde alguns dos cilindros de cimento foram mantidos da antiga fábrica

O projeto paisagístico foi criado ao longo dos anos apaziguando visualmente o estilo brutalista das estruturas de cimento. O terreno, é principalmente coberto de relva, cercado por grupos de eucaliptos, palmeiras, oliveiras, prunus e trepadeiras que abraçam as paredes de betão, concedendo ao edifício uma aparência misteriosa de ruína.

Neste lugar, tal como afirma o autor, o luxo está no espaço. O seu interior mistura-se com uma estética brutalista, fruto da construção original e com uma aparência romântica: janelas de inspiração gótica e longas cortinas com tons brancos.

Os livros que ocupam as prateleiras e os esboços de plantas que enchem as mesas, dão uma nova vida a este espaço minimalista. As luzes quentes criam um ambiente velho, rústico e solene... Este é um lugar onde não se procura apenas o funcionalismo mas sim, uma estética que surpreende e emociona.

La fabrica ainda é um trabalho em construção até à atualidade, ao qual Bofill compara à sua própria vida, tendo em conta que as suas visões para o futuro continuam a mudar de forma.

Podemos concluir que a intervenção e reabilitação arquitectónica podem e devem respeitar e celebrar a memória do passado, mas ao mesmo tempo procurar uma visão que se aproxime do futuro. Neste caso o arquiteto atua como escultor (desconstrutor), respeitando e retendo a arquitetura original mas procurando estabelecer novas formas de uso sem nunca esquecer a essência do edifício.



Fig. 41 | Sala de estar da parte residencial da Fábrica de Bofill



Fig. 42 | Sala de estar da parte residencial da Fábrica de Bofill

IV. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO EXISTENTE

Neste tema procede-se à caracterização do edificado que constitui o complexo industrial da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães. Uma vez esgotadas todas as possibilidades de encontrar informação documental sobre este complexo, a sua caracterização está baseada na informação encontrada na Câmara Municipal de Viana e no relato de pessoas que conviveram de perto com este complexo industrial.

Partindo do estudo das plantas mais antigas, que remontam à década de 30, esta unidade industrial estava dividida em três grandes naves, que se conectavam por espaços de transição.

Como é visível na Fig. 43 na primeira grande nave localizavam-se os fornos em grés, inicialmente dois e mais tarde passaram a três; na segunda nave (central) o grande forno francês; e na terceira nave os fornos destinados aos produtos refractários.

O criador desta obra pensou na importância da simetria e da funcionalidade. Como já foi anteriormente referido, estamos perante um exemplar de arquitetura industrial modernista. E como tal um aspecto que é evidente, é a marcação volumétrica ritmada através dos vãos da fachada, e é através da fachada que já nos apercebemos da volumetria imponente do edifício.

O pavimento do piso térreo inicialmente era em terra e os restantes do 2º piso em soalho assente em vigamentos, também de madeira que encimavam colunas de tijolo “burro” e paredes exteriores do mesmo material e assentes a uma só vez. A cobertura era em telha assente sobre estrutura em madeira de eucalipto. As caixilharias de portas e janelas eram de madeira de pinho devidamente pintadas a tinta de óleo.

Por volta da década de 40⁴⁰, a empresa adquire dois pequenos camiões, deixando o transporte dos materiais de ser feito unicamente através de caminho de ferro. Tal como mostra na Fig. 45 - 2, o acesso à fábrica era feito maioritariamente pelo pórtico principal, sendo este construído em 1945, projetado pelo Arq. Madureira. Durante o período em que o Arq. Madureira esteve a trabalhar na fábrica fizeram-se algumas experimentações com novos produtos em grés, designadamente, os tijolos enormes aplicados no pórtico, sendo que alguns pesam aproximadamente 900kg cada. Existe também outra entrada, pelas traseiras do edifício que foi concebida posteriormente e que é utilizada por camiões de carga.

⁴⁰ Informação oral cedida por Manuel Silva e Beatriz Silva residentes em Alvarães e ex-operários na Fábrica Jerónimo Pereira Campos e Filhos

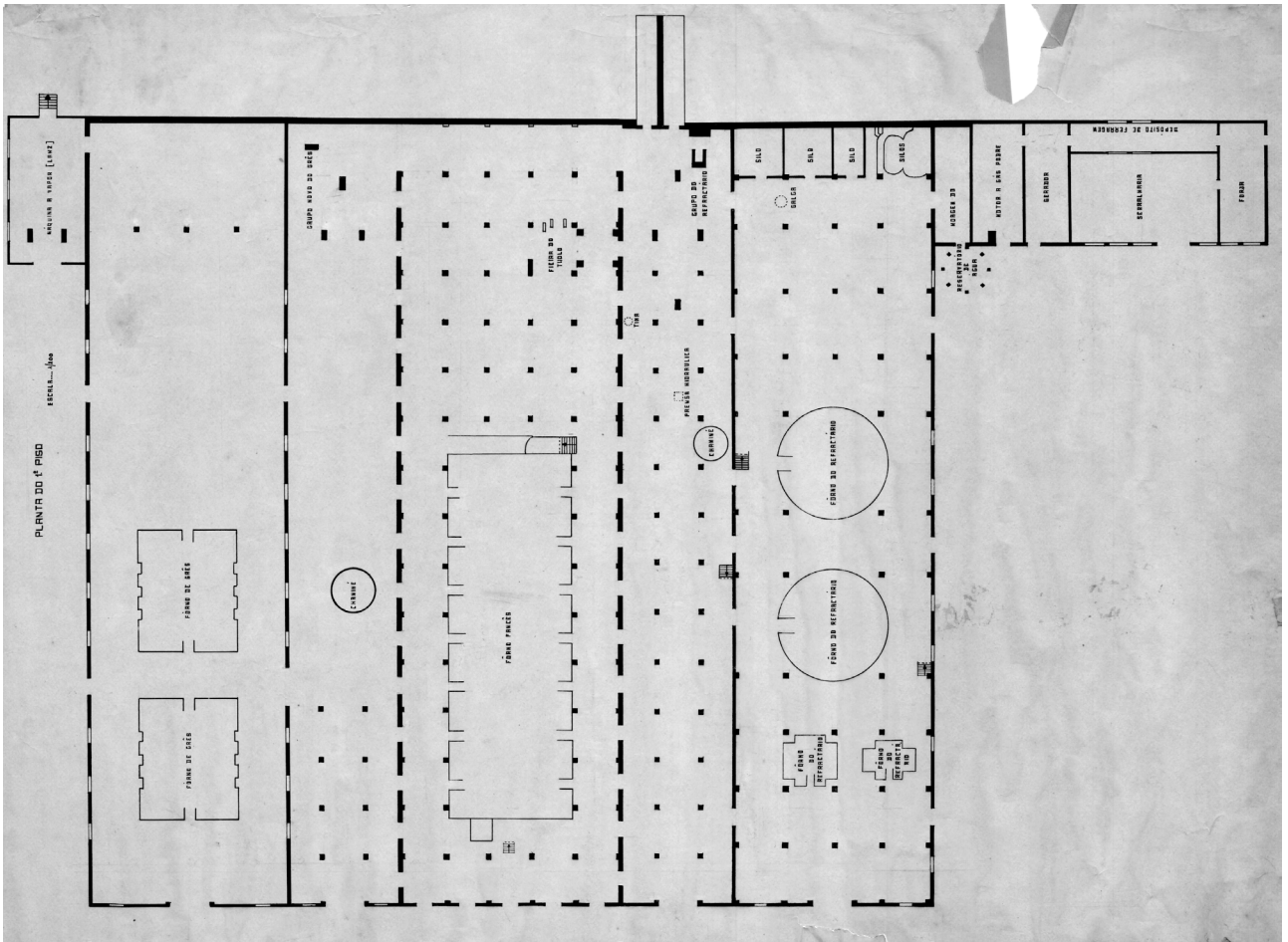


Fig. 43 | Planta da Fábrica Jerônimo Pereira Campos, Sucursal Alvarães, Piso 1 | Década de 30

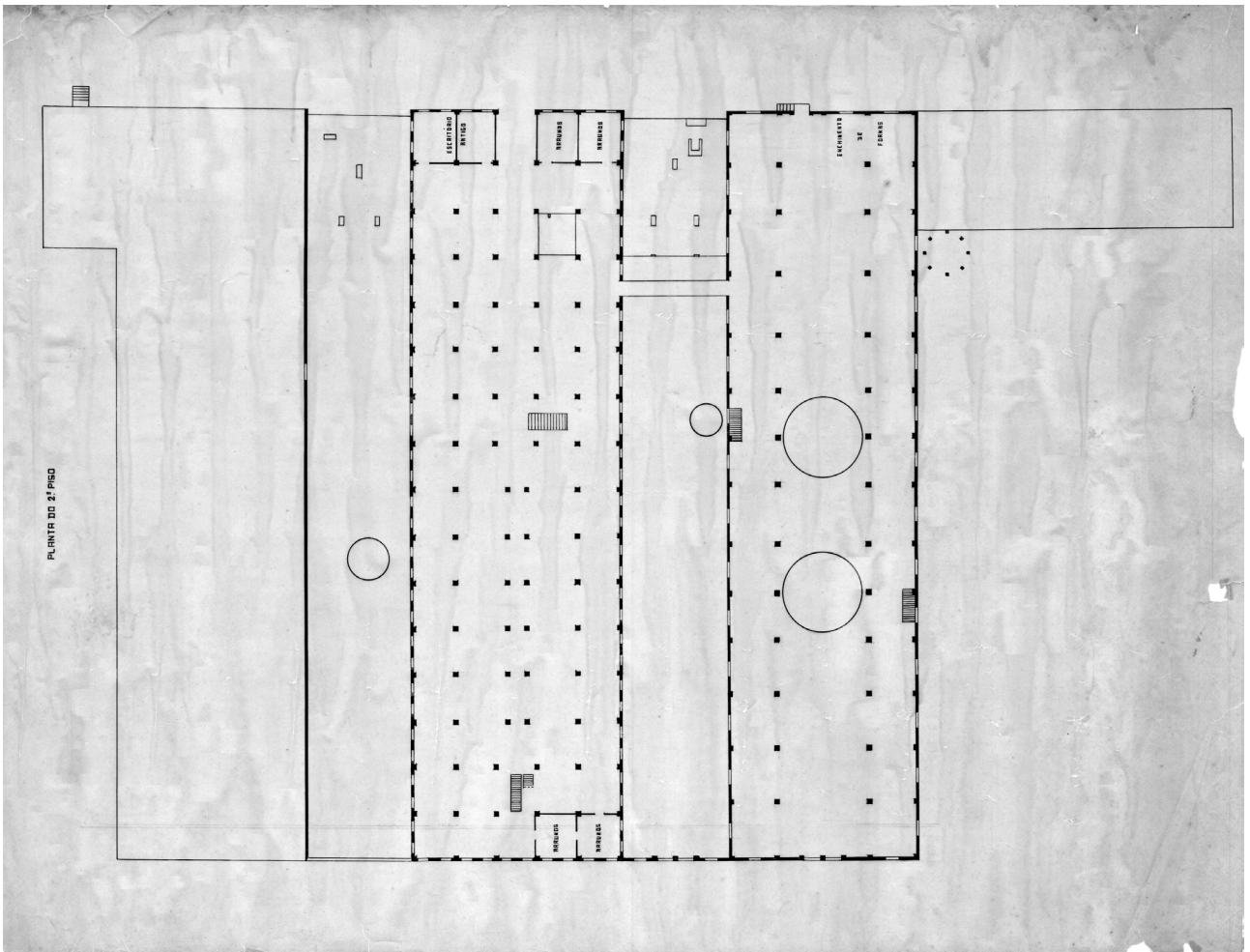


Fig. 44 | Planta da Fábrica Jerônimo Pereira Campos, Sucursal Alvarães, Piso 2 | Década de 30

Em 1948, (Fig. 46 e 47) o Arq. Madureira projeta um refeitório, uma cozinha e um balneário, já ao abrigo de novas leis. Esta ampliação, tinha como objetivo o cumprimento da lei e respetivo regulamento de salubridade pública e urbana, revelando por parte do proprietário uma preocupação com as condições de trabalho dos seus funcionários. Este refeitório e balneário não foram construídos tendo em conta as plantas presentes encontradas (Fig. 46 e 47). Foi construído sim um refeitório e um balneário (Fig. 45 - 4 e 6), mas não existem dados que expliquem o porquê de não terem sido utilizados os desenhos técnicos referentes ao projeto do Arq. Madureira.

O refeitório (Fig. 45 - 4) representava o único espaço de descanso da fábrica, onde os trabalhadores se juntavam para almoçar. Cada operário trazia o almoço de casa dentro de um cesto, almoçavam no refeitório e tinham os lugares devidamente marcados nas mesas, onde desfrutavam da companhia dos colegas de trabalho.

Não existem dados referentes à data da construção da antiga casa do Porteiro (Fig. 45 - 1), mas estima-se que foi construída após o pátio, por volta da década de 50. Este edifício era destinado ao Porteiro/Segurança que tinha como função receber os operários e manter-se em alerta para que nenhum furto acontecesse.

Em 1957, é construída uma chaminé de grande envergadura, com cerca de 35 metros de altura.

É por volta da década de 60⁴¹ que se nota o desenvolvimento a nível de equipamento industrial, percebe-se que esta unidade fabril já possuía um significativo volume de tecnologia, possuindo bateria de máquinas (via seca), plataforma de carga, destorrador de navalhas, alimentador circular, laminador de cilindros, fieira de vácuo, cortador, elevador de prateleiras para tijolos, prensa para telha de fricção, prensa para telha manual, prensa para telha revólver, elevador de prateleiras para telhas, descensor de 2 células, forno contínuo e secadores naturais.

Em 1991 a fábrica assiste a uma grande ampliação externa ao edifício principal, certamente para responder às novas necessidades da unidade fabril. É construído um edifício novo de planta rectangular, do lado do edifício principal a Sul, com função a de dar início à produção de produtos em barro vermelho.

Em 2002, é feita uma alteração na cobertura do edifício principal e a demolição de maior parte dos fornos existentes, tendo sido poupado intencionalmente por parte do proprietário o primeiro forno em grês de grandes dimensões, como forma de salvaguardar pelo menos um exemplar (Fig. 3 e 4).

⁴¹ Informação oral cedida por Manuel Silva e Beatriz Silva residentes em Alvarães e ex-operários na Fábrica Jerónimo Pereira Campos e Filhos



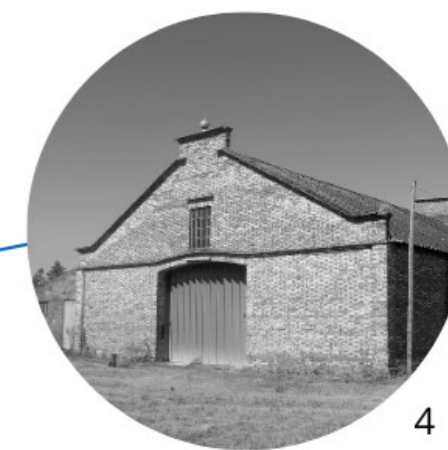
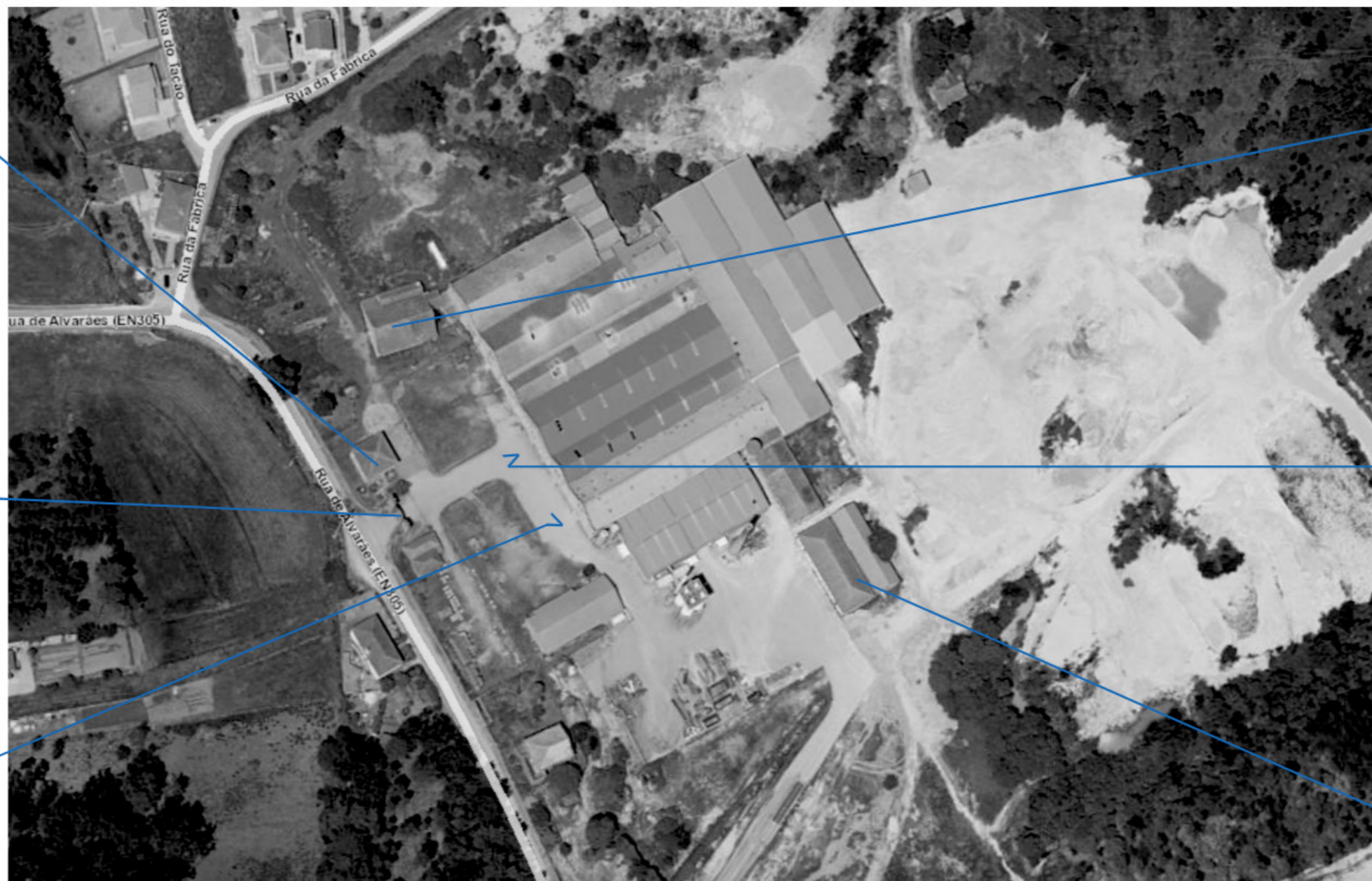
1



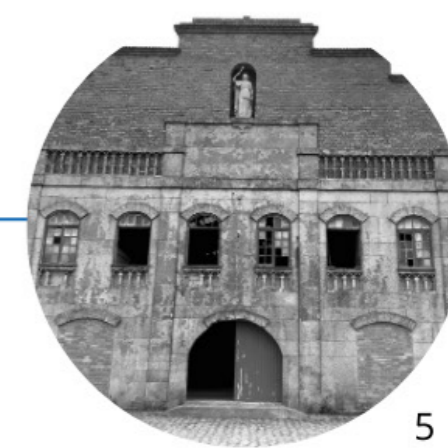
2



3



4



5



6

Fig. 45 - Esquema explicativo do edificado I Planta aérea

O programa constitui um conjunto arquitectónico sem um estilo genuíno, ou seja não existe uma coesão entre todos os edifícios presentes no terreno, foram construídos organicamente dependendo das necessidades impostas pelo Estado e a Fábrica. Apesar desse factor, percebe-se no edifício principal construído inicialmente, a linguagem racionalista presente na organização funcional do espaço, e é também na fachada que verificamos a métrica presente na fachada.

Apesar de estarmos perante um conjunto que não está a ser totalmente utilizado há bastante tempo, as paredes interiores e os elementos de suporte da cobertura, apresentam bom estado de conservação e mantêm as referências racionalistas, ainda patentes na organização do espaço.

Apesar da dimensão deste edificado, que confere a este empreendimento industrial uma imponencialidade magistral, é contudo, na fachada principal a poente (Fig. 45 - 5), no pórtico e na chaminé que esta manifesta e materializa em plenitude o período da indústria cerâmica em Alvarães.

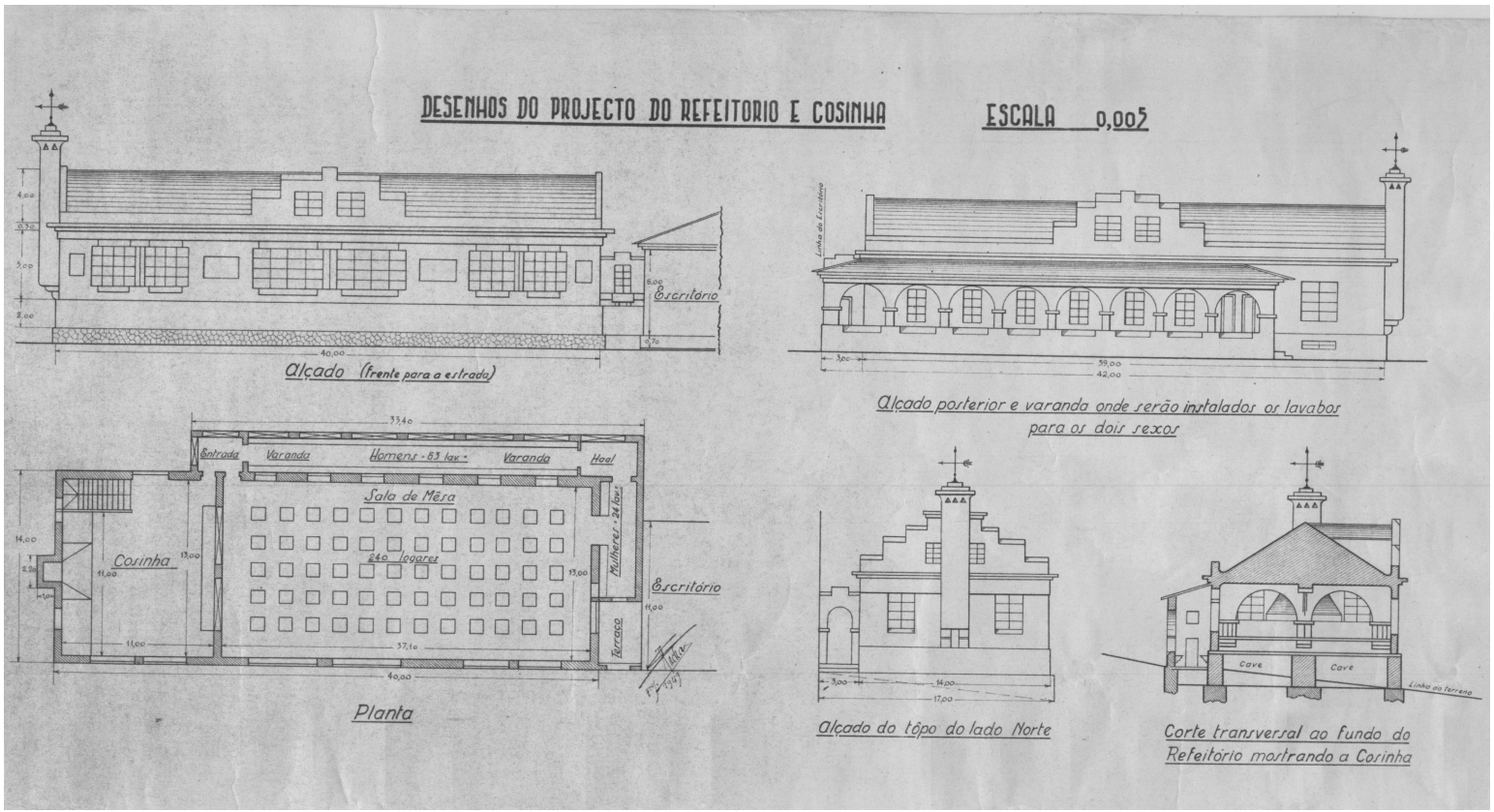


Fig. 46 | Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Sucursal de Alvarães. Desenhos do projecto das construções a efectuar para cumprimento da lei e respectivo regulamento de salubridade pública e urbana, 1948 - Refeitório

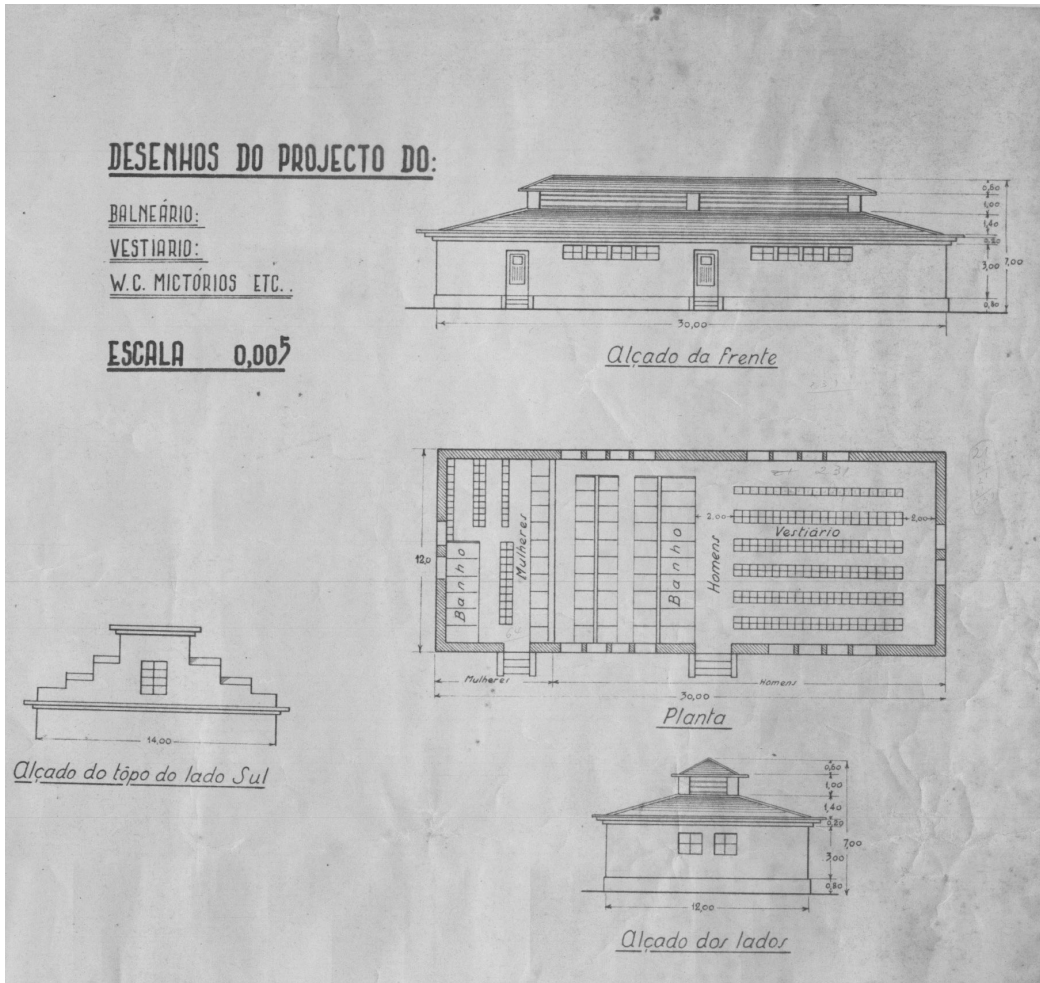


Fig. 47 | Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Sucursal de Alvarães. Desenhos do projecto das construções a efectuar para cumprimento da lei e respectivo regulamento de salubridade pública e urbana, 1948 - Balneários

4.1.1 IDENTIFICAÇÃO DE ANOMALIAS E DEFINIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A arquitetura industrial nunca foi para os arquitetos portugueses o programa por excelência. Sentiram-na sempre indispensável, necessária à sociedade que sentia necessidade de se modernizar. Contudo, isto não impediu que fosse tratada como um campo disponível ao ensaio de novas imagens.

Assim, a arquitetura industrial configurou-se em espaços programáticos, formalmente resguardados pela especificidade das atividades económicas que albergavam. Mantiveram uma autoria eclipsada, quase incógnita, mesmo quando foram assinadas por profissionais de destaque e com grande capacidade de intervenção. E, apesar do seu gigantismo, e da escala que tomaram no território português, assim permaneceram durante a sua vida útil até se transformarem em ruína.

Apesar deste edifício não se tratar de um exemplo notável de arquitetura, esta realidade descrita, infelizmente, também atingiu parte da unidade em estudo, tendo em conta que se trata de um edifício de grande dimensão, é inevitável que não existindo precaução e estima, entre progressivamente em estado de degradação.

A presente caracterização do estado de conservação dos edifícios e do seu grau de alteração funcional e material baseia-se na observação *in situ*, efetuada nas imediações do local:

A antiga casa do porteiro encontra-se em bom estado de conservação, (Fig. 48 - 1), dado que até à bem pouco tempo era utilizada como recepção da empresa atual em funcionamento, servindo também como arquivo para alguns registos referentes à fábrica e aos seus trabalhadores.

O pórtico de entrada (Fig. 48 - 2) a sul da casa do porteiro, mantém-se também em bom estado de conservação, preservando todas as suas particularidades desde a altura em que foi construído.

O complexo industrial encontra-se parcialmente em ativo, sendo utilizada apenas uma parcela. É nesta unidade fabril (Fig. 48 - 3), localizada a sul do edifício, que verificamos que esta parcela encontra-se em razoável estado de conservação, visto ainda se manter em funções, em virtude das transformações que existiram no ano de 2002, tendo sido modificada a estrutura interna e a sua cobertura. A cobertura foi alterada para fibrocimento que acabou por substituir as telhas cerâmicas - material original. Na imagem (Fig. 48 - 3) verificamos o contraste entre a fábrica



1



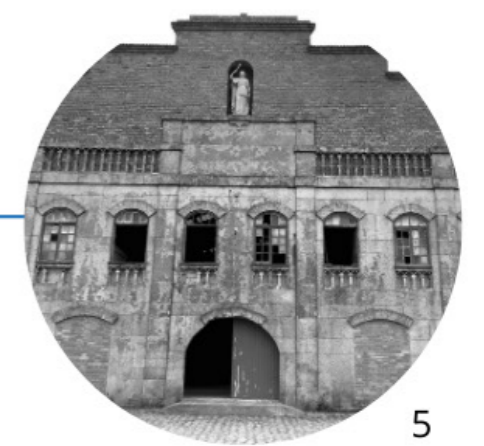
2



3



4



5



6

Fig. 48 | Planta esquemática do estado de conservação do existente

antiga e a maquinaria anexada para auxiliar o desenvolvimento da empresa.

O edifício referente à antiga zona de cantina (Fig 48 - 4), apesar das fachadas e da cobertura se encontrar em médio estado de conservação, o seu interior encontra-se degradado, sendo que algumas partes foram tomadas pela vegetação.

No esquema o edificado que se encontra em médio estado de conservação (Fig. 48), apresenta de forma geral fendilhações em paredes e pavimentos, eflorescências em paredes e tetos, corrosão de alguns elementos metálicos não estruturais.

O núcleo fabril (Fig. 48 - 5) pertencente ao volume central, encontra-se na parte interior em médio estado de conservação, não foi totalmente alterado em 2002 e por isso mantém a cobertura em telha, sendo que no interior foram removidos os fornos como já foi referido.

Os balneários, (Fig. 48 - 6) apesar de estarem em bom estado de conservação, encontram-se também sem função.

A estrutura de todas as fachadas mantém-se em bom estado de conservação apesar das caixilharias e guarnições dos vãos estarem degradadas, com vidros partidos e outros vãos tapados com blocos.

Todos os edifícios na (Fig. 48) a beira, foram construídos após a década de 90 e encontram-se em bom estado de conservação, estes maioritariamente sem critério e sem grande qualidade estética e/ou valor patrimonial, revestidos com chapa ondulada.

A área envolvente aos edifícios encontra-se descuidada com a vegetação na parte traseira a ocupar o espaço de forma inadequada. O estado de degradação deste complexo tem contribuído para uma imagem negativa e que desqualifica a área acabando por não atrair nem a população, nem possíveis investidores.

4.1.2 IDENTIFICAÇÃO DOS VALORES PATRIMONIAIS

A lei de base do património (Lei 107/2001: art. 2 n.º 3) define que o interesse cultural relevante está assente em aspetos históricos, paleontológicos, arqueológicos, arquitetónicos, linguísticos, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico e devem refletir valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

Tendo como ponto de referência a Fábrica Jerónimo Pereira Campos (constituído pela unidade produtiva e edifícios sociais) podem ser elencados os seguintes interesses: histórico, arquitetónico, documental; artístico; industrial e social – e valores conectados à memória, exemplaridade e singularidade.

Este é um complexo industrial de grande imponência para o meio rural em que está inserido, torna-se um projeto de grande singularidade marcando o início de uma indústria em ebulição. Este complexo engloba um conjunto de detalhes cerâmicos que refletem a importância dada naquela época a este material construtivo, marcando uma época específica, a 1ª fase da Revolução Industrial.

Embora reconheça que o valor patrimonial resulte do conjunto do edificado industrial, de onde se destaca a materialidade utilizada na época, é na fachada (Fig. 49 e 50) na chaminé e no pórtico de entrada (Fig. 11) que reside o ex-libris, uma vez que, para além de serem exemplares únicos, fazem já parte do património edificado, bem como do património natural/paisagístico de toda a região – interessantes quer pela singularidade e exemplaridade que representam.

Também os fornos são característicos pela sua exemplaridade, sendo dos elementos mais relevantes destas unidades cerâmicas, este complexo em específico mantém apenas um destes fornos como foi anteriormente referido, um forno de grés, que representa um dos poucos exemplares industriais na região. Apesar de se encontrar inativo, devido ao rápido avanço tecnológico, este representa um objecto de grande valor patrimonial e além disso uma peça escultórica de grande grandiosidade.

A memória produtiva e a do saber-fazer encontra-se latente neste espaço parcialmente ao abandono. Ao nível da arquitetura, esta Fábrica representa um exemplo singular, tendo em conta que está implantada numa zona rural devido à proximidade à matéria prima, apresentando uma linguagem muito própria na fachada principal - valor estético.

Os produtos saídos da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães, estão presentes quer nas paredes da própria fábrica como nos restantes edifícios (anexos) da fábrica, no pórtico e muro que circunda o terreno da fábrica, quer em inúmeros edifícios civis espalhados por Portugal em especial no Norte e Centro, constituindo estas peças de cerâmica



Fig. 49 | Fachada Principal Poente - Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo



Fig. 50 | Fachada Principal Poente - Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo

vermelha, elementos mais característicos (identidade) e diferenciadores da arquitetura portuguesa comparativamente com a do restante espaço europeu. A cerâmica vermelha era empregue na construção civil (tijolos azados e maciços, telhas, elementos vazados, abobadilhas, tubos cerâmicos e argilas expandidas) e também utensílios de uso doméstico e de adorno.

Este conjunto insere-se num projeto industrial de grande escala (Fig. 51 e 52), desenhando o que à época se poderia designar de parque industrial, ou numa designação contemporânea, condomínio empresarial. Aliás, este parque industrial (anos 50-80) localiza-se numa área geográfica sequencial de grande industrialização da zona sul do concelho de Viana do Castelo, desde praticamente o início do século XX, e numa freguesia de fortes ligações à indústria do barro/argila - caulinos.

Com um início muito rudimentar, rapidamente assume uma dinâmica e pujança exemplares, contudo, e fruto talvez de algum desinvestimento tecnológico, acabou por ser ultrapassada por outras dinâmicas, dentro da mesma área produtiva, acabando por entrar num processo de decadência que haveria de a levar ao actual estado de parcial abandono, até mesmo de eminente ruína. Consciente desta realidade urge empreender um processo de revitalização de todo este património, dentro de um processo requalificativo para toda a envolvente e de reabilitação para o edificado.



Fig. 51 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea)



Fig. 52 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea)

4.2 CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

A fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, sofreu uma grande mudança a nível de produtividade no início da década de 90, o que levou a que algumas áreas deste complexo industrial deixassem de ser utilizadas, e pela falta de manutenção comesçassem a entrar num processo de deterioração.

Este edifício, apesar de ter sido um marco importante para a região vianense e constituir um repositório repleto de memórias, com o passar dos anos entrou em esquecimento por parte da comunidade.

Dada a magnitude da fábrica e apesar de uma parte desta ainda se encontrar em laboração atualmente, este edifício não traz benefícios à comunidade. Quem por lá passa, fica com a sensação que este complexo se encontra totalmente abandonado.

É importante salientar que este complexo industrial reflete um conjunto de interesses importantes a conservar, como o interesse histórico, arquitectónico, industrial e social. Assim, como valores associados à memória, exemplaridade, identidade e singularidade, daí ser de extrema importância preservar este legado. Numa primeira abordagem pretende-se desenvolver os parâmetros gerais de intervenção, já num segundo momento, extrair aqueles que se enquadram no caso específico que é o património industrial em foco.

Estes critérios facilitam a avaliação e a análise deste tipo de construções, bem como diversos instrumentos de desenvolvimento e exploração desta temática como o inventário, a identificação, a investigação e a educação, que contribuem para o seu reconhecimento e consequente salvaguarda. Um dos principais objetivos destas intervenções é recordar a importância da educação patrimonial. A educação patrimonial serve como meio de transmitir às gerações vindouras a importância de todo o património do género humano com valor cultural e arquitectónico, herdado das gerações passadas. Esta renovação permite a reutilização de elementos preexistentes, potencializando as razões de ordem ecológica e de sustentabilidade ambiental.

Os elementos do edificado de valor, como o arquitectónico/estético, técnico/tecnológico, urbano/paisagístico, histórico, social e imaterial devem ser identificados caso existam.

Tendo em consideração os critérios gerais de intervenção em edifícios existentes, enumeram-se aqueles que mais se adequam ao caso de estudo, em específico à fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, designadamente:

- A proposta deve preservar as sucessivas intervenções de todas as épocas, devendo ser respeitadas como um único objecto histórico consolidado, não devendo nenhuma das intervenções ser removida;



Fig. 53 | Contraste tecnológico, Fábrika Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo



Fig. 54 | Contraste tecnológico, Fábrika Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo

- A adequação do novo programa da proposta deve ter como preocupação conservar as características que marcam a arquitetura do local onde se insere de forma a integrar-se proporcionalmente;
- O respeito pela autenticidade – o edifício deve preservar o edificado existente nas suas inúmeras particularidades, desde o sistema estrutural ao sistema organizacional. O complexo deve ser valorizado de forma integral, procurando não dar especial atenção a determinado aspecto específico como por exemplo a sua imagem exterior. Todos os valores que se encontrem relacionados com o edifício e que mantêm a sua integridade merecem ser preservados;
- A intervenção deve manter o princípio da reversibilidade – a intervenção deve ser reversível, deixando o mínimo de marcas ou danos no património; Devem ser evitadas transformações complexas e profundas nas estruturas primárias que alterem a leitura do edifício original ou tornem difícil alterações futuras de beneficiação e/ ou adequação para objectivos diferentes dos agora estabelecidos;
- A intervenção deve ser documentada (desde o levantamento do existente, passado pelo projeto e terminando no novo edifício) e este processo deve ser depositado numa entidade pública que permita o seu acesso ou divulgado por publicação;
- A arquitetura, a estrutura, as instalações técnicas e a funcionalidade do edifício devem ser compatibilizadas, atribuindo a cada uma a importância devida;
- Deve ser privilegiada a atribuição ao edifício de uma programática funcional socialmente útil.
- As imperfeições e alterações que ao longo do tempo integraram a história do imóvel, devem ser mantidas sempre que não comprometam a segurança da estrutura.
- Deve ser privilegiada a participação dos habitantes que residem na envolvente do edifício, na decisão do programa e na transformação do espaço, uma vez que esta deverá ter uma componente dinamizadora da região inserida, sendo este um espaço público.

Tendo em consideração estes critérios de intervenção, o complexo fabril Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo deve fundamentalmente preservar os valores do complexo por inteiro, mas principalmente os componentes que constituem a memória e o carácter da edifício. As construções existentes do complexo fabril (o edifício principal, a fachada principal e “anexos”), assim como o muro que cerca todo o terreno, a chaminé e forno existente no interior do complexo, são elementos fulcrais na caracterização deste edifício sendo importante preservar o seu valor integralmente e da forma mais original possível.



Fig. 55 | Parede estrutural da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo



Fig. 56 | Parede estrutural da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo

“O restauro deverá restabelecer a unidade potencial da obra de arte, sempre que isto seja possível sem cometer uma falsificação artística ou uma falsificação histórica, e sem apagar as marcas do percurso da obra de arte através do tempo.”⁴²

O desenho da fachada passou a ter um peso importante na construção destes projetos, como é o caso da fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães (Fig. 49 e 50), onde se apostou num tratamento plástico e emblemático das formas, viabilizando a junção dos elementos puramente funcionais com uma nova componente estética. Estes edifícios pretendiam ser mais do que quatro paredes e um telhado, por isso a fachada tinha um papel determinante, procurando causar impacto no mercado, elevando a aparência e o status económico da empresa.

A identidade da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, no desenho da fachada e no pórtico de entrada associado ao muro que cerca todo o terreno, marcando a zona rural de Viana do Castelo com uma imagem muito particular, tendo em conta a sua localização geográfica e a sua componente cerâmica muito enraizada na região.

O novo programa a implementar na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, deve ter em consideração as necessidades da população e da região, e deve envolver a colaboração de especialistas ligados à arquitetura, à história da região e da cerâmica, mas também a participação do proprietário e das entidades locais (autarquia) e do património (DGC). O programa deve ter uma componente altamente dinâmica, que facilite a interação com a população, mas que consiga também chegar às pessoas de fora da região.

⁴² BRANDI, Cesari, Teoria de la Restauracion, Ed. Alianza Editorial, 1988, citado em LUSO, Eduarda; LOURENÇO, Paulo B.; ALMEIDA, Manuela, Breve História da Teoria da Conservação e do Restauro, 2004, p. 40

4.3 PROPOSTA DE PROGRAMA DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA

A proposta de reabilitação da antiga cerâmica “Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães”, pretende dotar os espaços existentes de novas funções sob o tema comum de “Centro Tecnológico e Cultural”. O proprietário sugeriu que seria do seu interesse, em conjunto com as entidades vianenses, criar um espaço agregador de cultura, que integrasse diferentes valências.

Desta forma, pretende-se recuperar e adaptar os edifícios existentes associando-os a novas funções, onde se deverá incluir um programa que redescubra o vínculo histórico do existente, cujas memórias, por diversos factores, se encontram adormecidas.

Parte do edifício pertencente à componente fabril no ativo e respetivas dependências, manterá o mesmo programa no mesmo espaço, refletindo a importância desta indústria, mesmo que atualmente em pequena dimensão.

Através da análise do programa e organização dos casos de estudo tratados, foi possível definir um programa que satisfizesse as necessidades que um complexo deste género implica. Optou-se por um programa que combina diferentes aspetos relacionados com a componente criativa, dando origem a um edifício diversificado e multifuncional, mas tendo em atenção o reaproveitamento das estruturas já existentes.

O termo «indústrias criativas» surgiu em 1990 para designar setores nos quais a criatividade é a dimensão essencial do negócio. O aparecimento desta indústria está associado a movimentos sucedidos em países industrializados, e às conseqüentes mudanças económicas e sociais que permitiram o desvio do foco das atividades industriais para as atividades intensivas em conhecimento, localizadas no setor terciário.

Sendo que as indústrias criativas são *“as atividades que têm a sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e com potencial de criação de emprego e riqueza, através da geração e exploração da propriedade intelectual. (...) As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor económico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais).”*⁴³

⁴³ DCMS (Department for Culture, Media and Sport). Creative industries mapping document. (2005, p. 5)



Fig. 57 | Gallery Shenzhen, China O-OFFICE Architects, 2014



Fig. 58 | Gallery Shenzhen, China O-OFFICE Architects, 2014

A proposta de programa para o espaço da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães procura introduzir a indústria criativa na região e será composta por quatro valências estruturantes.

O programa proposto compreende as seguintes valências:

Investigação e Empreendedorismo

- Ateliers/Startups;
- Espaço dedicado à investigação e salvaguarda do património industrial da zona minhota;

Museologia

- Espaço de Exposição Temporária e Permanente (com uma coleção permanente sobre os produtos da fábrica e com exposições temporárias ligadas a temáticas diversificadas);
- Oficinas (áreas dedicadas a workshops e atividades lúdicas e de formação relacionadas com o mundo da cerâmica e da escultura).

Cultura

- Auditório interior (Cinema/Teatro/Convenções);
- Espaço dedicado a associações recreativas da região;
- Livraria (associada ao museu e especializada em artigos relacionados com o universo cerâmico e artístico regional);
- Biblioteca;

Serviços de apoio

- Zona administrativa;
- Arquivo;
- Restaurante e cafetaria;
- Instalações sanitárias;
- Espaços de apoio à museologia ao auditório e aos próprios funcionários.

Como já foi referido o programa deverá adaptar-se ao existente, sem impor o sacrifício dos elementos arquitectónicos originais, de forma a não descaracterizar o edifício, nem pôr em risco a autenticidade e os valores da preexistência. Pretende-se criar versatilidade nos espaços, aproveitando-os de forma a abrangerem facilmente programas distintos.



Fig. 59 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea)



Fig. 60 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea)

4.4 CONTRIBUTO PARA UM PROJETO DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA

Este contributo parte da percepção de que esta é uma possível interpretação e um possível projeto de salvaguarda. Um reflexo da resposta às questões levantadas no decorrer desta dissertação.

A Fábrica Jerónimo Pereira Campos encontra-se parcialmente em estado de degradação, albergando uma grande área totalmente sem utilização. O estado de conservação de todo o complexo construído, bem como da sua envolvente, contribuem, de uma forma negativa, para a degradação ambiental. Assim sendo, pretende-se desenvolver uma proposta de características singulares que colmate esta problemática.

Como já foi analisado no ponto dedicado aos critérios de intervenção, a primeira atitude começa pelo conhecimento e estudo da pré-existência. Tendo em conta que este edifício se encontra numa zona rural, ainda que próximo da cidade, é necessário um estudo mais aprofundado sobre como será a melhor forma de o integrar.

Por isso, é importante identificar alguns pontos negativos que focam as diversas escalas:

- Zona rural sem dinamismo (esta zona é maioritariamente rodeada por espaço verde (Fig. 59 e 60), estando próxima de algumas vivendas. A rua que dá acesso à fábrica e que acompanha a sua fachada serve apenas de passagem/ ligação entre duas vilas, uma pertencente ao concelho e distrito de Viana do Castelo e outra pertencente ao concelho de Barcelos e ao distrito de Braga, Alvarães e Fragoso respetivamente);
- Parte do edifício em ruína - sem qualquer uso ou proteção;
- Complexo industrial desligado da cidade e da zona industrial do Neiva;

Pontos positivos que podemos destacar:

- Valor Patrimonial da Fábrica – Indústria fabril – identidade/memória;
- Zona disponível para acolher um programa cultural que albergue várias valências;
- Fácil acesso/mobilidade;

Atendendo à dimensão da Fábrica, ao seu contexto geográfico rural, e tendo em conta que já foi um marco dinamizador da região, este edifício alberga um conjunto de potencialidades, tanto como um marco industrial, como um núcleo capaz de atrair um grupo diversificado de público de diferentes contextos sociais, designadamente:



Fig. 61 | Antiga cantina da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo



Fig. 62 | Interior da antiga cantina Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo

- Pessoas que procurem uma atração turística com ligação à ruralidade e tranquilidade;
- Moradores da região;
- Turistas interessados em conhecer a identidade industrial e o contributo da cerâmica na história portuguesa;
- Investigadores/profissionais e entusiastas, ligados à área da indústria, cerâmica, escultura, pintura e azulejaria, etc.
- Artistas de diferentes áreas que pretendam desenvolver os seus projetos numa fusão entre o regional e a modernidade;
- Estudantes do Instituto Politécnico de Viana do Castelo;
- Empreendedores que procurem criar a sua própria empresa e, por conseguinte, criar postos de trabalho na região;
- Serviços de apoio à região (espaço dedicado a associações, instituições, coletividades, etc);

Dada a escala e a natureza da proposta de intervenção, a ideia é realizar pequenas alterações, apenas o mínimo indispensável para o edifício voltar a ter condições regulares de forma a ser utilizado com maior conforto. A ideia é manter todas as características originais sempre que possível e criar elementos contemporâneos, necessários às funcionalidades previstas, que façam a ligação interna entre os diferentes setores, sem nunca ferir a pré-existência.

Como este edifício se encontra localizado entre Viana do Castelo e Esposende e tendo em conta que se encontra numa zona rural, há uma ausência de espaços públicos bem caracterizados, capazes de servir a população e que funcionem como fatores dinamizadores da região. Dada a localização e o fácil acesso à Fábrica Jerónimo Pereira Campos, a estratégia passa por tornar este espaço num espaço público, um ponto de encontro, que contribua principalmente para o vínculo entre as pessoas da região.

O estado atual da envolvente deste edificado encontra-se ao abandono e sendo uma área considerável e um ponto que pode enriquecer o edifício, pretende-se considera-la e transforma-la. Pretende-se criar espaços verdes que suavizem o brutalismo do edifício e que permitam, tendo em conta que esta fábrica se encontra inserida numa zona rural, se desfrute de espaços tranquilos. A ideia é que este espaço verde que envolve o edifício seja sugestivo para a prática de piqueniques ou atividades desportivas ao ar livre. Este espaço exterior atualmente sem qualquer dinamismo, pode constituir um ponto interessante relacionado com pequenas atividades ao ar livre, associadas às instituições da zona como até do ponto de vista individual para quem pretenda usufruir de um prazeroso tempo ao ar livre.



Fig. 63 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor do forno francês (PISO RÉS DO CHÃO)

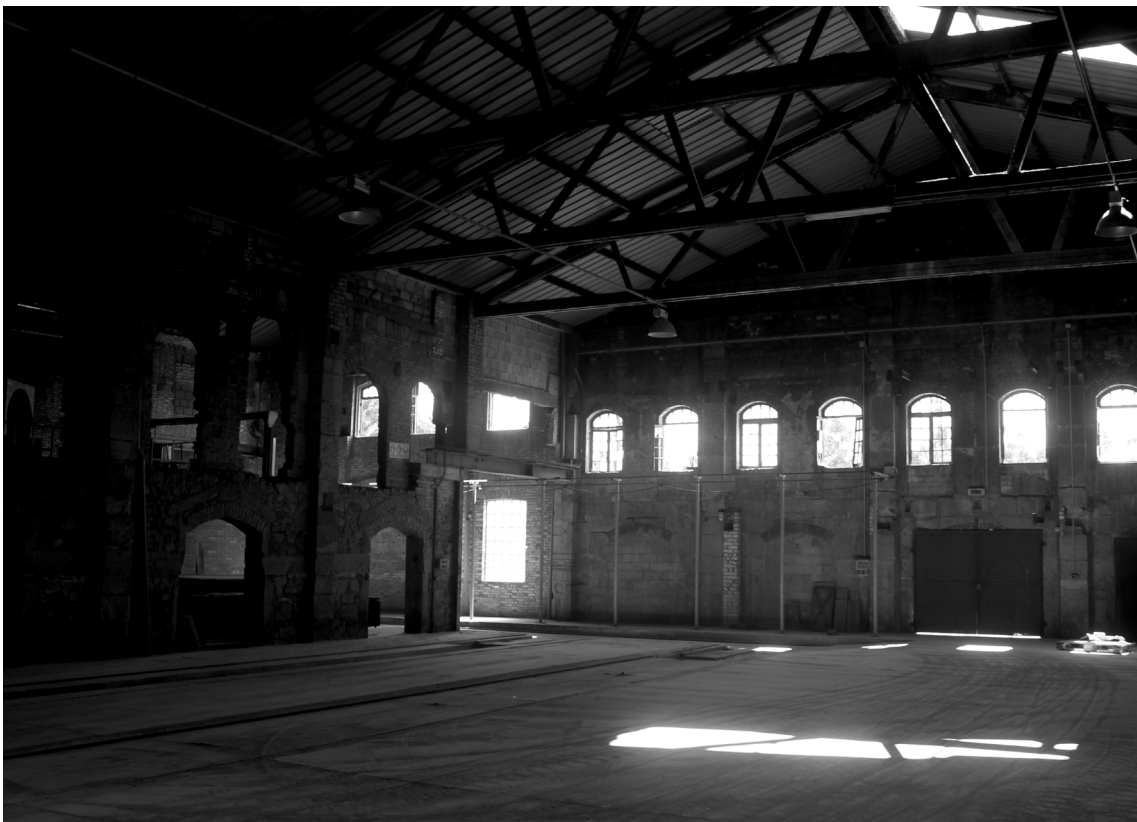


Fig. 64 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor do forno de francês (PISO RÉS DO CHÃO)

Pretende-se para este complexo fabril a criação de uma proposta marcada pelo dinamismo e pro-atividade; pretende-se, ainda, que a intervenção estabeleça a síntese possível entre as pré-existências e o contemporâneo, compatibilizando o existente e o novo da proposta, que constituam uma síntese equilibrada, consonante, coesa, íntegra, conferindo-lhe um novo carácter.

É importante que esta proposta seja "um íman" agregador e interessante que atraia todos os públicos, mas também, todas as pessoas da região em que se encontra inserido; que resulte numa atracção, não só cultural, mas também do programa empreendedor associado.

Tendo em conta a conjuntura actual económica, a ideia é reabilitar os edifícios existentes e dar-lhes uma nova apresentação e actividade sem nunca recorrer à construção de novos edifícios. A lógica da intervenção passa pela reabilitação do edificado, mantendo no conjunto todos os fragmentos do local. Actualmente investimentos de grande dimensão são dificilmente realizados no nosso país, e por isso a ideia é reabilitar o existente e só apenas o necessário.

Toda a proposta para este edifício recorrerá a estruturas/volumes facilmente desmontáveis, que permitem a transformação do mesmo espaço em diferentes valências programáticas. Com o recurso a estas volumetrias esta proposta procura homenagear o património e a sua memória, pretendendo valorizar o espaço sem tocar directamente nas pré-existências, permitindo uma incisão subtil e delicada.

No exemplo Gallery Shenzhen, China (Fig. 57 e 58), verificamos que este projeto está dividido por vários volumes contemporâneos e cada um deles é uma vitrine de um artista, que pode explorar o espaço recente e todo o local da fábrica a partir da sua própria estrutura base. Um sistema semi-ar livre que conecta a nova intervenção arquitetónica em harmonia com o antigo edifício industrial.

Nesta fase introduz-se uma breve descrição da proposta de intervenção, que, de uma forma geral, tenta descrever o resultado final e as suas motivações. Como já foi referido a entrada principal do complexo industrial, localizada na Rua de Alvarães, encontra-se assinalada por um pórtico de elementos cerâmicos (Fig. 11) que se mantém até hoje em bom estado de conservação.

Na actualidade, a fábrica não dispõe de nenhum parque de estacionamento, o que complica o acesso ao terreno. Existe sim uma entrada a sul destinada à entrada de camiões e outros veículos necessários à laboração da indústria existente e por sua vez, um espaço destinado ao estacionamento dos mesmos, apesar de não estar organizado. Sendo assim, pretende-se 'dividir' este edifício em duas



Fig. 65 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor dos fornos de grês (PISO RÉS DO CHÃO)



Fig. 66 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor dos fornos de grês (PISO 1)

partes, uma destinada ao "Centro Tecnológico e Cultural" e outra à indústria existente em laboração. Partindo desta premissa, propõe-se a criação de um parque de estacionamento ao ar livre destinado exclusivamente ao "Centro Tecnológico e Cultural", sendo necessária a abertura de uma nova entrada de acesso ao terreno (Fig. 67).

O edifício que anteriormente albergava a zona de cantina é um espaço interessante para acolher o programa que diz respeito ao restaurante e zona de cafetaria, tendo em conta que é um volume que se encontra ligado ao edifício principal, e encontra-se próximo da proposta para o parque de estacionamento. Esta característica possibilitaria o fácil acesso, tanto a nível exterior como a nível interior, a partir do terreno e do edifício principal. Este fator permite que mesmo que os utilizadores não pretendam entrar no edifício principal, facilmente pelo exterior usufruam apenas da zona de restauração e zona de esplanada.

O edifício que outrora serviu como recepção e casa do porteiro, encontra-se entre o pórtico de entrada e o estacionamento, destinar-se-á à zona de administração, sendo um edifício que também apresenta um bom estado de conservação.

A entrada principal do edifício, será feita na porta central (Fig. 49) da fachada a poente, dedicada a um dos setores de interesse público, a Museologia. Esta entrada dá acesso ao espaço de circulação que acompanha todo o edifício, ao foyer e à zona de recepção. A partir deste foyer temos acesso ao espaço destinado à exposição permanente, que como já foi referido contará com uma coleção permanente dedicada aos produtos da fábrica e às vivências inerentes à época, algumas delas espalhadas por salas da fábrica sem qualquer tipo de salvaguarda.

Ainda assim, verifica-se a perda de património industrial na última remodelação, como máquinas, fornos e etc. o que se traduz na perda de informação e de testemunhos históricos que poderiam ter sido integrados no projeto ou neste espaço expositivo, o que permitiria conhecer com mais detalhe a atividade industrial cerâmica.

O setor dedicado às exposições temporárias, deverá, entre outros temas, garantir a divulgação de artistas consagrados, assim como de novos talentos.

Tendo em conta que as paredes centenárias e divisórias dos espaços (Fig 55 e 56), se encontram totalmente desvalorizadas, a proposta será torná-las um elemento escultórico do local, revestindo-as em vidro e tornando-as um elemento diferenciador, criando de certa forma transparência visual entre o setor da exposição temporária, permanente e oficinas através das janelas e portas vazias. Esta nave central cria um percurso intuitivo que conecta os três espaços entre si.

Neste setor das oficinas temos volumes em aço cortén destinados às áreas dedicadas a workshops e atividades lúdicas relacionadas com o

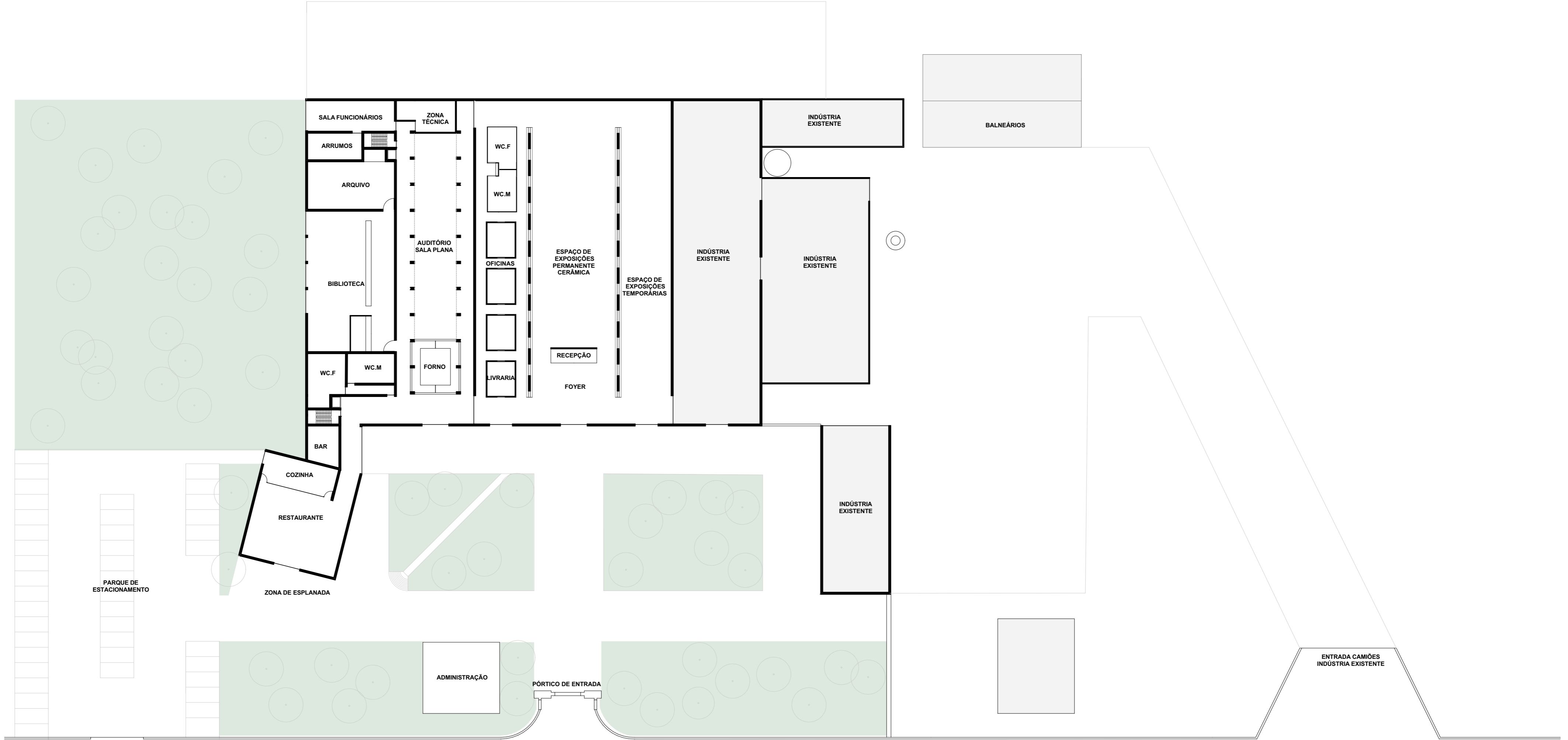


Fig. 67 | Proposta de reabilitação para a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães (PISO RÉS-DO-CHÃO)

mundo da cerâmica/escultura. Estas oficinas tem o intuito de atrair grupos de infantários, escolas e associações que pretendam experimentar a cerâmica e outras atividades recreativas. Ainda nestes volumes temos a livraria perto da zona de circulação que acompanha o alinhamento das oficinas e da zona de sanitários.

A proposta é estes volumes serem revestidos a aço cortén, procurando preservar o ambiente cerâmico alaranjado presente nas paredes de toda a fábrica. Sendo o aço cortén, um material frio como grande parte dos edifícios industriais, o interior é revestido a madeira, de forma a trazer um maior conforto para os seus utilizadores. Estes volumes são desmontáveis caso seja necessário e não entram conflito com a pré-existência.

Na nave mais a norte, como já foi referido, salvaguardou-se um forno de grês. Dada a dimensão generosa do forno em grês (Fig 3 e 4), a ideia é revesti-lo com vidro (quer o interior como o exterior) de forma a permanecer tal e qual como está, sem interferir com os utilizadores e mantê-lo também à semelhança das paredes centenárias como uma peça escultórica, sendo um dos poucos vestígios históricos relacionados com a produção da fábrica, é um espaço invulgar que merece ser usufruído.

O forno funcionará como objeto divisor da área de circulação e da área dedicada ao auditório (Cinema/Teatro/Convenções). Este espaço, que tenderá para um espaço polivalente de eventos que não exija grandes condições acústicas, manterá a simplicidade do local, adicionando apenas os objetos necessários (cadeiras, mesas, projetores, um pequeno palco etc.) para criar a ambiência de um espaço cultural. Este setor podia ser facilmente modificado de forma a receber associações recreativas da região que necessitassem de um espaço para reuniões ou ensaios, como é o caso de grupos de dança ou música presentes nestas localidades.

“Como sucede em qualquer lugar de carácter público, o projeto parte da consideração de um espaço como uma envolvente que os usuários reconfiguram constantemente, um lugar de encontros, com liberdade de uso que se metamorfoseia dependendo da atividade dos seus participantes.”⁴⁴

Os espaços dedicados à Biblioteca e Arquivo, e Zona Técnica, encontram-se adjacentes ao setor Cultural. A biblioteca, apesar de conter informação de diferentes proveniências, deverá privilegiar uma especialização em fontes e acervos relacionados com o universo da cerâmica e artístico regional.

⁴⁴ SOUTO DE MOURA, Eduardo Arquitectura, Habitar. TC Cuadernos - Série Dédalo - Revista de Arquitectura, 124/125, 2005-2016

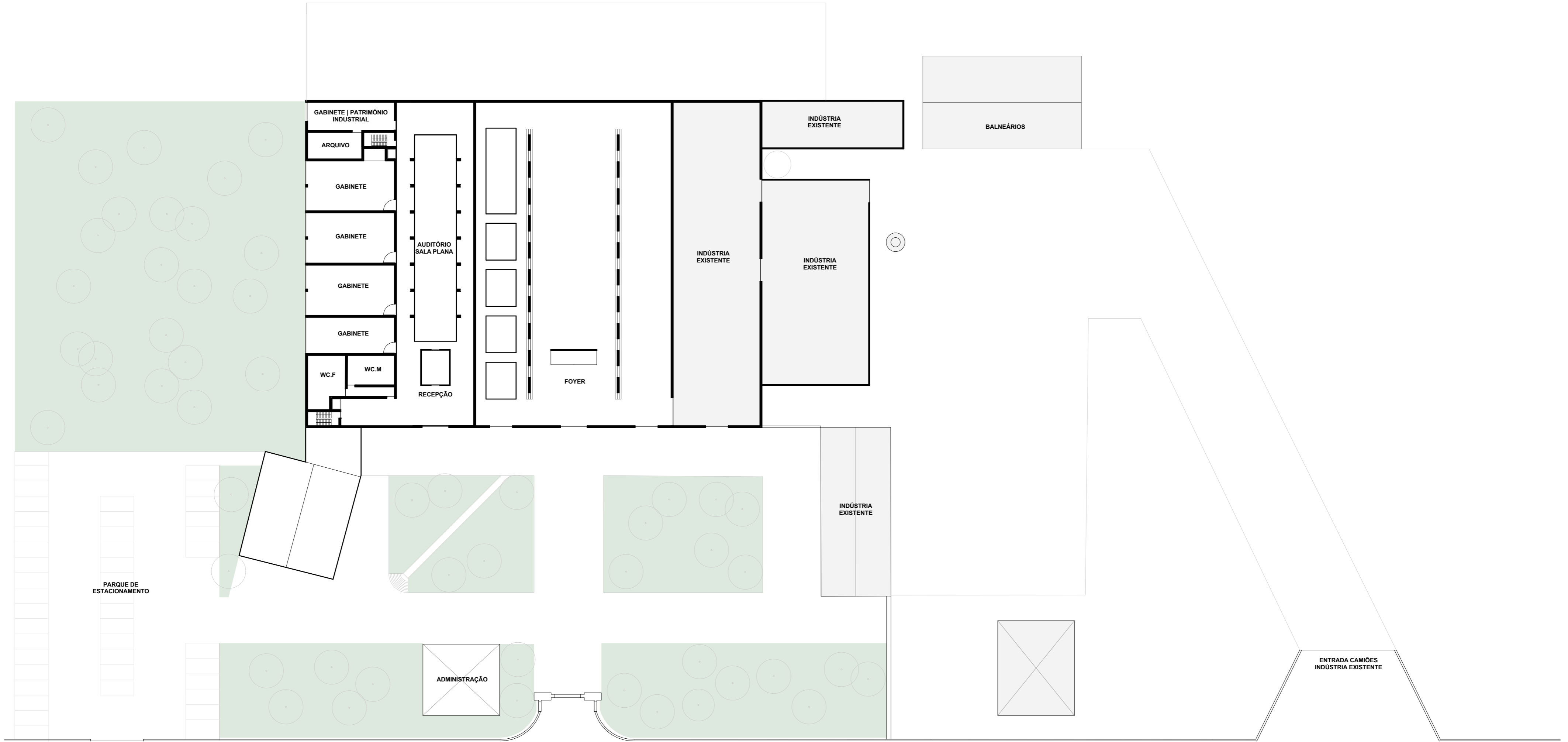


Fig. 68 | Proposta de reabilitação para a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães (PISO 1)

No piso superior, encontra-se a zona de Empreendedorismo e Investigação, toda esta área de mezanine será revestida a vidro, o que permitirá uma melhor acústica e transparência para o piso térreo, local destinado ao setor cultural. Estas salas destinar-se-ão a ateliers e startups ligadas ao Instituto Superior Técnico de Viana do Castelo, sendo uma alavanca do projeto na formação de novas empresas e motor de desenvolvimento do setor industrial em Viana do Castelo para as novas gerações. Os alunos terão a oportunidade de ter um espaço que lhes ofereça novas oportunidades e formação ou projetos interligados às cadeiras do curso que estão a frequentar (design do produto, design de ambientes, etc). Também contará com um espaço dedicado à investigação e salvaguarda do património industrial no distrito onde se localiza a fábrica, contribuindo para reflexão sobre esta preocupação ainda pouco debatida.

Todos os edifícios dedicados ao setor industrial ainda hoje presente e em funcionamento, mantêm as mesmas características estando este setor separado do resto do programa.

É importante fazer a manutenção da chaminé, que para além de ser um fator de localização, dada a sua dimensão generosa, representa também uma evidência material associada ao passado industrial deste edifício.

Considera-se essencial a ligação deste complexo industrial a esta zona rural, especialmente aos moradores da vila de Alvarães bem como às vilas circundantes, tendo em conta que é importante fomentar atividades culturais que incentivam e dinamizam a relação entre as pessoas e o seu património, muitas vezes pouco abordadas nestes locais.

Existem várias associações em Alvarães e não só, que podiam beneficiar desta proposta, grupos de escuteiros, de folclore, de dança e desporto etc que grande parte das vezes não tem um espaço que atenda às necessidades. Esta é uma proposta que pretende ser um íman agregador da população, um espaço que permita a partilha de vivências, de experiências. Um ponto que mantenha presente a memória do espaço e das suas gentes.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação que esteve subjacente a esta dissertação possibilitou uma reflexão e a aquisição de conhecimentos sobre uma temática não abordada ao longo do percurso académico e que, possibilitou a aquisição de competências que serão úteis para a atividade como futuro arquiteto.

Esta dissertação teve como objetivo a compreensão do processo de concepção arquitectónica inerente à reutilização de antigas estruturas industriais e, sobretudo, perceber de que forma se mantém a autenticidade destes edifícios e os seus valores históricos e artísticos.

Deve ter-se em consideração o valor deste património, dada a importância de alguns complexos industriais para a história económica, política e social das comunidades. Contudo, esta preocupação ainda se encontra muito distante de ser uma vertente com um forte significado na história do património. Estes complexos industriais continuam a ser alvo de constantes atitudes negligentes, objeto de ignorância, em vez de serem instrumentos de estudo, que justifiquem, ou não, se são estruturas passivas de preservação e valorização como património industrial.

O conhecimento da história e das teorias da reabilitação do património, de onde constam os documentos internacionais, dizem-nos que, qualquer intervenção sobre uma edificação existente, deverá iniciar-se pelo conhecimento aprofundado do existente. Com efeito, só conhecendo o existente poderemos melhor compreender o seu valor, o que será fundamental para a intervenção. Sabe-se também que os edifícios para se conservarem têm que se manter vivos, em atividade. Todavia, nem sempre a manutenção dessa atividade consiste num retorno à função primordial, sendo necessário estudar e projetar a adequação do novos programas ao existente, não perdendo de vista a adequação. E por aí adiante em relação aos demais princípios de intervenção no património.

Apesar da sociedade ainda não estar totalmente sensibilizada com este património, é de notar que nos últimos anos as entidades públicas cada vez mais procuram valorizar estes edifícios. No entanto há ainda um longo caminho a percorrer.

Apesar da proposta nesta dissertação representar uma indústria criativa, parece-me interessante desenvolver outros usos para estes edifícios, como hotelaria ou habitação. É de extrema importância consciencializar a sociedade para a adaptação deste legado a outras funcionalidades, ou estará a correr-se o risco de se perder muitos exemplares com tudo o que lhes é intrínseco do ponto de vista patrimonial, seja esse património cultural, arquitectónico, social, industrial, histórico, etc.

Conclui-se que esta abordagem proposta é fundamental para a reconversão destes edifícios, sendo o papel do arquiteto imprescindível neste processo, que deve primar por preservar a linguagem da pré-

existência sem nunca a ferir. A intenção passa por valorizar o objeto arquitetónico adicionando-lhe valor, através de metodologias que dignifiquem a memória inerente ao edifício. Como verificamos ao longo desta dissertação pelos exemplos escolhidos, a inserção de elementos contemporâneos é uma das possíveis estratégias, tendo um papel essencial para dar vida a novas funcionalidades, sempre que se verifiquem indispensáveis.

Percebendo à priori que não subsiste uma única resposta válida para um projeto de reconversão conclui-se que a solução passa inevitavelmente pela escolha do programa mais apropriado às características arquitectónicas do edifício e às necessidades locais (procurando conciliar estes dois aspetos); pela qualidade dos espaços criados, que devem garantir a comodidade na sua utilização e responder às exigências do novo programa introduzido; e pelo respeito do carácter industrial e pelos valores patrimoniais da preexistência, garantido a salvaguarda da sua identidade e autenticidade.

Esta dissertação pretende isso mesmo, dar indicações de possíveis soluções para estes complexos industriais. Apesar deste trabalho representar um possível contributo para salvaguardar este património, percebe-se que tal poderá não passar apenas de uma intenção, de uma ideia, uma vez que dificilmente existirão verbas, pelo menos por agora, para investir neste edifício. Contudo, considera-se que esta investigação serve seguramente de uma reflexão e memória futura sobre este marco patrimonial, identitário da vila de Alvarães e da cidade de Viana do Castelo.

Finaliza-se, com a esperança, de despoletar o interesse do público geral e das entidades responsáveis para o património abandonado da Fábrica da Jerónimo Pereira Campos. E talvez, no futuro esta fábrica volte a renascer e a criar novas memórias.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- APPLETON, João – “*Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e tecnologias de intervenção*”. Lisboa: Edições Orion, 2003.
- BRANDI, Cesari – “*Teoría de la Restauracion*”, Madrid: Alianza Editorial, 1988, citado em LUSO, Eduarda; LOURENÇO, Paulo B.; ALMEIDA Manuela – “*Breve História da Teoria da Conservação e do Restauo*”, Guimarães: Universidade do Minho, 2004.
- BRITO, Renato Jorge – “*Fábrica Teles em Santo Tirso: a oportunidade de um legado*”, Porto: FAUP, 2000/2001. [Prova final para licenciatura em arquitectura].
- BOFILL, Ricardo; KRIER, Leon – “*Architecture, Urbanism and History*”. New York: Museum of Modern Art, 1985
- JAMES, W. A. – “*Ricardo Bofill - Taller de arquitectura: Buildings and Projects, 1960-1985*”. New York: Rizzoli, 1988.
- BOFILL, Pablo - “*Ricardo Bofill – Visions of architecture*”. Berlin: Gestalten, 2019.
- CHOAY, Françoise – “*A Alegoria do Património*”. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CRUELLS, Bartomeu. “*Ricardo Bofill Obras y Proyectos/Works and Projects*”, Barcelona: Gustavo Gili, 1992.
- FERNANDES, José Manuel – “*Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*”, Lisboa: Ed. Secil, 2003.
- FERNANDEZ, Sérgio, – “*Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974*”, Porto: FAUP Publicações, 1988.
- FIGUEIRA, Jorge; VAZ MILHEIRO, Ana – “*O fim da fábrica, o início da ruína*” in VVAA, *A Arquitectura da Indústria 1925-1965*, Registo Docomomo Ibérico, Ordem dos Arquitectos, Lisboa: Ingoprint, S.A., 2000.
- FOLGADO, Deolinda. – “*Inventário do Património Industrial da Covilhã. Um caso de estudo no âmbito da salvaguarda patrimonial.*” In: Estudos, Património, nº3, Lisboa, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. – “*A memória coletiva*”. São Paulo: Centauro, 2003.
- FOLGADO, Deolinda. – “*Património industrial. Que memória? In Conservar para quê?*” – 8ª Mesa Redonda de Primavera. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.
- HUDSON, Keeneth, – “*Preserving Industrial Monuments: What is possible and what is not*”, AA.VV., 1989-1990. I Encontro Nacional sobre o Património Industrial. Coimbra – Guimarães – Lisboa / 1986. Actas e Comunicações, 2 volumes, Coimbra Editora, Coimbra, 1986.
- INFANTE, Sérgio, – “*Autenticidade continuidade e mudança*”, Lisboa: Arquitectura e vida nº15, 2001.
- LANDRY, Charles. – “*Origens e Futuros da Cidade Criativa*”. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.

- LE GOFF, Jacques. — *“História e memória”*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
- MEROLA, Victoria Rabal, — *“Reflexiones sobre la rehabilitación y musealización de los espacios industriales”*, SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), *“Reconversão e Musealização de Espaços Industriais”*. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. Museu da Indústria, Porto, 2002.
- MOREIRA, Inês, — *“Brown rooms/Grey halls: a curadoria de espaços pós-industriais”* in MOREIRA, Inês, *Edifícios & Vestígios: projecto-ensaio sobre espaços pós-industriais*, Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães, 2013.
- OLIVEIRA, Olivia de — *“Lina Bo Bardi, Subtis Substâncias da Arquitectura”*, São Paulo: edições. GG, 2006.
- PINTO COELHO, Maria João — *“Intervir no património: Conceitos e opções”*, COUCEIRO, João, (coord.), *Urbanidade e património*, Lisboa: IGAPHE, 1998.
- RODRIGUES FERREIRA, MANUEL *“Análise Social vo1. Os industriais de cerâmica: Aveiro, 1882-1923”* Aveiro: 1996.
- ROSAS, Fernando — *“Nova história de Portugal”* direcção de Joel Serrão e A.H. Oliveira Marques, *“Portugal e o Estado Novo (1930-1960)”* Lisboa: Ed. Presença, 1990.
- SAMPAIO, Maria da Luz — *“Da Fábrica ao Museu - Identificação, Patrimonialização e Difusão da Cultura Técnico-Industrial”* Lisboa: Caleidoscópio, 2018.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos — *“SESC - Fábrica de Pompeia”*, Lisboa: Ed Blau, 1996.
- SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique, — *“Dicionário de Conceitos Históricos”*, São Paulo: Editoria Contexto, 2005;
- SOUTO DE MOURA, Eduardo — *“Arquitectura Habitar. TC Cuadernos”*, Barcelona: Série Dédalo - Revista de Arquitectura, 2005-2016
- TÁVORA, Fernando — *“Da Organização do Espaço”*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008.
- TOSTÕES, Ana — *“Arquitectura moderna portuguesa: 1920-1970”* Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003

DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

DCMS — “*Creative industries mapping document.*” (Consultado em: http://www.culture.gov.uk/global/publications/archive_1998/Creative_Industries_Mapping_Document_1998)

TICCIH — “*Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*”, Nizhny Tagil, TICCIH, 2003 (Consultado em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>)

UNESCO — “Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea”, Nairobi, 1976. (Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

ENDEREÇOS NA INTERNET

APAI, Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial: http://apai.cp.pt/p_index.html

APPI, Associação Portuguesa para o Património Industrial: <http://www.museudaindustriatextil.org/appi/apresentacao.php>

DGEMN, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/000_A.aspx

DOCOMOMO Internacional: <http://www.docomomo.com/>

Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/>

GOOGLE EARTH, imagens de satélite catalogadas: <http://earth.google.com/intl/pt/>

ICOMOS: <http://www.international.icomos.org/home.htm>

UNESCO, Portugal, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultural: <http://www.unesco.pt/cgi-bin/home.php>

ICONOGRAFIA

Fig. 1 | Estado de degradação de uma fração da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 2 | Estado de degradação de uma fração da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 3 | Único forno de grês presente atualmente na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 4 | Único forno de grês presente atualmente na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 5 | Museu de Lanifícios, Covilhã (<http://www.museu.ubi.pt/>)

Fig. 6 | Museu de Lanifícios, Covilhã (<http://www.museu.ubi.pt/>)

Fig. 7 | Vista aérea da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, no Concelho de Viana do Castelo (Google Maps)

Fig. 8 | Fábrica das Devesas, Vila Nova de Gaia I (<http://portosombrio.blogspot.com/2014/01/a-fabrica-de-ceramica-das-devesas.html>)

Fig. 9 | Fotografia da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Aveiro (Fotografia do autor)

Fig. 10 | Fotografia da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Aveiro (Fotografia do autor)

Fig. 11 | Fotografia da entrada da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães (Fotografia do autor)

Fig. 12 | Fábricas da “Oliva”, datadas 1950 (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 13 | Fábricas da “Oliva”, datadas 1950 (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 14 | Fábrica da “Oliva” | Fábricas de Máquinas de Costura Oliva (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 15 | Fábrica da “Oliva” | Fábricas de Máquinas de Costura Oliva (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 16 | Fábrica de Máquinas de Costura Oliva (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 17 | Fundição de banheiras e polibans (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 18 | Fachadas da Oliva antes da intervenção (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 19 | Fachadas da Oliva depois da intervenção (Fonte: Oliva Creative Factory)

Figura 20 | Plantas Edifício Nascente (Fonte: Oliva Creative Factory)

Figura 21 | Edifício Poente (Fonte: Oliva Creative Factory)

Fig. 22 | Espaço expositivo Oliva Creative Factory (<https://www.attitude-mag.com/pt/blog/design/2015-05-04-oliva-creative-factory/>)

Fig. 23 | Espaço expositivo Oliva Creative Factory (<https://www.attitude-mag.com/pt/blog/design/2015-05-04-oliva-creative-factory/>)

Fig. 24 | Fundadores da Fábrica do Teles (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 25 | Primeiras obras da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó – Fase I (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 26 | Fase I (1906-1908) e ampliação da Fase II (década de 1950) – Arq. Sequeira Braga (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 27 | Esquema das novas valências da Fábrica de Santo Thyrsó em planta (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 28 | Incubadora iMOD (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 29 | Nave cultural (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 30 | Fachada da Fábrica de Santo Thyrsó (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 31 | Fachada da Fábrica de Santo Thyrsó (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 32 | Corredor de acesso à nave cultural, restaurante, lojas e praça (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 33 | Praça (Fonte: Exposição na Fábrica de Santo Thyrsó)

Fig. 34 | Fábrica de cimento existente depois do processo de desmatção, onde Bofill começou o projeto de renovação. (Fotografias: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 35 | Fábrica de cimento em processo de intervenção. (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 36 | Planta programática do primeiro piso de La Fabrica, Ricardo Bofill (Fotografias: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 37 | Escritório da Fábrica de Bofill (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 38 | Escritório da Fábrica de Bofill (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 39 | Sala com 10 metros de pé-direito onde alguns dos cilindros de cimento foram mantidos da antiga fábrica (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 40 | Sala com 10 metros de pé-direito onde alguns dos cilindros de cimento foram mantidos da antiga fábrica (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 41 | Sala de estar da parte residencial da Fábrica de Bofill (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 42 | Sala de estar da parte residencial da Fábrica de Bofill (Fotografia: Taller de Arquitectura Ricardo Bofill)

Fig. 43 | Planta da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Sucursal Alvarães, Piso 1 | Década de 30 (Desenho cedido pelo proprietário da Fábrica)

Fig. 44 | Planta da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Sucursal Alvarães, Piso 2 | Década de 30 (Desenho cedido pelo proprietário da Fábrica)

Fig. 45 | Esquema explicativo do edificado | Planta aérea (Autor)

Fig. 46 | Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Sucursal de Alvarães. Desenhos do projecto das construções a efectuar para cumprimento da lei e respectivo regulamento de salubridade pública e urbana, 1948 - Refeitório (Desenho cedido pelo proprietário da Fábrica)

Fig. 47 | Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Sucursal de Alvarães. Desenhos do projecto das construções a efectuar para cumprimento da lei e respectivo regulamento de salubridade pública e urbana, 1948 - Balneários (Desenho cedido pelo proprietário da Fábrica)

Fig. 48 | Planta esquemática do estado de conservação do existente (Autor)

Fig. 49 | Fachada Principal Poente - Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 50 | Fachada Principal Poente - Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 51 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea)
(Fotografia do autor)

Fig. 52 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea)
(Fotografia do autor)

Fig. 53 - Contraste tecnológico, Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 54 - Contraste tecnológico, Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 55 | Parede estrutural da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 56 | Parede estrutural da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães - Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 57 | Gallery Shenzhen, China O-OFFICE Architects, 2014 (https://www.archdaily.com/489436/z-gallery-o-office-architects?ad_medium=gallery)

Fig. 58 | Gallery Shenzhen, China O-OFFICE Architects, 2014 (https://www.archdaily.com/489436/z-gallery-o-office-architects?ad_medium=gallery)

Fig. 59 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea) (Fotografia do autor)

Fig. 60 | Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Vista Aérea) (Fotografia do autor)

Fig. 61 | Antiga cantina da Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 62 | Interior da antiga cantina Fábrica Jerónimo Pereira Campos em Alvarães, Viana do Castelo (Fotografia do autor)

Fig. 63 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor do forno francês (PISO RÉ S DO CHÃO)

Fig. 64 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor do forno de francês (PISO RÉ S DO CHÃO)

Fig. 65 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor dos fornos de grês (PISO RÉ S DO CHÃO)

Fig. 66 | Fotografia do interior da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães antigo setor dos fornos de grês (PISO 1)

Fig. 67 | Proposta de reabilitação para a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães (PISO RÉ S-DO-CHÃO)

Fig. 68 | Proposta de reabilitação para a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Alvarães (PISO 1)

